



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARCIA MOREIRA DE ARAÚJO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SUAS PRÁTICAS
SINGULARES SUSTENTÁVEIS NO PROCESSO OSMÓTICO
COMUNIDADE ESCOLA

VITÓRIA

2016

MARCIA MOREIRA DE ARAÚJO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SUAS PRÁTICAS
SINGULARES SUSTENTÁVEIS NO PROCESSO OSMÓTICO
COMUNIDADE ESCOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração Cultura, Currículo e Formação de Educadores.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação,
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

A663e Araújo, Márcia Moreira de, 1972-
Educação ambiental em suas práticas singulares
sustentáveis no processo osmótico *comunidadeescola.* / Márcia
Moreira de Araújo. – 2016.
229 f. : il.

Orientador: Martha Tristão.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação ambiental. 2. Professores – Formação. 3.
Subjetividade. 4. Sustentabilidade. I. Tristão, Martha, 1957-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III.
Título.

CDU: 37

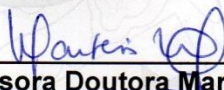
MARCIA MOREIRA DE ARAÚJO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SUAS PRÁTICAS SINGULARES SUSTENTÁVEIS NO PROCESSO OSMÓTICO COMUNIDADE ESCOLA

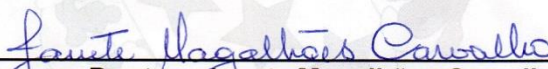
Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutora em
Educação.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2016.

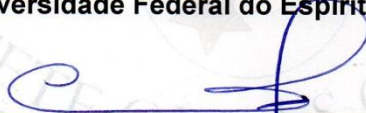
COMISSÃO EXAMINADORA



Professora Doutora Martha Tristão
Universidade Federal do Espírito Santo



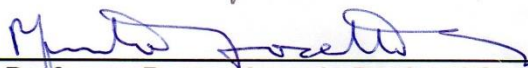
Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo



Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo



Professora Doutora Michele Tomoko Sato
Universidade Federal de Mato Grosso



Professor Doutor Antonio Donizetti Sgarbi
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

RETALHOS ¹

Escrevo retalhos feitos de palavras,
Que se transformam em texto.
Quando as escolho em momentos de inspiração,
Escrevo, apago e novamente tento formar o que seria a composição perfeita.
Mas, nem sempre estou contemplado em inspiração: observo, penso, pesquiso..
Busco em meu pensamento o desenrolar do enredo.
Às vezes, paro pelo caminho.
Às vezes rapidamente consigo traduzi-las.
Essas imagens abstratas no meu pensamento,
Vão se tornando concretas a cada sentido que as dou.
São expressões das conexões que faço com a vida. Essa vida que me leva a vagar
entre histórias que ouvi, e outras que eu mesmo criei. Sou ser que passa pelos
passos, onde transito entre sutilezas, amores, alegrias e tristezas
Adjetivando-me por caminhos que nem sempre me sinto feliz.
Brincar ou lidar com as palavras emoldura sentidos para o novo.
São lindas e perigosas,
Considerada erudição e a crença dos inteligentes.
É a absorção e a arma dos que querem ser deuses.
Mas, em sua pura clareza, as palavras em sua junção,
Revigora os múltiplos aspectos da vida.
Nos tira da solidão, pois conversamos com elas. Ao sentenciarmos, as condenamos,
quando não são aceitas pelo terror que condena a liberdade.
Peregrinar em busca da palavra perfeita.
E o sentimento de fazer com maestria, surgem do sutil instante que nos foi
concebido por elas.
Não sou mecânico das palavras,
Sou apenas um simples condutor, que se alegra diante do consentimento de estar
diante delas.

¹De autoria de um amigo que **cuidoamocompartilho** há 20 anos (Israel Muniz Guimarães), escrito em 25/08/13. Foi gestor durante nove anos na escola onde iniciei no exercício da docência, e faz parte dessa rede **formativapolítica** de vivências que tecemos na formação de educador/a. O texto se aproxima de meu **pensamentopesquisa**.

À Zuca, minha mãe (*in memoriam*), pelas aprendizagens a partir da reinvenção diante das ausências inexplicáveis da vida. *Saudades!*

PERNAS E FLUXOS- No sentido grato da palavra!

*Hoje aprendi a caminhar, a olhar e gostar de cada passo dado até aqui.
Vislumbro a cada novo movimento, as possibilidades no encontro e diálogos.
Nesse fazer e nessa análise de meu ser, de meu momento existencial no aprender a
ser humano,
Deparo-me ao andar sem me importar com o que é físico.
Andamos com a mente, andamos para além de uma direção pré-estabelecida.
Deslocamentos possíveis quando a ação é potencializada no encontro com o outro
E nesse andar, o que há de mais belo, de mais bonito,
configura-se na capacidade de aprender, de nos mover.
E com você, movimento-me no sentido existencial!
Obrigada Binus² por suas pernas me trazerem até aqui.
Obrigada por aprender ao te ver lutar e (re) existir.
Fluxos de uma vida positiva no devir pássaro, que voa pela imaginação e desejos
que para além do que nos move,
vive em nós a sensibilidade de perceber-nos potentes no encontro com obstáculos
de vida.
Amo você! e através desse amor agradeço.*

A Deus!

*A meu Pai amado (grande ser, potência na minha vida!); irmãos e irmã amigos/a e
queridos/a),
A meu Filho Lucas e à minha filha Tainah ; rizomática produção no meu devir
revolucionário
À minha nora (Fernanda) e a meu genro (Ícaro) ; querido/a , filho/a agregado/a,
(nós - entrenós) nesse rizoma familiar*

² Meu irmão do meio, que tomou conta de mim na infância e toma até hoje. ***Irmãopaiamigo.*** Acidentou-se em Junho de 2015 e amputou a perna esquerda. Momento paralisante na escrita dessa tese.

À minha neta querida Júlia, estrela que iluminou meu ser nesse ano, no apagar de algumas luzes - Paixão alegre! - Afeto em minha existência.

A minha orientadora, Profª Drª Martha Tristão ; Obrigada Martha! 9 anos de aprendizagens, de afetos. Você é querida, amiga, solidária!

Aos Professores Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho, pelo encantamento produzido ao ensinar sobre a potência de uma pesquisa.

Aos demais professores/as do PPGE-UFES, em especial, ao encantador Profº Drº Hiran Pinel, pela acolhida e afetuosa parceria na produção acadêmica.

*A meu **parceiroamigo**, excelente encontro em meio ao desafio de refazer-se na tristeza, diante de tantas perdas; pois não é fácil cultivar bons encontros em um mundo sustentado por forças tristes.*

Aos pesquisadores/as do NIPEEA-UFES-ES, pela experiência compartilhada, pelos bons encontros e fecundas discussões na e pela pesquisa.

A meus/minhas amigos/as, educadores/as no geral, nas múltiplas redes que integram-me e multiplicam-me nessa existência: Piúma, Anchieta, Guarapari, Cachoeiro de Itapemirim no ES . Especialmente aos que me acolheram em seus espaços para pesquisar.

*Aos **amigosparceiros** de todas as horas; presenças potencializadoras do meu ser. E a eles e elas, educandos/as, educadores/as que me enredaram no **fazersabersersendo** professora...*

Valeu gente! Foi incrível o caminho percorrido até aqui!

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária, etc.

DELEUZE & GUATTARI (1995, p. 12)

RESUMO

Esta pesquisa discute e problematiza a fragmentação/dissociação dos saberes, e dialoga com a teoria da complexidade (MORIN, 2006), na proposição da junção pela *educação ambiental*. Narra os “acontecimentos e agenciamentos” (DELEUZE, 1992), nos processos osmóticos da *comunidade escola*. Por uma osmose de interação (MATURANA, 2001) e novas configurações a partir do que é tecido na comunidade como práticas singulares (GUATTARI, ROLNIK, 2011) em educação ambiental que potencializam a região Sul Capixaba. Neste sentido, esta tese problematiza a relação de algumas comunidades locais dos municípios da região Sul Capixaba, a situação social e as práticas de gestores ambientais e docentes, perante a instalação de grandes empreendimentos de cunho exploratório no meio natural que afetam a dinâmica socioambiental na localidade. Diante dessa problemática, a pesquisa discute possibilidades de compreender de que forma essas práticas, denominadas “singulares”, acontecem em processos de singularização (DELEUZE; GUATTARI, 1992), por meio da formação dos gestores, docentes e discentes em seu *locus* de atuação, numa cartografia desses *saberes-fazer-poderes* em Educação ambiental. Na pesquisa *cartográfica/rizomática*, transversalizamos nosso aporte metodológico com os princípios do Método Cartográfico (PASSOS, KASTRUP, 2010), num processo híbrido com estudos do conhecimento rizomático (DELEUZE, GUATTARI, 1995). As práticas educativas e sociais engendradas na localidade foram evidenciadas com as narrativas em educação ambiental (HART, 2003; TRISTÃO, 2013), na articulação de ideias a respeito do que está acontecendo e do que podemos falar sobre direções e possibilidades para o futuro em relação às nossas investigações atuais. Analisamos *fazer-saberes-poderes* em *educação ambiental* presentes nessas práticas singularizadas em prol de sustentabilidades por outros modos de subjetivação. A pesquisa problematiza as biopolíticas/biopoderes locais em face às imposições dos agenciamentos capitalísticos. Cartografamos os fluxos em *educação ambiental* na região Sul Capixaba nos encontros com gestores/as, educadores/as, educandos/as, em reuniões dos Comitês de Educação Ambiental de Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim/ES, na EEEFM “Filomena Quitiba”, em Piúma/ES e nos movimentos culturais da localidade.

Palavras-chave: Educação ambiental, Práticas sustentáveis, singularidade potências.

ABSTRACT

This research discusses and questions the fragmentation / dissociation of knowledge and dialogue with complexity theory (MORIN, 2006), the joint proposal by the environmental education. Narrates the "events and assemblages" (Deleuze, 1992), the osmotic processes *comunidadeescola*. By an interaction osmosis (Maturana, 2001) and new settings from what is woven in the community as unique practices (Guattari, ROLNIK, 2011) in environmental education that enhance the Sul Capixaba region. In this sense, this thesis discusses the relationship of some local communities in the municipalities of the Sul Capixaba region, the social situation and the practices of environmental managers and teachers, before the installation of large projects of an exploratory nature in the natural environment that affect social and environmental dynamics in the locality . Faced with this problem, the research discusses possibilities to understand how these practices, called "natural" place in singling processes (Deleuze, Guattari, 1992), through the training of managers, teachers and students in their locus of action, a mapping of these *saberessaberespoderes* in environmental education. In cartographic / rhizome research, *transversalizamos* our methodological approach to the principles of Cartographic Method (STEPS, KASTRUP, 2010), a hybrid process with studies of rhizome knowledge (Deleuze, Guattari, 1995). Educational and social practices engendered in the locality were evidenced with the narratives in environmental education (HART, 2003; TRISTAN, 2013), the articulation of ideas about what is happening and what we can talk about directions and possibilities for the future in relation to our current investigations. *Fazeressaberespoderes* analyzed in environmental education in those singled practices on sustainability to other modes of subjectivity. The research discusses the biopolitics / local biopower in the face of impositions of capitalistic assemblages. *Cartografamos* flows in environmental education in South Capixaba region in meetings with managers / as, educators / as, students / as in meetings of the Environmental Education Committee of Vila Velha and Itapemirim / ES in EEEFM "Filomena Quitiba" in Piuma / ES and cultural movements of the locality.

Keywords: Environmental education, sustainable practices, singularities and powers.

RÉSUMÉ

Cette recherche examine les questions et la fragmentation / dissociation de la connaissance et le dialogue avec la théorie de la complexité (MORIN, 2006), la proposition conjointe de l'éducation environnementale. Raconte les «événements et assemblages» (Deleuze, 1992), le processus osmotique comunidadeescola. Par une osmose d'interaction (Maturana, 2001) et les nouveaux paramètres de ce qui est tissé dans la communauté en tant que pratiques uniques (Guattari, ROLNIK, 2011) dans l'éducation environnementale qui améliorent la région Sul Capixaba. En ce sens, cette thèse traite de la relation de certaines communautés locales dans les municipalités de la région Sul Capixaba, la situation sociale et les pratiques des gestionnaires et des enseignants de l'environnement, avant l'installation de grands projets de nature exploratoire de l'environnement naturel qui affectent les dynamiques sociales et environnementales dans la localité . Face à ce problème, la recherche examine les possibilités de comprendre comment ces pratiques, appelées lieu «naturel» à singulariser processus (Deleuze, Guattari, 1992), grâce à la formation des gestionnaires, des enseignants et des étudiants dans leur lieu d'action, une cartographie de ces saberesfazerespoderes dans l'éducation environnementale. Dans la recherche cartographique / rhizome, transversalizamos notre approche méthodologique aux principes de la Méthode Cartographique (STEPS, Kastrup 2010), un processus hybride avec des études de la connaissance de rhizome (Deleuze, Guattari, 1995). Les pratiques éducatives et sociales engendrées dans la localité ont été mis en évidence avec les récits dans l'éducation environnementale (HART, 2003; TRISTAN 2013), l'articulation des idées sur ce qui se passe et ce que nous pouvons parler de directions et possibilités pour l'avenir en ce qui concerne à nos enquêtes en cours. Fazeressaberespoderes analysés dans l'éducation environnementale dans les pratiques pointés sur la durabilité à d'autres modes de subjectivité. La recherche traite de la biopolitique / biopouvoir locale face aux impositions des assemblages capitalistes. Cartografamos coule dans l'éducation environnementale dans la région du Sud Capixaba à des réunions avec les gestionnaires / comme, éducateurs / que, les étudiants / comme dans les réunions du Comité de l'éducation environnementale de Vila Velha et Itapemirim / ES dans EEEFM "Filomena Quitiba" dans Piuma / ES et les mouvements culturels de la localité.

Mots-clés: éducation environnementale, les pratiques durables, Singularités et pouvoirs.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Orla de Piúma/ES- Praia Acaiaca.....	19
IMAGEM 2 - Foto aérea de parte da região Sul litorânea, compreendendo os municípios de Anchieta, Piúma e Itapemirim, ES. Região atualmente afetada por estudos e sondagens da exploração petrolífera.....	25
IMAGEM 3 - Festival Cultural na comunidade- Agosto/setembro de 2015.....	29
IMAGEM 4 - Prática singular – Produção de Mostra fotográfica. Junho/2015.....	31
IMAGEM 5 - Mapa das plataformas de Petróleo no litoral Sul Capixaba e sua área de desembarque-embarque direta.....	32
IMAGEM 6 - Área de abrangência da pesquisa.....	32
IMAGEM 7 - localização da pesquisa / elaborado pela pesquisadora.....	33
IMAGEM 8 - Imagem-potência dos bancos de corais da região litorânea Sul Capixaba. Diversidade biológica = vida!.....	35
IMAGEM 9 - Projeto da estrutura portuária para transporte e armazenamento do setor petrolífero na região litorânea Sul Capixaba.....	37
IMAGEM 10 - Acidente Vale/ Samarco. Nov/2015.....	39
IMAGEM 11 - Comunidades no entorno do Rio Doce, MG- Acidente PROVOCADO pela Samarco/Vale em Novembro de 2015.....	40
IMAGEM 12 - Catador de conchas- artesãos em Piúma/ES.....	44
IMAGEM 13 - “Chama-maré”, espécie endêmica de crustáceo dos manguezais no litoral Sul Capixaba.....	50
IMAGEM 14 - Discentes da EEEFM Filomena Quitiba, na Conferência Estadual Infante Juvenil de Meio Ambiente. Junho de 2014.....	52
IMAGEM 15 - Discentes da EEEFM “Filomena Quitiba”, na Conferência Regional Infante Juvenil de Meio Ambiente. Abril de 2014.....	54
IMAGEM 16 - Prática Singular – apresentações culturais na escola- História e tradição local.....	56
IMAGEM 17 - Plantio de árvores da Escola “Filomena Quitiba”– Atividade desenvolvida em Projetos.....	57

IMAGEM 18 - Piúma/ES. Ao fundo, o Monte Aghá (Monte de Ver Deus !- na linguagem indígena).....	58
IMAGEM 19 - Saguis (<i>Callithrix geoffroyi</i>), espécie endêmica no Bioma Mata Atlântica, especialmente em MG e no ES. Essa foto foi tirada na entrada do NIPEEA na UFES-ES, dia de aula no doutorado-encontro no grupo de pesquisa.....	60
IMAGEM 20 - Algumas atividades socioambientais e culturais no ES.....	62
IMAGEM 21 - Construção de Jirais na Escola.....	64
IMAGEM 22 - O Jiral.....	66
IMAGEM 23 - Grupo de educandos/as e técnico na elaboração do mural.....	67
IMAGEM 24 - Reunião com os educadores ambientais da Região Sul – Grupo de Gestores no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim. Maio de 2014.....	70
IMAGEM 25 - Catador de Conchas- artesão na coleta diária das conchas em Piúma-ES.....	72
IMAGEM 26 - Reunião Comitê de educação ambiental da SRE Vila Velha- ponto de deslocamento da pesquisa- Abril de 2014.....	74
IMAGEM 27 - Cronograma de uma das reuniões do comitê.....	75
IMAGEM 28 - Piúma: Cidade das Conchas !.....	77
IMAGEM 29 - Artesanato com conchas.....	78
IMAGEM 30 - 1ª Feira de trabalhos pedagógicos no litoral Sul – Prática Singular na Educação Infantil.....	80
IMAGEM 31 - Mapa dos Municípios Capixabas.....	82
IMAGEM 32 - Redes de conversações no Comitê de Cachoeiro de Itapemirim.....	83
IMAGEM 33 - Escolas visitadas na região Sul Capixaba.....	84
IMAGEM 34 - Plataforma instalada na Costa Sul do ES em 2014-2015. P-34 – antes do acidente em 2015. Flutuante atualmente.....	85
IMAGEM 35 - A Catadora de conchas.....	87
IMAGEM 36 - Outros movimentos dos corpos no plantio de mudas/interações na prática singular.....	91
IMAGEM 37 - Conchas coletadas para artesanato.....	93

IMAGEM 38 - Movimento cultural e folclórico de Presidente Kennedy, ES.....	95
IMAGEM 39 - Ações de coleta de resíduos: separação e análise do que a comunidade descarta- Escola Filomena Quitiba/ Instituto Federal do ES- Campus Piúma.....	98
IMAGEM 40 - O Catador de conchas.....	99
IMAGEM 41- Trabalhos em exposição no mural da Escola.....	101
IMAGEM 42 - Palestra de Edgar Morin na Rio + 20, 2012. RJ.....	102
IMAGEM 43 - Evento paralelo ao evento oficial na Rio + 20- RJ.....	105
IMAGEM 44 - Jovem Rebeca Rivas, estudante que foi para Brasília na Conferência Infante Juvenil de Meio Ambiente nas Escolas.....	107
IMAGEM 45 - Comunidade mobilizada pela Jovem Rebeca Rivas. Mimoso do Sul /ES.....	108
IMAGEM 46 - Coletivo Jovem.....	109
IMAGEM 47 - Estudantes selecionados como delegados na Conferência Regional de Meio Ambiente nas escolas- Escolas de Vila Velha, Guarapari, Anchieta e Piúma.....	110
IMAGEM 48 - Estudantes selecionados como delegados na Conferência Estadual de Meio Ambiente nas escolas- EEEFM “ Professora Filomena Quitiba”.....	111
IMAGEM 49 - Áreas de reserva ambiental categorizadas de acordo com o SNUC- MMA- Brasil	115
IMAGEM 50 - Visita de estudos a Regência/ES, em 2014. Atualmente sequer sabemos as condições da fauna local. Área atingida pelo Acidente Samarco/Vale. Prática Singular!.....	116
IMAGEM 51 - Fluxos da pesquisa: acompanhando o Encontro Regional para elaboração de propostas para o Programa Estadual de Educação Ambiental no ES.....	126
IMAGEM 52: Anúncio do Encontro Estadual em Educação Ambiental , 2014.....	127
IMAGEM 53 E 54 - Pesquisadores em Educação Ambiental do NIPEEA-UFES- acompanhado os fluxos da Rio + 20. UFES-ES sob a coordenação da Profª Drª Martha Tristão.....	128

IMAGEM 55 - Momento ímpar na pesquisa e na formação acadêmica. Aproximações teóricas e físicas com um dos maiores intercessores teóricos de nossas pesquisas em Educação ambiental- Edgar Morin. Rio + 20, 2012. Com a orientadora dessa tese: Professora Dr ^a Martha Tristão.....	129
IMAGEM 56 -NIPEEA- UFES e tutores selecionados para o curso de aperfeiçoamento em Educação Ambiental, 180h, NEAAD-UFES-ES.....	131
IMAGEM 57 - Logomarca do Processo Formador de Educação Ambiental a distância.....	132
IMAGEM 58 E 59 - Convite Aula inaugural do Processo de formação em Educação Ambiental em Piúma(região litorânea Sul Capixaba) e Cachoeiro de Itapemirim.....	133
IMAGENS 60 E 61 - Folder e Seminário Final do Curso- 2 ^a Oferta em educação Ambiental- Cachoeiro de Itapemirim/ES- Momentos formativos no Sul Capixaba.....	135
IMAGENS 62 E 63 - Educação Ambiental “acontecendo” nas Escolas de Atilio Vivácqua e na Comunidade de Castelo, ES.....	137
IMAGEM 64 E 65 - Momentos de formação dos Educadores Ambientais no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES- NOV- 2014.....	139
IMAGEM 66 - Oficina de sabão a partir do óleo usado, por presidiários do Setor penitenciário de Cachoeiro de Itapemirim.....	140
IMAGEM 67 - Educadores ambientais do Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES.....	146
IMAGEM 68 - Um olhar digital sobre o meu lugar- enredamentos na pesquisa-construção coletiva dos educadores ambientais do Sul Capixaba- Potência na ação e pela educação ambiental do local. As quatro imagens escolhidas no processo de registro com fotografias.....	149
IMAGEM 69 - Pesquisa em construção para o Programa Estadual de Educação Ambiental.....	150
IMAGEM 70 - Palestra Educação ambiental e Inferências/participação. Maio de 2015.....	151
IMAGEM 71 - Ser/sendo catador de Conchas.....	154

IMAGEM 72 - Estudantes apresentando as ideias debatidas na Feira pela Sustentabilidade- Projetos escolares.....	157
IMAGEM 73 - Feira de Ciências na escola- inventando formas sustentáveis na existência- Projeto de captação de energia limpa – 2º ano M01.....	159
IMAGEM 74 - Apresentações culturais na escola com a história e a tradição da comunidade.....	160
IMAGEM 75 - limpeza das praias do litoral Sul Capixaba. Agosto de 2014.....	164
IMAGEM 76 - Analogia para as 3 dimensões da Escola Sustentável.....	169
IMAGEM 77 - Mandala da estrutura de uma escola sustentável- sem hierarquias , preconiza ações coletivas e discussões fecundas com a comunidade.....	170
IMAGEM 78 E 79 - Formação continuada SEDU-ES- temas transversais no currículo e nas práticas. Entre eles, a educação ambiental e a diversidade.....	171
IMAGEM 80 - Feira de Ciências tem o tema Luz, ciência e vida. Precisamos de ideias novas , sustentáveis para apresentação em forma de projetos.....	173
IMAGEM 81 - Aula de artes na escola e de Inglês- sensibilização na relação de dominância histórica do povo brasileiro.....	174
IMAGEM 82 - Práticas singulares na escola.....	175
IMAGEM 83 - Tradicional ponto cultural de Cachoeiro de Itapemirim/ES.....	186
IMAGEM 84 - Educadores e outros membros da comunidade que integram o Instituto Histórico e Geográfico de Piúma.....	191
IMAGEM 85 - Festa das Canoas- Marataízes/ES.....	192
IMAGEM 86 - Subida ao Monte Aghá. “ Monte de Ver Deus”- Itapemirim/ES.....	193
IMAGEM 87 - Carnaval de Piúma de 2016.....	194
IMAGEM 88 - Culinária capixaba.....	195

SUMÁRIO

“NAVEGAR É PRECISO”..... 19

**CAP. 1- *EDUCAÇÃO AMBIENTAL* COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZ (AÇÃO)
NO PANOPTISMO NA REGIÃO SUL DO ESPÍRITO SANTO.....44**

1.1- PENSAR, SABER E PRATICAR SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS –
SUPERFÍCIES POROSAS NO TURBILHÃO DAS AÇÕES..... 58

1.2- ROTAS DE NAVEGAÇÃO NA INVENÇÃO AUTOPOIÉTICA.....70

1.3- *EDUCAÇÃO AMBIENTAL* NA (RE) INVENÇÃO COMUNITÁRIA..... 77

1.4- *EDUCAÇÃO AMBIENTAL* NOS DIÁLOGOS, PERCEPTOS, AFECTOS..... 90

**CAP. 2- POR ANDANÇAS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL -
VIVÊNCIAS E TESSITURAS..... 99**

2.1- NARRATIVAS NA ECOSSOCIABILIDADE- DEVIR SUSTENTÁVEL.....106

2.2- OSMOSE PELA AÇÃO COMUNITÁRIA- *EDUCAÇÃO AMBIENTAL* E A
FORMAÇÃO COM E NA COMUNIDADE LOCAL.....116

2.3- NARRATIVAS DOS EDUCADORES AMBIENTAIS- *NÓS E ENTRENÓS*-
CÉLULAS PLASMOLISADAS E INTERSTÍCIOS PARA A POTÊNCIA DA E NA
AÇÃO.....136

CAP 3- AMOR E POESIA, CANÇÃO E CANTORIA: <i>EDUCAÇÃO AMBIENTAL</i> POR OUTRAS VIAS CONSIDERADAS.....	154
3.1- SINGULARIDADES NOS MODOS SUBJETIVOS DE SER COM E PELA <i>EDUCAÇÃO AMBIENTAL</i>	164
3.2- PERSONAGENS PRODUZIDOS COM AS LENDAS LOCAIS.....	175
3.3- BONS ENCONTROS E OUTRAS VIAS NA EXISTÊNCIA.....	186
MAR à VISTA... MAIS UM PORTO PARA ANCORAR!	196
REFERÊNCIAS	199
ANEXOS	207
ANEXO 1- TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL.....	208
ANEXO 2 - REDES QUE INTEGRAM A REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (REBEA/2016).....	217
ANEXO 3- CARTA ABERTA SOBRE A SITUAÇÃO AMBIENTAL COM A INSTALAÇÃO PORTUÁRIA NA REGIÃO SUL CAPIXABA.....	220
ANEXO 4- PORTARIA Nº 235-R, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2014- INSTITUI OS COMITÊS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ES.....	225

“NAVEGAR É PRECISO”³



Imagem 14- Orla de Piúma/ES- Praia Acaiaca.
Autoria : Victor Zetum

“Por que se escreve? É que não se trata de escritura. [...] Escrever não tem outra função: ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos – todos os devires-minoritários do mundo”. (DELEUZE, 1995, p.63)

³ Transcendendo a inspiração de Fernando Pessoa, escrito em seu poema “Navegar é preciso, viver não é preciso”, a apropriação dessa frase inspira-nos a iniciar um diálogo para produzir um sentido introdutório, pelo movimento inconstante proporcionado na navegação, com afirmação da e pela vida.

⁴ Escrevemos com muitas imagens, a partir da ideia de perceptos de Deleuze & Guattari (1992,p.218), “*Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles*”.

Ao sair do cais do porto, a navegação rompe com um sentido estático e paralisante, para lançar-se ao mar em busca de cardumes ou bancos com espécies viventes para captura, provendo meios de sobrevivência em algumas comunidades. Ofício de muitos anos, artesanal ou técnico, o ato de pescar envolve conhecimentos acerca do que se deseja capturar, mas rompe com uma linearidade ao deparar-se com modificações ambientais e biológicas que assim, provocam uma abertura à criatividade, ressignifica conhecimentos antigos e modos de existência.

A educação ambiental se insere no âmbito comunitário por muitas vias, e propõem uma abertura a *novasoutras* racionalidades que nos permite entender processos de mudanças ambientais que influenciam direta ou indiretamente nos modos culturais. Assim, embarcamos⁵ em uma nau pelos *saberesfazeresfazeres*⁶ potentes em ***educaçãoambiental***⁷ que “acontecem” na região Sul Capixaba.

No exercício da docência, com início datado em 1991, aproximações com a educação ambiental “aconteceram” no movimento de toda comunidade por uma sensibilização em relação a Lagoa de Iriri⁸. Cartografamos fluxos e outros modos existenciais na comunidade que afetavam esse meio hídrico e assim ,a educação ambiental se entrelaçou com diversos fazeres pedagógicos, nos constituindo e nos movimentando num devir político e revolucionário, problematizando questões de enfrentamento da/na comunidade, em especial, nas relações culturais existentes e

⁵ “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”. (DELEUZE ; GUATTARRI, 1995, p. 11)

⁶ A junção proposital das palavras, com base no conhecimento em redes, proposto pelos pesquisadores/as com o cotidiano, coordenados/as no PPGE pelo Profº Drº Carlos Eduardo Ferraço, provoca uma abertura de pensamento para o que está enraizado, junto, evitando ser fragmentado. Parte para a ideia do conhecimento em redes, rizomado, que essa pesquisa propõe para discussão.

⁷ Junção das palavras na construção rizomática os acontecimentos ou das osmose. Atualmente, coaduna com as redes sociais em #RecriarNovasExpressões. Segundo Hart (2005, p. 77); “ acerca da adjetivação ou subjetivação da “ educação” e do “ ambiente”. Duas palavras próprias, com saberesfazerespoderes singulares que buscam ser conjugadas sempre em comunhão.

⁸ Balneário localizado em Anchieta-ES.

negligenciadas com a instalação de empresas extrativistas⁹ de pequeno, médio e grande porte.

Questões que relacionam as práticas docentes com a potência comunitária têm sido discutidas nos últimos anos sob diferentes perspectivas teóricas, no sentido de problematizar os fatores históricos que contribuíram para os problemas inerentes à profissão do educador/a, a sua formação, bem como de cunhar novas possibilidades que possam configurar ou (re) configurar um processo de análise e estudos sobre a atuação docente e a relação com o agir comunitária nos embates ou processos dialógicos junto a empresas que se instalam na região Sul do Espírito Santo.

Neste sentido, esta tese problematiza a relação de algumas comunidades locais dos municípios da região Sul Capixaba, a situação social e as práticas de gestores ambientais e docentes, perante a instalação de grandes empreendimentos nessa mesma região. Diante dessa problemática, a pesquisa discute possibilidades de empreender, por meio da formação dos gestores, docentes e discentes em *seu lócus* de atuação, uma cartografia desses *saberesfazerespoderes* em Educação ambiental e de que forma essas práticas, que aqui denomino singulares, pois segundo Deleuze e Guattari (1992) podem “acontecer” em processos de singularização.

Processos de singularização que nos permite compreender como o poder social produz modos de reflexividade, ao mesmo tempo em que questiona e limita outras formas de sociabilidade. Minimizando e produzindo novas formas de desejo, operam normas sociais e governam a subjetivação ao circunscrever o domínio de sociabilidade de uma existência plena. Assim, de acordo com o autor que nos ajuda a compreender esses processos; Peixoto Junior (2004,p. 06), podemos entender:

⁹ Relação de extração de produtos naturais do meio local, como rochas, pescados e vegetais.

Singularidades nômades, livres da individualidade fixa do Ser infinito e dos limites sedentários do sujeito finito. Neste mundo dionisíaco da vontade de potência e da energia livre, deparamo-nos com algo que mesmo não sendo individual nem pessoal é capaz de ser singular e ao mesmo tempo plural; mundo no qual é possível saltar de uma singularidade para outra. Este é também o mundo do "se" e do "eles", irredutível à banalidade cotidiana, onde se elaboram os encontros e as ressonâncias que transbordam o universo representacional.

A pesquisa foi realizada com Gestores/as, educadores/as e estudantes de ensino médio que integram grupos coletivos, assim denominados de Comitês Regionais de Educação Ambiental¹⁰. A pesquisa teve início no Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha, com 4 encontros realizados. Paralelo aos dois primeiros encontros com o Comitê de Vila Velha, os fluxos acompanhados na pesquisa se deram também nas reuniões do Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, que discute questões sobre a região Sul Capixaba, num total de 12 encontros. Em seguida, nos deslocamos para aproximações com as práticas pedagógicas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Profª Filomena Quitiba", em Piúma, ES. Nessa escola, a pesquisa aconteceu com docentes e discentes.

Em participação nas reuniões desses coletivos, as ações planejadas e executadas bem como os momentos formativos têm contribuído para uma reflexão diante das imposições da cultura globalizadora e homogeneizante que assombra a localidade. Podemos considerar que esses coletivos atuam também com linhas de fuga, mesmo instituídos depois de algum tempo de atuação instituinte, assim descrito na narrativa da **coordenadora estadual dos Comitês Regionais**¹¹:

¹⁰ No desenvolvimento da pesquisa, os Comitês de Educação ambiental foram instituídos no "apagar das luzes" do Governo Estadual de Renato Casagrande, na transição para o novo governo, através da Portaria Nº 235-R, de 29 de dezembro de 2014 (Anexo 4) .

¹¹ Preservaremos os nomes dos intercessores nessa pesquisa. Mencionarei apenas seu contexto de atuação, por exemplo: Coordenador/a, educador/a, educando/a, gestor/a- onde referenciarei a cidade e outros grupos coletivos que descrevo nesse texto. Para Deleuze (1992), o intercessor é provocador do pensamento, quando esse pensamento faz seu jogo produtivo, faz por vias de manobras, deslocamentos.

Penso que conseguimos um espaço para nos encontrarmos e discutirmos nossas ações. Precisamos lutar para fazer acontecer a educação ambiental nas localidades, por isso, estamos estudando uma forma de instituir esse espaço, antes da transição do governo atual(2014-2015) para o próximo.

Deleuze e Guattari (1996, p. 79) problematizam sobre as linhas de fuga, pois essas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes de fazê-lo fugir, permitir escapar, pois não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de endurecer para vedar as linhas de fuga, pois os autores, assim nos inquietam:

A cada momento, o que foge em uma sociedade? É nas linhas de fuga que se inventam armas novas, para opô-las às armas pesadas do Estado, e “pode ser que eu fuja, mas ao longo da minha fuga, busco uma arma. [...] Contudo, de modo mais frequente, um grupo, um indivíduo funciona ele mesmo como uma linha de fuga; ele a cria mais do que a segue, ele mesmo é a arma viva que ele forja, mais do que se apropria dela.
(DELEUZE;GUATTARI, 1996, P. 79)

O termo “**Processo Osmótico**” que intitula e se entrelaça nos conceitos apresentados nessa pesquisa, faz parte do plano de composição da formação autopoietica do individuo, que nessa pesquisa nomeamos de sujeitos autopoieticos, por se refazerem a partir dessa integração social por uma vertente que transcende o conceito biológico, citológico do meio celular. Maturana & Varela (2001, p. 61), explicam sobre esse processo osmótico como forma de interação. Ao reagir com uma molécula determinante, a célula incorpora-a a seus processos e as consequências dessa interação não podem ser determinadas, mas dependem da maneira como ela é tomada pela célula, sendo incorporada em sua dinâmica autopoietica¹². As mudanças que derivam dessa interação são determinadas pelo próprio indivíduo, configurando-os como unidades autônomas, e nessa tese, como singulares.

¹² Autopoiese é um conceito criado pelo biólogo Humberto Maturana e o médico Francisco Varela , para compreender processos de integração e resignificação biológica de acordo com as interações do indivíduo com o meio. Na dissertação de mestrado utilizamos o termo “sujeitos autopoieticos”, assim como vamos nos referir aos sujeitos dessa tese, para compreender processos de formação em de educadores/as em educação ambiental.

A educação ambiental praticada e ressignificada articulam discussões em torno de promover uma comunidade mais justa, participativa, de caráter solidário diante da possibilidade de (re) existir a partir do que invade os espaços territoriais no seio comunitário. Essa (re) existência parte de uma exterioridade, na relação entre poder e resistência, residindo esses, segundo Foucault (1998, p. 91), numa correlação de forças, que não promove apenas um subproduto negativo, mas o sentido de estar em cada ponto dessa correlação, numa intensividade e extensividade variáveis, pensando assim, **resistências** no plural, pois, o autor assim contextualiza:

Os pontos, os nós, os focos de resistência, disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos, de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis (FOUCAULT, 1979, P. 92)

A partir da tríade meio ambiente, sociedade e educação ambiental podemos relacionar essas práticas singulares com a historicidade dessas comunidades e a cultura presente, dentro de uma perspectiva sócia educativa e envolvendo questões complexas e conflituosas que a pesquisa qualitativa - cartográfica com o uso de narrativas propõe com ação dialógica, na tentativa de superar a concepção desses sujeitos que fazem educação ambiental como meros representantes, mas como participativos no processo decisório, compreendidos como protagonistas das novas políticas e segundo Tristão (2014), “ *uma vez que envolve o processo de “ser sendo” sujeito no coletivo, na relação com o mundo, com o meio ambiente e na sua compreensão e participação nos modos sustentáveis de vida*”.

Contextualizar a partir das narrativas, nos permite situar e cartografar pelas trilhas apresentadas por e através da pesquisa, assim, num hibridismo metodológico, a pesquisa cartográfica parte por essa via de análise traçando rumos, antes inimagináveis, denominados por Deleuze e Guattari (1995) como *fluxos*. Por esse viés metodológico, a pesquisa cartográfica é uma intervenção, pois sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática,

num mesmo plano de produção ou de co-emergência – plano de experiência, pois segundo Passos e Barros (apud PASSOS, 2009, p.92), *“todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos e crenças”*. Nessa perspectiva metodológica, nos aproximamos dos processos de singularização pela educação ambiental. Através das narrativas dos gestores, docentes e educandos/as que participam desse processo de desenvolvimento do litoral Sul Capixaba. Hart (2005, p. 16 e 17) alerta:

Há uma mudança na história da pesquisa educacional que analisa as narrativas dos docentes, afirmando que há uma crença em que o professor é simplesmente um instrumento de execução das decisões da escola, para uma visão em que ele é um agente inteligente na educação das crianças e representa uma nova perspectiva de pesquisa de desenvolvimento e empoderamento pessoal.



Imagem 2- Foto aérea de parte da região Sul litorânea, compreendendo os municípios de Anchieta, Piúma e Itapemirim, ES. Região atualmente afetada por estudos e sondagens da exploração petrolífera.

Autor : Deidson Ribeiro, 2016, vôo de parapgliter.

Discutir sobre as práticas/ações de docentes, discentes e atuação dos gestores nas escolas, na localidade e na relação comunitária, inquietou-nos e movimentou essa pesquisa para pensarmos a educação ambiental que “acontece na região Sul Capixaba”. Acontecimentos que ressignificam ações e contribuem para a potência da região Sul do ES. Essa região configura-se atualmente num cenário ambiental diversificado: com praias, lagoas, ilhas, manguezais e foi escolhida por empreendimentos de extração de petróleo e mineração, que ameaçam as comunidades locais e especificamente os grupos coletivos de artesãos, pescadores, marisqueiras e outros moradores que lidam de forma mais simples e harmoniosa com o meio em que vivem. Essa região estende-se numa exuberante faixa litorânea que se estende dos municípios de Anchieta a Presidente Kennedy, na divisa com o RJ.

A questão da formação do/a educador/a é um debate que interessa-nos desde os estudos realizados durante o mestrado, onde realizamos nossa pesquisa sobre *Educação Ambiental Numa Simbiose com a Tradição e História Local na Formação de Professores* (ARAÚJO, 2010). Partimos do pressuposto de que os docentes, em suas práticas, trabalham a educação ambiental de forma complexa e transdisciplinar. Os mesmos, denominados como sujeitos autopoieticos, migraram da Escola de Pesca de Piúma/ ES, com seu diferencial no currículo e no cotidiano, onde a educação ambiental era trabalhada como uma disciplina na formação de pescadores. Pela teoria da complexidade (MORIN, 2006) entrelaçamos a educação ambiental nesse processo formativo no terreno da história e da tradição, onde uma análise criteriosa foi elaborada com os sujeitos da pesquisa em suas narrativas sobre a colonização/ pós colonização de Piúma, no estado do ES. A partir dessa análise entendemos a situação da escola, seus fazeres na comunidade local e como ela contribuiu para a formação em educação ambiental dos docentes que lá atuaram.

Partindo desse pressuposto, nessa pesquisa empreendemos por uma investigação que nos aproximasse dos espaços/tempos de formação em educação ambiental e suas práticas docentes frente aos desafios apresentados diante desses

empreendimentos de cunho exploratório e a ‘promessa’ de progresso que se alastra pela região litorânea sul do ES.

Subjacente a essa questão maior, ainda há inquietações que pretendemos analisar nessa pesquisa:

- De que forma esse coletivo atua garantindo a tradição local frente aos empreendimentos globalizadores?
- Que *saberesfazerespoderes* estão substituindo os conhecimentos tradicionais e quais os movimentos de resistência existentes?
- Como a atuação dos docentes, gestores e discentes favorece a formação de uma cultura crítica, emancipatória e libertadora dos grupos coletivos frente aos atropelos do desenvolvimento econômico?
- Que estratégias, espaços de resistência e caminhos alternativos se abrem para as forças comprometidas com a democracia e a cidadania ativa?

Dessa forma, entendemos que as problematizações aqui expressas refletem apenas uma parcela da questão que envolve o tema da pesquisa, muitas outras poderiam emergir, no entanto para nós essas são relevantes, estão presentes nos debates contemporâneos sobre formação de professores e seu exercício da docência, bem como fazem parte das demandas que emergem de nossa vivência, exigindo de nós um olhar mais criterioso e mais político diante das questões envolvidas. Pensar na escrita que nos movimenta nessa pesquisa, nos direciona ao pensamento de Mil Platôs: *Capitalismo e Esquizofrenia*, uma vez que os autores assim abordam sobre a problematização de uma tese:

A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica. Uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito. [...] A maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou para fazer crescer uma multiplicidade valem perfeitamente de uma direção, por exemplo, linear, enquanto que uma unidade de totalização se afirma tanto mais numa outra dimensão, a de um círculo ou de um ciclo. Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis da combinação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14)

Através da formação em educação ambiental nesses espaços coletivos, alguns sujeitos atuam nessa militância pela educação ambiental, e se frustram com algumas atitudes que emergem nas relações comunitárias. Um dos interlocutores do Comitê de Educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES desvela em sua narrativa, os anseios dos educadores/as e gestores/as que integram essa pesquisa:

Sempre estamos aqui discutindo e outros “roubam” nossas ideias. Poxa, são mais de 15 anos de luta na educação e pela educação ambiental. Aí, vem alguém com sua ideia e se elege vereador. E o pior, não faz nada! Só usa no discurso.

Gestor/técnico Cachoeiro de Itapemirim- Comitê de Educação Ambiental- Cachoeiro de Itapemirim. No 1º encontro com esse grupo.

Por esse sentimento de frustração a partir de um saber empreendido, aplicado, o gestor/educador desvela nessa narrativa tipos de “*agenciamentos maquínicos*” (DELEUZE & GUATTARI,1995) no cenário político local. A partir desse conceito, podemos compreender “*que os grupos e os indivíduos contém microfascismos sempre a espera de cristalização*”. Mas, de que forma a educação ambiental contribui, ao produzir sentidos de potência por outros agenciamentos maquínicos e promove a multiplicidade dos agenciamentos coletivos? Como as multiplicidades podem ser rizomáticas e denunciar as pseudomultiplicidades arborescentes?

Segundo Deleuze & Guattari (1995), linhas e velocidades mensuráveis constituem um agenciamento. Agenciamentos maquínicos podem se direcionar para estratos que o fazem, como totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito. Não se conclui que o agenciamento opõe somente a certa resistência ou inércia à máquina abstrata¹³. Em certo nível há freio e resistência, em outros agenciamentos há variáveis que efetuam a máquina segundo o conjunto de suas relações. A máquina abstrata é sempre singular, designada por um nome próprio, de

¹³ Operam em agenciamentos concretos, definem-se pelo quarto aspecto dos agenciamentos: descodificação e desterritorialização. São singulares e imanentes. Ignoram formas e substâncias, por isso são abstratas.

grupo ou de indivíduo, ao passo que o agenciamento coletivo de enunciação é sempre coletivo, no indivíduo, como no grupo.



Imagem 3- Festival Cultural na comunidade- Agosto/setembro de 2015.

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Piúma/ES.

A partir da pesquisa de mestrado, várias ideias suscitaram nossas mentes frente aos empreendimentos de grande porte, de caráter extrativista, que se instalam na região Sul do ES. Emerge da/na comunidade sentimentos de esperança por um local “adequado” de (sobre) vivência. Sem esperar pelos bons ventos que sopram em uma pescaria, esse “desencanto” parte da necessidade que o pescador / morador local enfrenta para a valorização de seus *saberesfazer*s e por ter perdido seu espaço para outras profissões que atendam o mercado industrial. A partir daí, conseguimos num breve *insight* configurar a área de exploração petrolífera na região litorânea sul do ES e tentar entender de que forma essa comunidade tece redes de formação em educação ambiental que assegure a participação dos grupos coletivos e da comunidade nas audiências públicas gerenciadas por esses empreendimentos.

Pela lógica da globalização capitalista e os processos que a constituem (SANTOS, 2000), a cultura tornar-se-á homogênea e a mecanização poderá tomar conta do pensamento. Tais processos são variados por se apresentarem de forma diversa no

âmbito social. Na compreensão dessa lógica, a necessidade de um novo paradigma se discute (SANTOS, 2002) e a partir dele, novas racionalidades surgem no encontro da junção sociedade, cultura e natureza, sem dicotomizar esse termo, nem o desumanizar, encontramos na **educação ambiental**, o espaço de discussão de questões que emergem dessas vivências e que não encontram apoio ou ligação textual/semântica na disciplinarização apresentada até o momento. Segundo Tristão (2013, p. 15), “*A educação ambiental conduz um movimento identitário de potencializar a relação com o lugar habitado e de problematizar o sentido de estar / habitar /morar no planeta*”, em especial , na região litorânea Sul capixaba.

A região litorânea Sul Capixaba é composta por belas paisagens e uma heterogeneidade ambiental que apresenta características peculiares, com fauna e flora endêmica. O endemismo se caracteriza pela maneira essencial de um ser vivo habitar somente naquele ambiente, sem a possibilidade de estabelecer relações de alimentação e reprodução em outro local. Com a destruição do seu hábitat natural, o ser endêmico entra no processo de extinção.

Apresentamos esse conceito de endemismo na pesquisa para que possamos entender que as conquistas por parte dos movimentos ambientais na região Sul Capixaba se deram por pesquisas, catalogação de espécies consideradas endêmicas e que garantiram o tombamento de Ilhas litorâneas da região Sul e o Monte Aghá, uma elevação de 360m, na divisa dos municípios de Itapemirim e Piúma. Tais pesquisas e estudos ainda asseguram para os pescadores da região a criação de um Parque Aquático marinho, semelhante ao Parque de Abrolhos, na Bahia, que garantiu a pesca na/pela comunidade e o turismo, dispersando a poluição e levando a população a criar a identidade do pescador/a com o local.

Nessa pesquisa acompanhamos aulas de diversas disciplinas na Escola Filomena Quitiba, em Piúma/ ES. Essa escola é de Ensino Fundamental e Médio. Durante uma dessas *práticas singulares*, havia na aula a proposta de uma produção de uma Mostra fotográfica, intitulada “Um olhar ambiental na minha cidade”. Nessa atividade interdisciplinar, os educandos/as tinham aulas em campo e produziam sua imagem-narrativa. O silêncio prevalecia quando a atividade envolvia a escolha da imagem.

Ângulos diversos, múltiplos olhares e o prazer de aprender por outras formas, que permitem a compreensão e o enredamento dos conceitos apresentados e ressignificados. Segue a narrativa da **educanda do 3º ano do Ensino Médio**:

Nossa! Quantas formas de ver o nosso local. Sabe, por essa forma, não vejo mais o feio, vejo muitas formas de valorizar o que temos aqui. O interessante é que a aula passou tão depressa. Não queria que acabasse.



Imagem 4: Prática singular – Produção de Mostra fotográfica. Junho/2015.
Autoria: Arquivo Pessoal.

Em relação a área da pesquisa, os mapas que seguem abaixo situam o/a leitor/a na área de exploração petrolífera que envolvem as comunidades presentes nessa pesquisa:

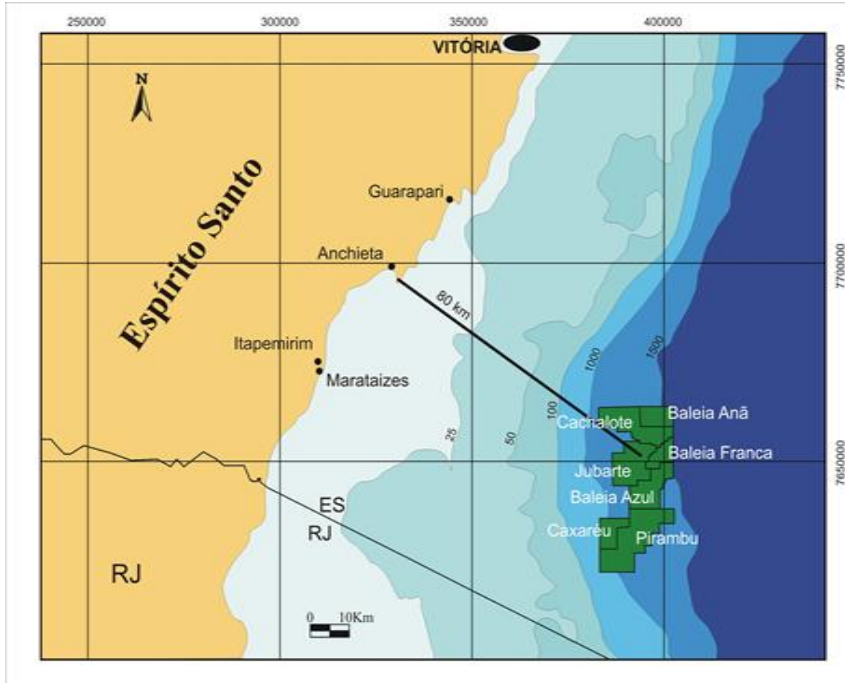


Imagem 5: Mapa das plataformas de Petróleo no litoral Sul Capixaba e sua área de desembarque-embarque direta.



Imagem 6: Área de abrangência da pesquisa
Fonte: <https://www.google.com.br/search>

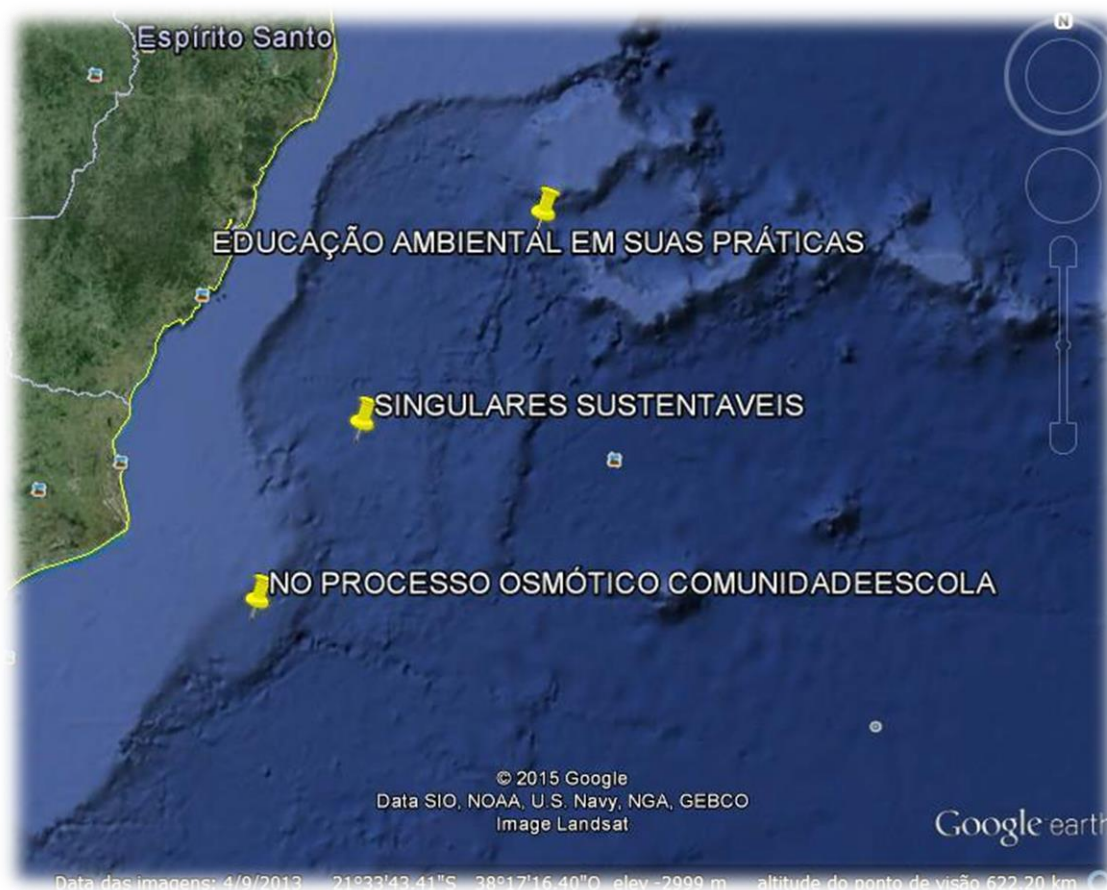


Imagem 7: localização da pesquisa / Fonte: google Earth (elaborado pela pesquisadora)

Historicamente, o movimento ambientalista marcou seu ativismo na região Sul litorânea Capixaba na década de 1980, com a participação do pesquisador capixaba Augusto Ruschi, enfático em sua frase “*estou meio decepcionado com as coisas do futuro*”. Frase célebre que marca a atividade ambientalista capixaba contrapondo-se ao crescimento desenfreado do Espírito Santo. Para preservação do meio natural da localidade Sul Litorânea, este se aliou a uma celenteróloga de São Paulo para pesquisas acerca de espécies¹⁴ que garantissem a existência do local em equilíbrio. Um ponto interessante é que a Educação ambiental foi inserida, inicialmente, nos

¹⁴As espécies encontradas foram o Morcego-pescador *Noctilus leporinus leporinus*, a concha rara que se encontra atualmente em um museu de celenterologia em São Paulo, conhecida no mundo científico como *Oliva zelindea*, e a arquídea no Monte Aghá, apelidado pelos índios como “Monte de ver Deus”, classificada cientificamente como *Sinningia Aghaensis*.

setores ambientais, para só depois, fazer parte dos setores educacionais. Segundo Loureiro (2004), a educação ambiental não captou nem o sentido do processo educativo, nem os ideais de transformação do ambientalismo, pois tais sentidos resultaram em práticas voltadas a uma postura pragmática dos educadores/as.

Palestras sobre ecologia configuravam a educação ambiental nas escolas. Registros apontam que a educação ambiental acontece nas escolas do ES desde a década de 70 – época em que as questões relativas ao meio ambiente eram pouco discutidas com a sociedade, devido à ditadura militar e à onda desenvolvimentista característica daquele período.

Assim como o nosso olhar para o mar em direção ao horizonte retroage em possibilidades mais poéticas na existência, os “*possíveis*” são tecidos dentro do ambiente escolar. Possíveis que acontecem sem previsão, simplesmente acontecem, escapam a uma ordem imposta. Aproximaremos-nos, mas em detalhes, nunca conseguiremos materializar numa *escrita-tese* os acontecimentos e virtualidades, pois mesmo em um currículo fechado, e em ações previstas, as virtualidades se configuram. Nas práticas singulares buscamos o que escapa e não se apresenta como repetição de ações, e sim a política como prática, espaço que não só é físico, mas se constitui no espaço da ***açãopotência*** (DELEUZE & PARNET, 1998), de fomento às discussões sobre questões da sociedade e por uma mobiliz(ação) coletiva.

Na busca por um diálogo com professores e educandos/as do ensino médio aliados aos gestores ambientais da localidade Sul Capixaba acerca dos sentidos produzidos por suas práticas em *educaçãoambiental* na escola e na comunidade, sentimo-nos seduzidos pela necessidade da escuta. Uma escuta que em nosso entendimento se dá não por uma concessão da voz, mas pelo exercício legítimo de quem tem autoridade para narrar suas experiências e sentidos como imprescindíveis para nós na tentativa de uma interlocução da formação em educação ambiental. Uma escuta que não é passiva, mas dialogada. *Até que ponto essas práticas inventivas escapam da concepção prática, dominante, imposta? O que essa diferença potencializa a*

escola/comunidade? Até que ponto essas traduções/negociações apostam para uma potência de vida?



Imagem 8: Imagem-potência dos bancos de corais da região litorânea Sul Capixaba. Diversidade biológica = vida!

Autor : Deidson Ribeiro – Piloto de paraplanista.

Nessa perspectiva, nosso¹⁵ objetivo nessa pesquisa configura-se em:

Compreender se as práticas singulares em educação ambiental tecem redes na escola/comunidade e apostam numa potência de vida. Nos interessa, por meio da escuta de suas experiências e participação efetiva na pesquisa, conhecer que sentidos são produzidos e como esses fertilizam discussões na comunidade, nos processos de negociação com a exploração do ambiente local.

Os objetivos aqui colocados são, *a priori*, uma tentativa ainda limitada e parcial de imprimir uma demarcação do que se deseja investigar, e nos levou a possíveis caminhos expressos nos capítulos/platôs¹⁶. Para tanto pensamos ser importante:

- Problematizar as relações de poder da/na comunidade, partindo dos educadores, educandos/as e grupos coletivos e sua interface com as práticas em educação ambiental.
- Evidenciar nas narrativas dos educadores a formação em Educação Ambiental no entrelaçamento com a cultura local e os movimentos da, e na comunidade.
- Cartografar os saberes ambientais sustentáveis que emergem de grupos coletivos e o processo de tradução/negociação dos processos histórico-culturais na comunidade.
- Contextualizar com os agenciamentos que se dão na comunidade que potencializam a educação ambiental na comunidade/escola.

Apresentar como proposta de inserção da educação ambiental na comunidade, a relação rizomática entre cultura e natureza, pois de acordo com Passos (2009), é essa ampliação dos sentidos da intervenção que vai aumentando quando se

¹⁵ Pesquisa que integra o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas de Estudos em Educação Ambiental-NIPEEA-UFES-ES. Coordenação da Prof^a Dr^a Martha Tristão. Acesso ao blog no endereço virtual: <http://nipeea.blogspot.com.br/>.

¹⁶ Para Deleuze, toda a questão agora é com o entre, pois como o mesmo diz, o problema não é copiar conceitos, mas fazer o próprio movimento, sem apenas seguir um movimento, o que promove o abandono de toda a potência de criação (DELEUZE, 1992). Do mesmo modo que não seria apenas com interferências, pois tudo acontece por captura e roubo.

considera agora uma “dinâmica transductiva a partir da qual as existências se atualizam, as instituições se organizam e as formas de existência se impõem contra os regimes de assujeitamento e as paralisias sintomáticas”. Fomos afetados por uma escrita a partir de uma racionalidade estético-expressiva (SANTOS, 2010), que alarga outros canais de entrada para percepção do mundo, em especial para a compreensão das questões propostas nessa investigação.

Incorporar-se no processo osmótico propõe uma interação, e não um equilíbrio, pois a desestabilização é constante num plano de forças contrárias. Parte da tese sobre a potência dos grupos coletivos e na relação e construção de suas propostas para a comunidade, que terá seu meio modificado com a inserção de um movimento desenvolvimentista numa explosão populacional anunciada. Estimativas apontam que a atual população, que se apresenta em torno de 40 mil habitantes, passe para 120 mil habitantes em apenas 5 anos. O cenário que atualmente é natural, dará lugar para os equipamentos e ferramentas na instalação das empresas e plataformas para a exploração do petróleo. Segue abaixo projeto em 3D do Porto de Itapemirim/ES:



Imagem 9: Projeto da estrutura portuária para transporte e armazenamento do setor petrolífero na região litorânea Sul Capixaba. / Fonte: Assembléia Legislativa do ES.

A cultura e a história que são elementos-base nessa comunidade difundem-se a promessa de progresso. Nesse plano, as singularidades situam-se nas relações que vivem o presente, esquecendo-se das tradições e de toda rica manifestação de vida passada no seio comunitário. Por ora, analisar de que forma a escola trabalha numa perspectiva de sustentabilidades torna efervescente essa análise, por suscitar a partir de práticas singulares, a formação de indivíduos ativos na/pela potência social.

A relação com o ensino médio e essa pesquisa de doutorado se dá pelos movimentos provocados durante as aulas de Biologia na EEEFM “Filomena Quitiba” em Piúma-ES, onde identificamos a preocupação de muitos estudantes acerca do que vem sendo discutido nos espaços frequentados pelos mesmos, nos entrelugares, onde há a produção de metanarrativas acerca do destino da região Sul com a exploração do petróleo e uma suposta comparação com a destruição que ocorreu em Macaé-RJ, criando bolsões de miséria social.

A Educação ambiental acontece de formas inventivas, subjetivas, reflexivas, emancipatórias e não autorizadas no espaço escolar que passam às vezes, despercebidos, sem uma prescrição curricular, mas que acontece por apresentar-se de forma livre, entre/atraves e além da questão disciplinar.

Invisibilizados pelos discursos capitalistas (SANTOS 2010), alguns fazeres e saberes comunitários estão sendo “esquecidos”, devido a uma forte tendência de homogeneização da cultura. Essas metanarrativas que acompanham o progresso e o (des) envolvimento¹⁷ fazendo-nos acreditar a heterogeneidade cultural como não existente, uma lógica que deriva do produtivismo capitalista. Nessa tentativa de tornar tudo igual, existe a produção de desigualdades e injustiças que promovem exclusão de outros fazeres que não comungue com essa lógica do imediatismo.

¹⁷Nos apoiamos nas pesquisas da autora Michele Sato (UFMT) para dissertar sobre esse termo nessa pesquisa.



Imagem 10 : Acidente Vale/ Samarco. Nov/2015.

Fonte: <http://www.jogodopoder.com/blog/politica/acidente-em-mariana-vai-obrigar-vale-a-reduzir-producao-de-minerio/>. Acesso em Dez/2015.

No Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global¹⁸, a educação ambiental preconiza uma sustentabilidade equitativa num processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Estimula a formação de sociedades justas e ecologicamente equilibradas, que conservam uma relação de interdependência e diversidade. Sem limites geográficos, tais considerações avançam territórios e culturas para que a diferença desapareça. Deleuze (1988) nos lembra que somente sairemos dos binarismos, quando entre os termos desapareça o uno e fizermos do conjunto a multiplicidade.

Precisamos reconstruir a sabedoria pertinente, partindo para uma análise e prática mais profunda e existente contra essa “pseudo” ciência, que se constituiu de ilusões, erros e espinhos que estão à frente do poder. Não podemos acreditar mais, o futuro precisa ter essas incertezas e inquietações para nos respaldar, nos motivar a luta e

¹⁸ Anexo 1

a busca por qualidade na educação da sociedade.



Imagem 11: Comunidades no entorno do Rio Doce, MG- Acidente PROVOCADO pela Samarco/Vale em Novembro de 2015.

Fonte: <http://www.jogodopoder.com/blog/politica/acidente-em-mariana-vai-obrigar-vale-a-reduzir-producao-de-minerio/>. Acesso em Dez/2015.

Vivemos atualmente uma crise que não somente é econômica, mas uma crise multidimensional. Ousamos até em alguns momentos afirmar que essa crise impede a humanidade de caminhar, pois quando um sistema não consegue manter-se, ele cria um metassistema que ora, se apresenta, ora se metamorfoseia, criando um sistema enganador que camufla a crise existencial e as misérias humanas. Morin, em sua fala na Rio + 20, deixa pistas para enfrentarmos tal crise, num investimento nos espíritos mais lúcidos. Mas também afirma o que já se tornou clássico: *“não há modelos, mas precisamos produzir algo não previsto antes, como múltiplas iniciativas, formas novas. Vemos uma força enorme na sociedade que é a juventude, afirmando ser essa a malha mais forte e mais fraca”*. Mais forte pela potência e mais fraca pela formação que poderá receber.

Inúmeras suposições podem surgir dentro do contexto social sobre essa possibilidade de a juventude ser a malha mais forte e mais fraca. O que trabalhamos com eles é que potencializará esse conceito para um ou para outro desses adjetivos.

Na *educação ambiental* essa potência emerge nas práticas cotidianas, inventivas, traduzidas pela e na comunidade através das possibilidades dadas a esses jovens que não podem ficar omissos aos processos de negociação do meio natural presentes nesse contexto de lutas e afirmações políticas e culturais no seio social.

(Re) existir é a palavra para o Espírito Santo nesse momento. Barreiras criadas, mal gerenciadas. Negligências! Absurdos! Uma produção discursiva incabível. No momento final de escrita dessa tese, reafirma esse biopoder nas relações atravessadas, indignadas, interpeladas pela ordem capitalista de “manda quem pode”. Perguntas no ar e muitas inquietações/problematizações. Novembro de 2015 ficará marcado na vida de muitos moradores que moram em MG e no ES, além de estender a todo território nacional.

Silenciamentos, rupturas e mais uma vez o plano rizomático sobressai ao plano arbóreo, pois ao acompanharmos o percurso que a lama fez em MG e no ES, percebemos o quanto as estruturas são dependentes e interligadas. Segundo Morin (2006), tudo está interligado e retroage nesse sistema complexo, como num plano rizomático. Nessa osmose, a incorporação das moléculas integrará um novo sistema, sem mensurar a velocidade dos movimentos de retorno da vida. *Autopoiese* na existência.

Na pesquisa que apresentamos, configuramos nossa abordagem em alguns capítulos/platôs¹⁹. Assim denominamos por entendermos que as entradas permitem uma compreensão do que aqui teorizamos sem exigir uma linearidade. Pelas micropolíticas nos *saberesfazerespoderes* na e pela educação ambiental assim entendemos:

No *Capítulo/platô 1* intitulado como **EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZ (AÇÃO) NO PANOPTISMO NA REGIÃO SUL DO ESPÍRITO SANTO**, escrevemos sobre as imposições de uma cultura globalizadora/dominante/neoliberal nas comunidades da região Sul Capixaba. Nesse

¹⁹Sobre o roubo de conceitos- nova criação a partir deles. GALLO, S. Deleuze e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

processo de *escritacriativa* a partir de possibilidades de nos mobilizarmos e agirmos com/pela e na educação ambiental com os fazeres socioculturais e ambientais a partir da cartografia Deleuzeana, que aqui nomeamos de rizomática, avançando as Pistas do Método Cartográfico (KASTRUP, 2010) como os princípios da multiplicidade e heterogeneidade e pela compreensão de Sociedades Sustentáveis como contraponto ao que é produzido como biopolíticas na região. Na invenção cognitiva apostamos em sujeitos autopoieticos, nesse fazer socioambiental por outras lógicas possíveis na existência. Pelos afetos e perceptos que constituem as relações, entendemos a educação ambiental numa analogia a um processo osmótico, apresentando o meio de militância por um fazer mais solidário e sustentável na vivência e nas interrelações/integrações e ressignificações por um mundo mais humano.

No Capítulo/platô 2, nossa “criação coletiva” se deu a várias mãos tecidas pela pesquisa, intitulamos ***POR ANDANÇAS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - VIVÊNCIAS E TESSITURAS***

Escrevemos com a Metodologia das Narrativas (Hart ,2005) e Tristão (2007), onde os sujeitos que integram os Comitês de Educação Ambiental de Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim são sujeitos de sua própria história. A partir dos encontros, vivenciamos redes de conversações e acompanhamos os fluxos das ações desses espaços de discussões/ações coletivas. A intenção desse capítulo é visibilizar as iniciativas e as problemáticas enredadas nesses espaços coletivos. No comitê de Educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, nos aproximamos dos educadores ambientais do Sul Capixaba com maior liberdade para discutirmos questões que atravessam os *fazeressaberespoderes* destes em suas produções/criações educativas na potência de ser educador/a ambiental. Recorremos aos conceitos biológicos para a escrita do título, para entendermos quando a vida emerge a partir de outra vida em um nó / entre- nó, nessa possibilidade de analisar como as relações são tecidas no coletivo e na existência, assim como utilizamos o conceito de plasmólise para escrevermos sobre as rupturas que também são configuradas nas narrativas e despotencializam a ação de alguns educadores ambientais. Interstícios (lacunas) nas relações políticas e éticas, sociais e ambientais que nos

permitem entender os conceitos de desterritorialização/reterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Potencialidades e desafios que se configuram nas experiências de narradores e narradoras a partir das ações e processos formativos nos encontros com e no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, no ES. Processos formativos e práticas escolares que convergem com a formação de Escolas Sustentáveis potencializadoras e produtoras de liberdades na (re) existência comunitária, visibilizando sustentabilidades nas micropolíticas que são agenciadas a partir das aulas, entendidas como “práticas singulares” a partir do conceito de singularidades de Deleuze e Guattari (1995) que foram acompanhadas nessa pesquisa. Assim, nas narrativas dos educandos/as, nos aproximamos da comunidade e assim perfazemos nossa compreensão de uma educação ambiental potencializada na Eco (biossocial) lógica entendida pela teoria da complexidade de Morin (2011). Com o título de “**Personagens produzidos**”, os/as educandos/as realizaram oficinas a partir de pesquisas com os repertórios culturais das comunidades pesquisadas.

Nos enredamentos cartográficos, chegamos no capítulo/platô 3 - AMOR E POESIA, CANÇÃO E CANTORIA: *EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR OUTRAS VIAS CONSIDERADAS*, no envolvimento na esfera comunitária pelas “*figuras estéticas*” de um mundo “*possível*” (DELEUZE, 1993) nas “*culturas plurais*” (CERTEAU, 2012). Escrevemos na proposição de um outro modo de relação com a **educação ambiental** praticada, sustentabilizada na comunidade que produz afectos que transbordam as afecções e percepções em contrapartida as imposições do processo globalizador e homogeneizador. No entanto a partir de uma racionalidade ético-expressiva, sugerida na semeadura de outras soluções possíveis (SANTOS, 2005), consideramos outras vias (MORIN, 2013), por uma existência de fluxos contínuos da/na/com a educação ambiental.

Nossa embarcação agora está indo rumo a esse horizonte de possibilidades, com novos olhares: éticos, políticos, solidários, humanos. Lancemo-nos a essas possibilidades de singularizar-se num viver impregnado de sentidos, nessas interações/reconfigurações. Boa Viagem!

CAPITULO 1

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE DE MOBILIZ (AÇÃO) NO PANOPTISMO NA REGIÃO SUL DO ESPÍRITO SANTO

A literatura é um agenciamento, ela nada tem a ver com ideologia, e, de resto, não existe nem nunca existiu ideologia.

Deleuze & Guattari (1995)



Imagem 12- Catador de conchas- artesãos em Piúma/ES.

Autor: Lucas Carvalho²⁰.

²⁰ Lucas Carvalho foi meu aluno (no Eu- pesquisadora) no ensino fundamental e participou do Projeto Ambiental ECO-VIDA, em 2005, sob minha coordenação e da Prof. Denize Mezadri, também pesquisadora do NIPEEA-UFES-ES. Esse projeto trabalhava a educação ambiental numa perspectiva cultural com interação da comunidade, especialmente os turistas da região. Atualmente, após cursar uma faculdade de fotografia, Lucas trabalha na perspectiva ambiental e cultural da região. Seu TCC foi direcionado a essa questão: <http://lucascarvalhoc.com/exalta-natureza/>. Prática Singular! Enredamentos de um fazer pedagógico/ambiental potente.

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades e também conflitos sociais que descaracterizam a cultura, a ética e as políticas que asseguram garantias de participação na construção de um mundo melhor. O meio ambiente não é mais um parâmetro independente da existência humana. Essa percepção pode ser abordada nos contextos escolares, com a participação de docentes, gestores e cidadãos engajados em suas práticas políticas e potencializadoras.

A Educação Ambiental é vista como potência, e por práticas singulares que possam fomentar essa ação *coletivacomunitária* que nos ancoramos nessa tese. Articula livremente teorias e conceitos emergentes, pelo fio condutor da complexidade (MORIN,1995), além de entendermos processos rizomáticos e osmótico, que por esse viés potencializador, problematiza se de fato os rizomas são formados em proporções amorfas, singulares. (Deleuze e Guattari, 1995).

Morin (1995), explica que não apenas cada parte do mundo faz parte do todo, mas o mundo como todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Torna-se necessário que a educação integre os conhecimentos compartimentalizados para produzir sentidos e significados, amenizando os problemas de ordem multidimensional. Nessa tese provocamos um pensamento rizomático, de livre articulação para compreensão das narrativas da educação ambiental expressas nos repertórios dos sujeitos participantes, na tentativa de dar significado aos modos pelos quais esses grupos coletivos atribuem sentido à educação ambiental a partir de uma tradução de uma parte do que vivenciamos na região Sul Capixaba, em contraposição a modos imperativos de existir na sociedade capitalista.

Linhares (2002) aponta que precisamos detectar práticas capazes de engendrar realidades que, embora não sejam inaugurais, revestem-se de um tom de insurgência que recoloca os desejos éticos do passado novamente na pauta de negociações para serem ressignificados e conquistados.

Segundo Santos (2000), não podemos continuar pensando em termos modernos, pois os instrumentos que regularam a discrepância entre reforma e revolução, entre experiências e expectativas, entre regulação e emancipação, essas formas modernas, estão hoje em crise. Não está em crise a ideia de que necessitamos de uma sociedade melhor e mais justa. Portanto, as práticas pedagógicas dos docentes, o envolvimento dos educandos/as e práticas de gestão²¹ que atendam somente aos interesses do modelo capitalista, só reproduz o que a modernidade impôs à sociedade e que não responde à crise vigente.

Nossa aproximação com o Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha ocorreu de acordo com os fluxos, próprios da pesquisa cartográfica. Em uma reunião com os educadores de Piúma/ES, nosso primeiro contato foi com uma técnica da SEDU, coordenadora geral das ações estaduais de Educação ambiental. Assim, ao apresentar nossa intenção de pesquisa, ela nos convidou para participar das reuniões que aconteciam no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim e fez o contato, pedindo “permissão” a superintendente de Educação de Cachoeiro de Itapemirim para participação da pesquisadora nos encontros com os membros desse comitê.

Assim, prosseguimos com a pesquisa, participando, inicialmente, dos dois comitês. Por razões operacionais, o comitê de Vila Velha realizou somente quatro (4) encontros. A potência do Comitê de Cachoeiro de Itapemirim era maior, pois escapava da ordem imposta por ter uma coordenadora engajada com a educação ambiental. Esse fato potencializou a pesquisa. Nesse espaço, fomos acolhidos, incluídos nos processos formativos e nas redes de conversações, fomentamos possibilidades de interação e ressignificação que um processo osmótico nos propõe, na formação autopoietica.

²¹Essa gestão a que me refiro é a de gestores nas Secretarias Municipais, ligados a órgãos ambientais e educacionais da localidade. Com tais gestores, estabelecemos nessa pesquisa, redes de conversações em reuniões do Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim, ES – *lócus* dessa pesquisa.

Os encontros iniciais dos Comitês de Educação Ambiental envolviam docentes e discentes com suas narrativas, experiências e outros fazeres envolvidos. Esses encontros eram paralelos aos dos gestores das Secretarias de Educação e Meio Ambiente de cada localidade. Os encontros com os gestores aconteciam pela manhã e os de discentes e docentes aconteciam à tarde. Infelizmente, após a narrativa de um docente, problematizando as ações da superintendência estadual, os encontros com os discentes e docentes foram cancelados. Totalizaram 4 encontros duplos, os demais encontros foram somente com os gestores das Secretarias de Educação e Meio Ambiente dos municípios do Sul Capixaba, com relatos de ações vividas e praticadas na localidade. Como pesquisadora, não fiz nenhuma problematização nos quatro encontros com docentes e discentes. Apenas acompanhei os fluxos e a potência que emergia desses encontros.

O engajamento dos professores/as, num trabalho coletivo de dialogar com a comunidade nos processos políticos decisórios podem ser considerados um importante contexto formativo desses docentes, que abrem possibilidades para compreender a relação de seus *saberesfazerespoderes*, pois, dialogando com Foucault (1991) , o que se coloca não é fazer uma história da prática em si, mas , estudar as práticas (discursivas ou não) para, olhando-as de fora , descobrir os regimes que as constituem e são por elas constituídos.

Na prática educativa, a educação ambiental propicia um espaço de diálogo sempre comprometido com a pluralidade de ser e pensar, e por isso mesmo inclusiva, multi, inter e transdisciplinar, participativa, integrativa e transgressora. Esta pode, portanto, articular as variadas dimensões implícitas na relação *humano-natureza* e *humano-humano*, no desenvolvimento de uma *práxis* em permanente transformação.

Em oposição à falsa racionalidade – afirma que a ciência resolveria os problemas, como fome, miséria, doenças, desastres ambientais, etc. – a educação ambiental incorpora os princípios da religação (“religare”), da incerteza, da desordem, da sustentabilidade como princípio para mostrar que o futuro é incerto e que as grandes correntes científicas que tentaram resolver os problemas mundiais acabaram por criar outros mais. Como destaca Morin(1995, p. 165) : “*Um dos aspectos do*

problema planetário é que as soluções intelectuais científicas ou filosóficas, as quais se recorrem habitualmente constituem neles mesmos os problemas mais urgentes e mais graves a resolver” .

Presenciamos discussões nas escolas, especificamente na sala de aula, onde os/as educandos/as²² evidenciam fatos que demonstram certo deslumbramento aliado a uma interrogação diante do que tem acontecido na comunidade. Vários moradores/as estão sendo literalmente forçados a vender suas moradias, grupos coletivos de catadores/as de caranguejo, pescadores/as e marisqueiras²³ junto com artesãos/ãs que não são ouvidos, mas são intimidados nas audiências públicas organizadas por essas empresas²⁴, que proporcionam um espetáculo diante desses sujeitos, silenciando a comunidade que passa a ficar deslumbrada com a ilusão por ora apresentada em seus tecno – espetaculares recursos de mídia. Recorremos a Deleuze e Guattari (1995) que nos fala sobre a tecnosfera em suas tecnologias problemáticas que nos envolvem em seus artifícios e que produzem maquinicamente nossos territórios existenciais.

Constituem nessa “máquina abstrata” modos de girar mundos (CASTOR, 2014). A pesquisadora do NIPEEA-UFES, escreve sobre a educação ambiental que se constitui na relação entre a natureza e a cultura de modo indissociável das relações de poder e de saber. A pesquisa enreda-se na tendência da Educação Ambiental complexa, analisa os modos de fabricação das subjetividades impostas pelo discurso neocapitalista, investiga a racionalidade herdada da sociedade moderna e explora a lógica dos referenciais afrodescendentes, em específico as lógicas presentes nos Terreiros da Umbanda. Os demais pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de pesquisas e estudos em Educação ambiental, NIPEEA-UFES,

²² Nessa pesquisa, assim como na dissertação de Mestrado em Educação, nossa colocação textual afirmará uma questão de gênero para problematizarmos o que nos foi imposto pela ciência moderna: a escrita voltada somente ao gênero masculino. Pela singularidade nas relações e práticas, apoiamos essa nova forma de apresentação textual.

²³ Ofício exercido somente por mulheres em minha localidade (Piúma-ES).

²⁴ Petrobrás, Samarco e suas associadas.

também dialogam com as culturas locais e problematizam sobre as influências do neoliberalismo no contexto ambiental e cultural do ES.

Nessa análise dos processos de subjetivação no fluxo das mudanças sociais, culturais e ambientais, os educadores/as têm sido os grandes articuladores e porta-vozes dessas comunidades. Morin (2011, p114) contextualiza essa técnica do discurso neocapitalista como possuidora de um discurso amenizador, daquilo que é duro e agressivo, com entradas suaves, das técnicas sujas, por técnicas limpas, sutis. Essa substituição, segundo o autor, põe em questão essa lógica, própria das máquinas artificiais, pois assim escreve: “ *Máquinas postas no comando de setores cada vez mais amplos da organização social, transformadas no poder de manipulação que se exerce, não só sobre a natureza, mas também sobre os próprios manipuladores*”.

Nesse contexto, a vigilância e o controle nos remetem a discussão teórica problematizada por Foucault (2006) acerca do “*Sonho de Bentham, o panóptico*” em que um indivíduo cria uma estrutura de vigilância, numa arquitetura de total controle sobre os movimentos dos corpos e ações sociais. A educação ambiental como possibilidade de inversão desse sonho baseia-se em fazeres que permitam movimentações, mobilizações comunitárias, que produzam sentidos múltiplos agenciados na comunidade para efetivar a potência latente. O autor ainda problematiza a favor da inversão do panoptismo, e nesse sentido, indo ao encontro de pensamentos menos vigilantes e mais problematizadores, reconhecemos a educação ambiental, através de práticas singulares, como abertura a novos diálogos que permitirão tessituras de fazeres e saberes na educação e na sociedade local.

Foucault (2006) contextualizou acerca da realidade contemporânea, que vivemos numa sociedade panóptica, que possui estruturas de vigilância inteiramente generalizada e composta de peças, como a prisão (destacamos o impedimento ao direito de livre expressão, especialmente por esses grupos coletivos que, dessa forma não podem enunciar e problematizar), e o sistema judiciário, que atualmente vem garantir o estado democrático de direito, mas que, na atualidade, a partir do que

temos presenciado, tem julgado ações com padrões que desconsideram e descaracterizam o humano, o cultural e o ambiental.



Imagem 13- “Chama-maré”, espécie endêmica de crustáceo dos manguezais no litoral Sul Capixaba.
Autor : Victor Zetum

Linhas duras (DELEUZE E GUATTARI,1995), sem a devida molaridade para o desencadear dos fluxos e das conexões. Atrações e repulsões que não coincidem com segmentos. Louco sonho em relação às potências públicas. Ao refletirmos esse panoptismo social, pensamos que no/pelo controle geral da sociedade, nos potencializaremos pelas práticas singulares educativas e dialógicas em educação ambiental, podendo evidenciar outras lógicas: abertas, livres com criatividade e a reflexão sobre participação com a educação ambiental para o fortalecimento das comunidades.

Foucault (1998), ao descrever sobre esse sistema de vigilância e controle, nos remete a prisões camufladas, prisões de ideias, prisões de modos existenciais. Na Região Sul Capixaba , nos perguntamos sobre esses fatos históricos registrados em

nossa sociedade, ao nos depararmos com praias com acesso impedido e narrativas tão comoventes e revoltantes. Nesses mecanismos de poder, de indução ao consumo, de despolitização, politicagens e individualismos, o capitalismo impera suas formas subjetivas inventadas por papéis configurados pela televisão e em alguns lugares dispõe do poder privado sobre as principais cadeias de produção, sendo assim, algumas mídias prestam serviço ao poder público, e o “capitalismo maquínico”²⁵ toma corpo e se investe ainda mais de poder na sociedade de controle.

O homem e as partes de seu organismo, o cérebro e os sonhos se tornaram peças de uma megamáquina, e essa pesquisa, nos remete aos empreendimentos que se instalam nas comunidades litorâneas. Os elementos maquínicos estão inteiramente incorporados ao humano e vice-versa, em comunicação interna mútua. Microconexões no nível do comportamento, da percepção, do desejo, da sensibilidade. A alucinação agora está molecularizada pela realidade. Indissociavelmente. Eis a utopia do capital em pessoa. Ele é o pequeno deus, o mestre dos jogos, a combinação perfeita entre ego e ciência. Mas a vida é mais. Os fluxos, afinal, podem ser perturbados. Os esquemas, desarranjados diante da revolução que bate à janela.

Na pesquisa que aqui descrevemos, o atropelo cultural e pessoal ou um forte processo de homogeneização cultural está sendo forçado pelo processo industrial totalmente exploratório, e se constitui por ameaças e promessas de uma vida economicamente garantida, satisfatória em termos de aquisição de bens materiais, mas muito solitária.

A individualidade se configura como a principal característica que satisfaça a esses mecanismos de controle. “É preciso que o saber individual faça ricochete; é preciso transformar a experiência individual em saber coletivo. Quer dizer, em saber político”. (FOUCAULT, 2006, p. 30).

²⁵Subjetividades maquínicas- Guattari (1988)



Imagem 14: Discentes da EEEFM Filomena Quitiba, na Conferência Estadual Infanto Juvenil de Meio Ambiente. Junho de 2014.

Autoria : Arquivo pessoal

Para tanto, propomos a Educação ambiental pela seguinte contribuição:

Contra o perigo de uma nauseante dispersão pelas insuficiências dos adversários submetidos à crítica, esse combate procura obter consistência graças à dupla articulação de dois eixos formados por duas questões: [**que vida a educação ambiental produz? E que educação ambiental a vida produz?**]. Em conformidade com a terminologia Deleuze-Guattariana, a primeira questão remete à Terra enquanto corpo organizado, ao passo que a segunda remete à Terra enquanto corpo sem órgãos, este universo de intensidades e intensificações com o qual o padrão dominante é flagrado em suas limitações.(GODOY,2008, p.16. [grifo meu])

A educação ambiental aliada à teoria da complexidade²⁶ tem objetivado o fortalecimento de comunidades, de suas identidades, seus modos subjetivos de existência. Através do diálogo vem promovendo um fortalecimento dos sujeitos envolvidos nesse processo de escuta e participação, nesse processo deliberativo, decisório. Ora, são agenciamentos coletivos que oportunizam bons encontros e partilham com a potência de estar nessa escuta, nessa ação. Nessas tramas do viver, os laços enredados e os fios se engendram para que o processo de crescimento horizontal da comunidade se efetive. Por justiça social, um dos pilares que constituem a base do que consideramos como “*sociedades sustentáveis*”²⁷.

Iniciamos esse capítulo falando do *panoptismo*, pois segundo Foucault (2006), precisamos nos contrapor a esse modelo de vigilância, estruturas educacionais vigiadas e manipuladas. Nessa contraposição, as práticas pedagógicas possibilitarão pensamentos criativos/artísticos, poéticos/imaginários. Pensar de modo interligado, interativo, nos permite reconhecer nesses processos imposições e determinismos.

(Re)existir ao que não aceitamos como imposto, frio, objetivo, calculista e ganancioso. Completo a frase, adjetivando de atropelador, do que harmonicamente se encontrava e encantava. Afetava e era seguido por continuidades. Reterritorializações pelo fazer comunitário e pela emergência de novos *saberesfazeres* em redes de afetos.

²⁶ Morin (2010), Tristão (2004), Sato/Santos(2003).

²⁷ **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (vide documento na íntegra no Anexo 1)**-O Fórum Global das Organizações Não Governamentais foi realizado, simultaneamente à reunião de chefes de Estado ocorrida na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio de Janeiro, em 1992, contando com a participação de 15.000 profissionais atuantes na temática ambiental. Nesse evento foram ratificados 32 tratados, dentre eles o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento que constitui marco referencial da Educação Ambiental – EA. Tornou-se a Carta de Princípios da Rede Brasileira de Educação Ambiental, e das demais redes de EA a ela entrelaçadas. Assim descrito oficialmente no site do Ministério de Meio Ambiente.



Imagem 15: Discentes da EEEFM “Filomena Quitiba”, na Conferência Regional Infanto Juvenil de Meio Ambiente. Abril de 2014.

Autoria : Arquivo pessoal

Nessa nova e outra forma de sonhar, que é escrita e refletida nessa pesquisa, também problematizamos sobre a sociologia das ausências (SANTOS, 2010), que evidencia como inexperiência social toda experiência social descartada pela hegemonia das classes dominantes, que promovem a globalização capitalista e o seu paradigma cultural legitimador, e designa como alta modernidade a modernidade eurocêntrica, sem expor situações de escravidão, imposição e resistências de um povo que não quis se submeter a essa hegemonia. As classes dominantes sempre consideraram um dado adquirido ao supor sofrer com a ignorância das classes dominadas. Nessa suposição, esta sociologia sempre esteve ausente das autoconstruções simbólicas da sua dominação e segundo Santos (2010), *“a sua própria inexperiência do sofrimento, da morte, da pilhagem impostos como experiência às classes, grupos ou povos oprimidos”*.

O autor ainda afirma existir uma tensão entre regulação e emancipação. Faz parte de um processo regulador que serve a interesses progressistas da classe social a quem cabe desenvolver um próprio projeto cultural e político de emancipação social. A regulação possui exigências práticas, subordinadas a racionalidade instrumental e técnica, portanto, só quem domina os trâmites burocráticos e técnicos entra no processo de negociação. Essa tensão dos movimentos que ora regulam, ora emancipam de maneira intencional, reside no fato de a legitimidade do poder regulador derivar de sua autonomia relativamente aos poderes envolvidos cuja resolução exige a regulação por uma política, que nem sempre favorece aos que precisam exercer o seu ofício tradicional e familiar, mas sim, deve manter-se no mais novo ofício operacional, por um controle total, nos repertórios discursivos da comunidade, que vislumbra o progresso e por outros que empreendem seu sonho de riqueza a partir da prisão daqueles que economicamente dependerão dele.

Vivemos atualmente assim na região Sul Capixaba. Os empreendimentos estão se instalando, e nem sequer sabemos aonde tudo isso vai nos levar. O problema nos inquieta para saber se vamos nos unir coletivamente ou se vamos transformar o bucolismo local na metrópole poluída carregadora de misérias, e intérprete das mazelas sociais que gritam em nossos ouvidos blindados pelos vidros dos automóveis que giram e poluem, mas nos satisfazem com o prazer que emana do ar refrescante de nosso ar condicionado.

Para Santos (2010) nosso pensamento pode ser abissal, nesse caso, deriva de uma vontade de domínio, considerando como conhecimento apenas o que é validado por interesses dos grupos dominantes²⁸. Por uma imposição de ideias, de atos e de legitimação do conhecimento, o autor descreve sobre a monocultura do saber, que está contida numa razão cognitiva instrumental e determinista. Pensamento monopolizador, onde a cultura branca erudita era considerada válida e as demais formas de apresentação cultural e suas relações foram alijadas do processo.

²⁸Empresas do ramo extrativista instalando-se na região Sul Capixaba.



Imagem 16- Prática Singular – apresentações culturais na escola- História e tradição local. Autoria: Equipe administrativa e pedagógica da EMEF “ José de Vargas Scherrer”.

Viver a ecologia de saberes, a emancipação e a possibilidade de exercício dos grupos coletivos, na tentativa de negociar com as imposições no local. Essa prática é considerada por Santos (2010) como possibilidade para encaparmos questões emergentes que foram ausentadas das relações sociais por muito tempo. Por ecologia pressupõe-se a interação, as relações, o diálogo e a troca. Por saberes, considera-se como possibilidade que a cognição delibera múltiplas possibilidades, e que não há saber amplo, sofisticado e erudito. Há uma infinita possibilidade de saberes que convergem ações em torno de compreendermos o que o mundo inventa como conhecimento. A educação ambiental tem discutido quais as possibilidades de integração que se configuram no meio social que potencializam a região. Esses entrelaçamentos constituem o que chamamos de **sociedades sustentáveis**. Por sustentabilidade entendemos as múltiplas formas de rever nossas ações acerca do que estamos fazendo, e de que modo nossas relações podem ser

mais afetuosas, solidárias, cooperativas de forma a contribuir para que a ecologia de saberes possa concretizar-se no lugar onde impera as abstrações do mundo maquínico e técnico.

Problematizar essas imposições nas vivências educativas tem sido mais recorrente do que podemos imaginar. Nesse sentido, segue a narrativa de um educando durante as observações das práticas pedagógicas na Escola Filomena Quitiba. Nessa escola, o wifi (sinal de internet) não é configurado em rede aberta, mas os alunos “escapam”, com formas criativas e oferecem a suporta “conquista” como forma de auxiliar as aulas:

Educando: Professora, roubamos a senha do wifi. Temos uma forma de fazer isso.

Professora: Então me passa aí...

Educando: Ah não! Só se você der aquela atividade do blog para a gente fazer. É melhor do que esse negócio de ficar copiando o tempo todo.



Imagem 17: Plantio de árvores da Escola “Filomena Quitiba” – Atividade desenvolvida em Projetos.
Autoria: Arquivo pessoal.

1.1- PENSAR, SABER E PRATICAR SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS – SUPERFÍCIES POROSAS NO TURBILHÃO DAS AÇÕES.



Imagem 18: Piúma/ES. Ao fundo, o Monte Aghá (Monte de Ver Deus !- na linguagem indígena).
Autoria : Victor Zetum.

Porosidade implica em uma superfície que permite entradas e retroação. Nessas entradas, ocorrem interações da molécula com os componentes bioquímicos, possibilitando que um novo produto surja a partir dessa inserção. Para determinar espaços na existência, alguns fenômenos geram em seu funcionamento unidades autopoieticas. Para Maturana e Varela (2001, p. 57), o ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, e isso constitui seu modo específico de organização. Esse processo depende das entradas pelos poros dessa macro-célula comunitária.

Assim, para dialogarmos sobre esses processos desestabilizadores, que se mascaram e impregnam de sentidos as atividades de cunho exploratório, descrevemos sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, que se caracteriza

como uma falácia, e não tem convencido mais a sociedade por sua excessiva camuflagem, sobrepondo o fator econômico sobre os demais fatores. Esse conceito de desenvolvimento foi usado pela primeira vez em 1987, no Relatório Brundtland, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criado em 1983 pela Assembléia das Nações Unidas.

A justiça social não é mencionada. Segundo Sato (2001), nesse “*(des) envolvimento o aparato tecnológico mascara as pluralidades regionais e robotiza os seres humanos*”. Infelizmente, processos dialógicos e democráticos têm sido forçados, por ser uma imposição através de condicionantes²⁹ cumpridas pelas empresas durante a fase de LP, LI e LO³⁰ dessas, no processo de licenciamento. Camufla-se uma participação em audiências públicas para a instalação de grandes empreendimentos extrativistas na região do litoral Sul capixaba. Região essa que está se organizando para a exploração do petróleo, extrações minerais, assim como transporte desses produtos de alto valor no mercado.

Essas empresas de exploração de minério, fundição e transporte, empoderaram-se do termo “desenvolvimento Sustentável”, configurando-o num processo sedutor e amenizador de discussões na comunidade. Uma vez que por essa falácia, sobressaem algumas questões ilusórias sobre a sustentabilidade.

Sato (2001) discorre sobre o termo (des) envolver, na raiz etimológica da palavra configurada em mais de um idioma com uma conotação totalmente economicista. O conceito inclui os potentes e exclui os mais fracos. A autora problematiza sobre o favorecimento de grandes grupos de latifundiários, e outros grandes setores, na tentativa de mascarar a exploração e a exclusão da sociedade nesse processo.

²⁹ Condição compensatória que as empresas oficializam em documentos para recuperar o ambiente a ser explorado.

³⁰ Fases da licença ambiental para os empreendimentos: LP- Licença prévia, LI- Licença de instalação, LO- Licença de operação. Todas fiscalizadas e liberadas pelo órgão ambiental local competente.

Como contraponto, a autora nos remete ao conceito de envolvimento, no sentido mais humano da palavra:

Um envolvimento humano que se posicione além do poder econômico, mas que atente às necessidades sociais, ecológicas e também as espirituais, compreendendo a ética, a paixão e a solidariedade como patamares fundamentais para qualquer envolvimento que tenha clareza da globalidade da Terra em sua diversidade. Que reconheça que a beleza da vida ancore-se na pluralidade e que os modelos gerados por aquelas plataformas políticas não conseguiram responder aos desafios da fome e da miséria no planeta. (SATO, 2001, p.23).



Imagem 19: Saguís (*Callithrix geoffroyi*), espécie endêmica no Bioma Mata Atlântica, especialmente em MG e no ES. Essa foto foi tirada na entrada do NIPEEA na UFES-ES, dia de aula no doutorado-encontro no grupo de pesquisa.

Autoria : Arquivo pessoal.

É importante examinar como esse sentido vem sendo interpretados na dinâmica das comunidades, principalmente as tradicionais. A inserção das práticas pedagógicas em educação ambiental desempenha possibilidades de ação, mobiliz (ação),

reflexão e efetivação de políticas para ações sustentáveis, atrelada a uma nova racionalidade. Sobre o termo desenvolvimento sustentável e a ambiguidade do mesmo, Tristão (2004,p.46) problematiza:

Considerando o processo de globalização em curso e a dificuldade na reversão desse quadro de grandes efeitos entrópicos, como podemos pensar em avançar nas políticas para o desenvolvimento sustentável? O cenário atual apresenta-se contrário ao apelo ético dessa proposta; surgem novas redes, novos vínculos; cresce o regime de acumulação, de valorização do capital econômico, ocorre um processo desenfreado de urbanização do planeta que promove uma fragmentação das sociedades, de intensidade diferente, de acordo com o nível de desenvolvimento dos países e o aumento da degradação social e ambiental (contaminação, pobreza, violência, aniquilação de culturas e valores tradicionais).

Apresentando nosso cenário da pesquisa, nos deparamos com uma situação, que nos possibilita ampliar nosso entendimento acerca do que pelo (des) envolvimento³¹ sustentável quando a CSU³², decidiu se instalar na região de Anchieta-ES, num lugarejo conhecido como Chapada do A, a siderúrgica comprou todas as terras da região para a extensão de sua área de operação e produção, com alto valor no mercado imobiliário. O que os técnicos não contavam é que uma família, no meio da área planejada, não quis vender sua terra de herança.

Terra, solo fértil, de agricultura familiar que não seria comprada com a moeda vigente. herdada por gerações passadas e outras situações de apego ao lugar e ao meio, que formaram sujeitos engajados, encantados, enredados contra a instalação de um empreendimento privatizado. Políticos locais, líderes comunitários e outros membros da sociedade fizeram pressão para que a família saísse do local, mas os mesmos ainda permanecem, mesmo com suas terras sendo supervalorizadas a cada movimento resistente, digo (re) existente, pois a vida manifesta outras ações em prol da própria vida, mesmo em situações máximas de estresse, gerando assim, *novasoutras* possibilidades de existir e negociar com esses mecanismos do poder vigente na localidade.

³¹ Sentido de fragmentação, jogo político nas e pelas palavras.

³² Companhia Siderúrgica de UBU, VALE-ES, compra e desapropriação da área em 2009.

Os segmentos implicam também dispositivos de poder³³, bem diversos entre si, cada um fixando o código e o território do segmento correspondente, “o aparelho do estado é um agenciamento concreto que efetua a máquina de sobrecodificação da sociedade” (DELEUZE; PARNET, 1998). Máquina abstrata que organiza os enunciados dominantes e a ordem estabelecida de uma sociedade, as línguas e os saberes dominantes. Em uma análise, confirmamos que a moeda nesse caso tem outros valores, serve a outros interesses. Certeau (1994 ,p.27) nos ensina que tais atos atestam a riqueza da palavra das pessoas ordinárias, por menos que alguém se dê o trabalho de escutá-las e encorajá-las a exprimir-se, pois “ [...] *não perde de vista a intenção primeira da empreitada, a refutação das teses comuns sobre a passividade dos consumidores e a massificação dos comportamentos* ”.



Imagem 20: Algumas atividades socioambientais e culturais no ES.
Fonte: Secretaria Estadual de Cultura do ES

³³ Foucault, 1998.

Tais discussões fecundas ocorreram nas aulas de biologia, na localidade de Anchieta, ES, com alunos e alunas do ensino médio, em 2010, quando me efetivei na rede estadual de educação do ES. Daí, um fervilhão de ideias, enquanto *pesquisadoraprofessorabióloga*, enfim, nessa rede que nos constitui e agencia diálogos e encontros nas tessituras das redes coletivas, que emergem dessas conversas em sala de aula que, certamente potencializam. Os alunos e alunas ao tentarem dialogar com a comunidade a partir dessa movimentação em aula, a mesma comunidade na maioria das vezes, não absorve tal potência e tudo cai num vazio, no conformismo, no silêncio ou em problematizações expressas pelos/as alunos/as nas aulas. Silenciamentos que ecoam conformismo e cedem lugar para que o neoliberalismo ocupe seu espaço e configure nos processos subjetivadores do capitalismo maquínico, dando ao lugar uma característica única, vazia e altamente especulativa. Vale quem tem !

Ao presenciar as aulas na Escola, nos sensibilizamos, ao ver o educador trabalhar sobre a Biosfera e suas relações e o estudante argumentar:

Educando - Interessante professor: temos falado de tantas coisas, mas a Sr^o está sabendo o que está acontecendo em Arerá ? Até o prefeito já foi lá, mas ninguém muda a ideia daquele moço lá, pois ele não quer vender a casa dele não.

(Educador): Bem, mas por que será que ele não vende?

Educando - Ah professor ! A casa era da família dele há muitos anos. Ele nasceu lá. Se fosse minha, também não venderia.

A educação ambiental nas escolas e comunidades emerge nesse contexto como forma de potencializar a vida, por meio do diálogo, das ações interdisciplinares, afetos e intensidades. Tristão (2004) aborda que a mudança de paradigma seja concebida na confluência e articulação interdefinida de processos de diversas índoles e temporalidades e propõe repensar valores e reorientar a formação para uma nova racionalidade que valoriza o sentimento, a arte, a estética, a expressividade do e pelo corpo.



Imagem 21- Construção de Jirais na Escola.
Autoria : Arquivo pessoal.

Redes de cultura, de afetos e solidariedade constituem a multiplicidade na interlocução com os grupos coletivos existentes.

Em outubro de 2015, em pesquisa na escola, acompanhei o Projeto Jiral, que acompanha o desenvolvimento de espécies locais e aproxima os jovens moradores com o ambiente local. Essa aproximação pode ser legitimada na narrativa da educanda:

*Professora, o Jiral é uma forma de nos aproximar dos animais?
A Ilha é linda, mas tem muita gente que vai para lá usar drogas. Mas a gente tem que frequentar né? Senão, o lugar se transforma em ponto de viciados. Vamos ver muitos animais voltando.
Mesmo nas férias eu vou lá cuidar dos Jirais. Gostei desse projeto e quero até fazer biologia. Falei para meu pai e ele está indo lá comigo. Estamos gostando de cuidar da Ilha.*



Imagem 22- O Jiral
Autoria : Arquivo Pessoal

JIRAIS

Plataformas de madeira, trabalhadas pelos educandos e educandas, que objetivam uma sucessão ecológica, isto é, em locais de degradação urbana, semeia-se com doses intercessoras de nutrientes por um curto período de tempo.

Em outubro de 2015, foram encontradas famílias de saguis de volta no local- Ilha do Gambá- Piúma-ES.



Imagem 23- Grupo de educandos/as e técnico na elaboração do mural.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Sociedades sustentáveis pensadas a partir de outras lógicas. Pelo pensamento rizomático da educação ambiental, que muda o movimento do corpo a partir dessas práticas singulares que contextualizam a localidade, inserindo-as na aprendizagem. Interações que, nesse processo osmótico propiciam novos acoplamentos e o arranjo de novas estruturas de saberes, de vida !

Pensar em sociedades sustentáveis torna-se mais viável diante das imposições desse processo globalizador e capitalístico. Descrevemos sobre as controvérsias do conceito de desenvolvimento sustentável. Por sociedades sustentáveis, a autora Tristão (2004) aborda:

Trabalhar com a contextualização de valores sociais e culturais locais, criando, inovando e valorizando experiências é muito mais coerente do que pensar em um modelo de desenvolvimento a ser seguido, embora as mudanças necessárias para se resolver os problemas ultrapassem qualquer fronteira. Sem querer superar as contradições, mas tentando conviver com elas, esse é apenas um indicativo de que a complexidade é a base da noção de sustentabilidade. (p. 47)

Como potência desde 1992, elaborado a múltiplas mãos, o Tratado de Educação ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade global surge de uma confluência entre culturas, paralelo a ECO-92³⁴ e tem como propósito “ *Levar a educação ambiental como centro transformador das comunidades vigentes em relação ao modo de consumo e a sustentabilidade do planeta*”. O documento considera que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, e baseia-se no respeito a todas as formas de vida. Como pressuposto, aborda a educação orientada para a sustentabilidade e a necessidade da participação coletiva no processo de análise da crise vigente, atrelada aos desajustes sociais causados pelo setor econômico. “*Educação ambiental como ato político*” é a contribuição desse Tratado para pensarmos qual a educação ambiental exercida no meio comunitário da área pesquisada.

Destaco alguns princípios para pensarmos a região Sul por Sociedades Sustentáveis:

Princípio 13- A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe.

Princípio 14- A educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores.

³⁴ A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Cimeira do Verão e Conferência do Rio de Janeiro, foi uma conferência de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. Representantes de cento e oito países do mundo reuniram-se para decidir que medidas tomar para conseguir diminuir a degradação ambiental e garantir a existência de outras gerações. O evento discutiu padrões de desenvolvimento. Paralelo ao evento oficial, o Fórum Global marca o momento com a elaboração do **Tratado de Educação para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**.

Princípio 15 - A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

Princípio 16 - A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.

Na emergência por ações mais inclusivas e menos degradantes pensamos nessa educação que contemple esses processos *múltiplos, rizomáticos, n-1* (DELEUZE E GUATTARI, 1995), pois o rizoma não pode se constituir do uno. Segundo esses autores, “*É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior*”. A educação ambiental nas práticas singulares subtrai o único da multiplicidade a ser constituída, numa perspectiva rizomática. Numa sociedade “a-centrada” natural, ocorre a rejeição do autômato centralizador, e o trata como intruso social. Na perspectiva no *n-1*, segundo Deleuze;Guattari (1995, p. 28), a multiplicidade opera sobre a centralização. O sistema passa a ser considerado como a-centrado, onde as iniciativas locais são coordenadas independentemente de uma instância central.

Nesse modelo de (re) existência, o ético, estético, político prevalecem para pensarmos para além de uma única forma de pensar e produzir conhecimento. Pensar em sociedades sustentáveis por caminhos mais intensivos, pelas linhas de fuga que escapam da tentativa totalizadora e dominante, de alta vigilância. Por uma educação ambiental legimitada nas linhas de intensidade agenciando possibilidades outras, assim como nos ensina os autores:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza a medida que ela aumenta suas conexões . Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura , numa árvore, numa raiz . Existem somente linhas”. (DELEUZE & GUATTARI I, 1995, p. 37) .

1.2 ROTAS DE NAVEGAÇÃO NA INVENÇÃO AUTOPOIÉTICA



Imagem 24: Reunião com os educadores ambientais da Região Sul – Grupo de Gestores no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim. Maio de 2014
Autoria : arquivo pessoal

O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo de que fugimos?

[...] Não se pode prever. Uma verdadeira ruptura pode se estender no tempo [...] ela deve ser continuamente protegida não apenas contra suas falsas aparências, mas também contra si mesma, e contra as reterritorializações que as espreitam. Por isso, de um escritor a outro, ela salta como o que deve ser recomeçado.

(DELEUZE; PARNET, 1998, p.52-53).

Não existe um roteiro, os movimentos pelas forças que estão lá no campo são que determinam os fluxos. Há um agenciamento a partir das relações que se dão na pesquisa, mas precisamente, nos espaços onde a educação ambiental “acontece”, no caso, os comitês de educação ambiental, em especial o de Cachoeiro de Itapemirim e a escola. Espaços esses, considerados como campo, onde criamos encontros, potência de vida, ampliação da possibilidade de se pensar a vida e o mundo.

A pesquisa torna-se uma força de intervenção, pois é preciso que o pesquisador esteja engajado, e em análise, provoca um movimento crescente e interessante nos fluxos que surgem após o deslocamento. Partimos da premissa, de que os meninos/as , gestores/as, professores/as não representam e sim, reinventam, se refazem pelas múltiplas interações orgânicas existentes no ato de conhecer (MATURANA E VARELA, 2005) . As diferentes realidades não se mantêm únicas, passam a preexistir no movimento provocante da existência. Ao encontro desse saber-metodológico ou dessa nova forma de pensar a pesquisa, a autora contribui:

Ao atravessar rotas ou itinerários, percursos e derivas, exploro às diferenças entre cada um dos termos. Tomo as rotas e os itinerários como endurecimentos e enrijecimentos dos percursos inventados, e as derivas como liberações para os percursos por vir. Sempre há um percurso, e o que varia é a existência ou não de uma codificação sobre o movimento. Codificar é o interesse da ecologia maior³⁵, e implica estabelecer o ponto de partida e o ponto de chegada, bem como os caminhos a serem seguidos para se ir de um ao outro. (GODOY, 2008 ,p.24)

Optamos pela cartografia pela noção de acompanhar os processos, além de apresentar um exercício da (re) invenção metodológica. Deleuze é uma preparação para o entendimento dessa metodologia, por utilizar em análise os princípios que constam em Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, volume 1, (DELEUZE ; GUATTARI,1995) , com aproximações da obra que descreve sobre o método cartográfico (PASSOS , 2009) , propomos a **cartografia rizomática**, que acompanha fluxos, pontua e descreve sobre os agenciamentos e acontecimentos, e escreve sobre as conexões, as multiplicidades , em detrimento ao conhecimento-verdade, como possibilidade de contribuir para a pesquisa em educação ambiental .

O conceito de acontecimentos é o que problematiza essa pesquisa, pois não é pré-agendado e possibilita mudanças no plano de superfície nas situações cotidianas. Rompe com a linearidade: desloca, arremessa, e produz movimentos afetuosos e significativos nas relações. Não há coleta de dados e sim produção dos mesmos nos encontros. Não concebe oposição entre comunidades e esses empreendimentos

³⁵ O modelo ou padrão constitui um sistema homogêneo, maior, onde certas singularidades são aprisionadas à força de obliterar ou submeter outras singularidades que, no entanto, permanecem como uma agitação ruidosa, submetendo o modelo a uma variação intensiva”. Godoy(2008,p.58)

citados nessa pesquisa, mas um diálogo na possibilidade de bons encontros e fazer coletivo.



Imagem 25: Catador de Conchas- artesão na coleta diária das conchas em Piúma-ES.
Autoria : Lucas Carvalho.

Os encontros precisam de uma atenção mais apurada, de acolhimento. Assim que as experiências ocorram, elas podem não apresentar sentido de imediato. “*Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso*”(KASTRUP,apud Passos 2009). O próprio problema se auto-modela, tornando-se mais concreto e bem colocado. Encaminhamentos de soluções como resposta emergem de experiências que se desdobram em microproblemas, evidenciando a complexidade das questões abordadas pela educação ambiental. Segundo a autora citada ainda nesse

parágrafo “*A atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata*”.

O cartógrafo precisa redobrar sua atenção, para que outros elementos no campo não desviem seu traçado original. Nessa escuta, mesclamos a metodologia e pluralizamos as ações com a pesquisa narrativa em Educação ambiental, com base nos estudos de Hart (apud GALIAZZI & FREITAS, 2005), que tem como base, priorizar a história contada pelo narrador, e as vozes que são silenciadas ou privilegiadas , além de legitimar tais questões evidenciadas na pesquisa. Tristão (2013) ,complementa que “*A intenção é contribuir para um campo de pesquisa que vai além de um método e de uma metodologia em termos de dimensões discursivas/políticas/filosóficas que orientam a investigação*”.

A proximidade com o campo se deu a partir de um ponto, através dos contatos já estabelecidos com a técnica da SEDU- Vitória-ES e coordenadora de educação ambiental. Interessa-nos saber a respeito do fazer em educação ambiental tecido nesses espaços. A inserção como pesquisadora partiu de minha própria prática docente, como professora efetiva da rede estadual de ensino do Estado do ES. Numa reunião para formação de COM-VIDAS³⁶, no Comitê de Educação ambiental de Vila Velha informei sobre a proposta de pesquisa e fui direcionada para uma reunião com o Comitê de educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

O rastreio e o toque, pistas do método cartográfico, materializaram-se a partir desse ponto, na reunião com o Comitê de Vila Velha (foto abaixo). Infelizmente as reuniões no Comitê de Vila Velha não eram frequentes e não aconteceram no ano de 2015. O que nos remete ao conhecimento rizomático , na concepção de Deleuze & Guattari (1995, p. 18), “ *um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas*”.

³⁶ Comissão de Meio Ambiente e qualidade de vida na escola, tendo como representantes o próprio público estudantil que toma decisões nesse coletivo que visa o bem comum e discute assuntos ambientais no espaço educador. Nos espaços educativos, alguns temas suscitam a discussão de propostas de ação comunitária e os/as educandos /as , que nesse processo intitulam-se delegados, defendem a sustentabilidade publicamente na apresentação de propostas para a escola e comunidade.

Rastrear também se configura com as mudanças de posição, de velocidade, de aceleração e dos ritmos.

As reuniões em Cachoeiro de Itapemirim começaram em maio de 2014, onde pesquisei mensalmente até julho de 2015.



Imagem 26 : Reunião Comitê de educação ambiental da SRE Vila Velha- ponto de deslocamento da pesquisa- Abril de 2014.

Autoria : arquivo pessoal.

A partir desse ponto do rizoma surge um entre-nó, como possibilidade de diálogo e aproximações com os educadores do Sul Capixaba, uma vez que, no ato de *pesquisamovimento*, encontramos resistências, no sentido de impedimento mesmo, para a formação de redes de conversações, e outras possibilidades de contato com os educadores dessa localidade.

Ocorreu no Comitê de educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim esse broto rizomático como possibilidade de diálogo, através da permissão para análise e pesquisa concedida pela Superintendente da SEDU-ES de Cachoeiro de Itapemirim. O Estado do Espírito Santo exerce controle excessivo nas áreas de educação,

através de sua secretaria de Educação e o consentimento para adentrar esse espaço precisa ser concedido. Percorremos por “linhas de fuga, que nos permitiu explodir os estratos, romper raízes e operar novas conexões”. (DELEUZE & GUATTARI,1995, p.24).

No método cartográfico acompanhamos processos de produção de subjetividades que solicitam dispositivos. A capacidade de irrupção daquilo que se encontra bloqueado para a criação, caracteriza um dispositivo. No Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha, detectamos que a mesma coordenadora assume funções diversas e atualmente, foi deslocada para cuidar de outro programa do ensino médio. Com tantas demandas, o exercício da educação ambiental no comitê ficou deficiente, e o mesmo não foi potencializado em reuniões /ações.

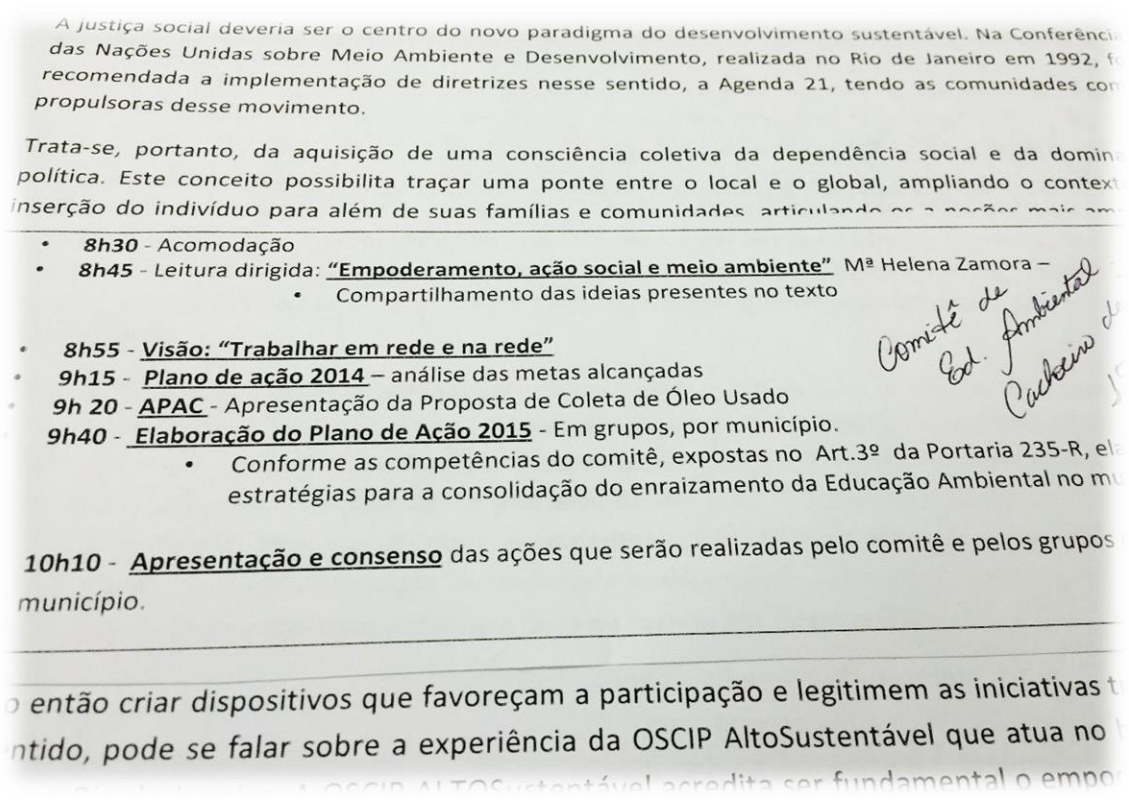


Imagem 27: Cronograma de uma das reuniões do comitê.
Autoria : Arquivo pessoal

Mesmo assim, como configurações outras, institucionalizadas, o Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim avançou. Possui uma coordenadora/pesquisadora. Isso mesmo! Quem coordena esse comitê, estuda para os encontros e avança por acreditar na potência da educação ambiental. Esse dispositivo tensionou, deslocou, provocou outros agenciamentos. Essas conexões não obedeceram a nenhum plano pré-determinado. Juntaram-se num plano de afecções, onde as partes juntam-se as outras, sem uma totalização.

Segundo Kastrup e Barros (apud PASSOS, 2009, p. 90 e 91);

Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. Daí nos interessar saber quais movimentos-funções o dispositivo realiza. Referência, explicitação e transformação são três movimentos-funções a serem explorados quando se está comprometido com os processos de produção de subjetividade.

1.3 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REIVENÇÃO COMUNITÁRIA



Imagem 28: Piúma: Cidade das Conhas !
Autoria : Victor Zetum

[...] A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem.

Barros(2010, p.07)

Com a função de proteger o molusco em seu interior, a concha oferece abrigo e proteção para um ser vivo. A medida que sua estrutura aumenta, a concha *auto-eco-produz* uma nova carapaça que substitui a anterior, desprendendo a concha da camada superior. Conchas na deriva marinha, que especialmente na localidade de Piúma, se concentram devido ao fluxo das correntes marítimas. A cidade recebe o nome poético de “*Cidade das Conchas*”.

O artesanato local ficou conhecido internacionalmente, pois os artesãos produzem peças que são exportadas para a Argentina e outros países da América do Sul. Invenções a partir do que o ambiente natural produz, reinvenções na utilização e ressignificação dessas conchas.

A necessidade de recuar ou saltar obstáculos previstos e impostos é o que nos inspira à mudança, a problematizações, aos saltos e reversos no meio e nas aventuras dos caminhos, e por aí nos atrevemos a saltar no campo das idéias, do imaginário e signos, fertilizados pela mente humana e que podem produzir e potencializar sentidos na existência. Reivenções numa poética existencial.



Imagem 29: Artesanato com conchas

Fonte: Associação dos Catadores de Conchas do Litoral Sul Capixaba.

Uma pesquisa se faz por vários caminhos. Através/na pesquisa podemos nos deslocar a partir de um ponto e ir elaborando novos/vários caminhos que se entrecruzam sem nos permitir perder o rigor metodológico. Por esses caminhos e por tratar-se de uma área que envolve múltiplos saberes, fomos seduzidos pela pesquisa cartográfica Deleuzeana, pois o olhar do pesquisador permite um “recomeço que pertence aos sonhos e à imaginação” e que prolifera nas diversas direções de um “ *teatro de incessantes individualizações cuja base não são os corpos completos dos agentes, mas as potências impessoais que concernem ao devir revolucionário*” (PASSOS, 2009). A sedução pelas leituras da esquizoanálise de autoria de Deleuze & Guattari (1995; 1996), foram agenciadas com essa pesquisa na entrada desse curso de doutorado, nos seminários de pesquisa na disciplina da professora Janete Magalhães Carvalho, Teoria do Conhecimento-PPGE-UFES-ES, 2012. A produção de outras subjetividades, para além das impostas pelo capitalismo, as redes de conversações, a linguagem e outros possíveis que se materializam no devir resistente, revolucionário, emocionado, encantado da pesquisador/a.

A poesia é a forma colorida de enxergar a existência, poetizando, colorimos e res-significamos espaços, falas, olhares, emoções, afetos. Na poesia pela e por uma/várias metodologias, a autora Sato (2011, p.02) nos ajuda a pensar:

Uma pesquisa é como conjugar o verbo pensar no eterno gerúndio, como se fosse um movimento que não se acaba, e por ser algo em plena construção, é possível fugir da rigidez do método científico da Modernidade, abrindo miríades de possibilidades. Assim teremos coisas boas e ruins, como um jardim que não oferece apenas flores perfumadas e aparente equilíbrio. [...] isto é, cada pessoa deverá assumir a responsabilidade de seu próprio jardim doméstico, contra a falsa assepsia, ou o clamor obstinado pela harmonia. Caberá a cada qual adaptar tudo ao seu contexto particular, acomodando conceitos, mudando títulos, ou revendo pontes para novas relações.

Ao navegar na pesquisa encontramos possibilidades de diálogos nos espaços em que se discute a educação ambiental. Nos processos que a pesquisa nos desloca, emerge a urgência de uma escuta participativa dos gestores, docentes e discentes

por meio de conversas e encontros, num mergulho mais profundo para análise a partir das narrativas destes/as nos entrelaçamentos com seus *saberesfazerespoderes* em educação ambiental na comunidade local. A pesquisa narrativa/cartográfica (*cartografia rizomática*), analisa os modos pelos quais os seres humanos experimentam o mundo. Dar significado a esses modos ou “usos” comunicam essa compreensão no encontro com o outro e para o outro.

Pesquisas qualitativas usam a pesquisa narrativa e o potencial de sua aplicação para a pesquisa em Educação Ambiental. Por esse viés metodológico, podemos compreender a razão por que nossas ações são motivadas por crenças, desejos teorias e valores. Para tanto, nos interessa reconhecer nossas histórias dentro de mitos, folclore e histórias de nossa cultura. É reconhecer a natureza subjetiva da pesquisa narrativa com uma janela para a sensibilização, como espelho para a nossa própria existência. Também possibilita um caminho para organizar e comunicar as experiências de outros.



Imagem 30: 1ª Feira de trabalhos pedagógicos no litoral Sul – Prática Singular na Educação Infantil.
Fonte: Arquivo pessoal.

Dialogando com Tristão (2007, p. 01), sobre a pesquisa-narrativa ;

Dentro de uma perspectiva sócioeducativa, o trabalho com comunidades e escolas e a dinâmica das ações de Educação Ambiental em um determinado tempo/espço envolve questões que se tornam, cada vez mais, complexas e conflituosas não só do ponto de vista ambiental, mas também das dimensões da vida em sociedade, de modo geral. A pesquisa qualitativa com o uso de narrativas supera a concepção de que os sujeitos praticantes ou fazedores da educação ambiental são instrumentos das decisões das políticas de governo ou de suas instituições, são compreendidos como protagonistas.

Por tratar-se de uma região que enfrenta processos neoliberais de transformação e exploração, inicialmente a pesquisa percorreu os locais onde os educadores ambientais do Sul Capixaba discutem e demonstram suas práticas singulares e potencializadoras. Assim, o lócus inicial da pesquisa concentra-se em dois Comitês: O de Vila Velha (que coordena as ações de Vila Velha a Piúma, ES), e onde participei de apenas 4 reuniões e o de Cachoeiro de Itapemirim (que coordena ações do Sul Capixaba e litoral Sul).

No mapa apresentado na página seguinte, segue a localização dos municípios e em destaque as regiões de abrangência dos comitês de Educação Ambiental

Rosa- Vila Velha e Guarapari – **Amarelo:** Anchieta, Piúma, Itapemirim, Marataízes, Presidente Kennedy, Iconha e Rio Novo do Sul - **Lilás:** Cachoeiro de Itapemirim, Mimoso do Sul, Muqui, Atilio Vivácqua e **azul:** Castelo , Vargem Alta e Venda Nova do Imigrante .

Os moses essas que “acontecem” e interagem pelos fluxos que a pesquisa nos permite percorrer na invenção e reinvenção de novos modos/ outras lógicas na existência.

Mapa dos Municípios e Regiões Turísticas do Espírito Santo

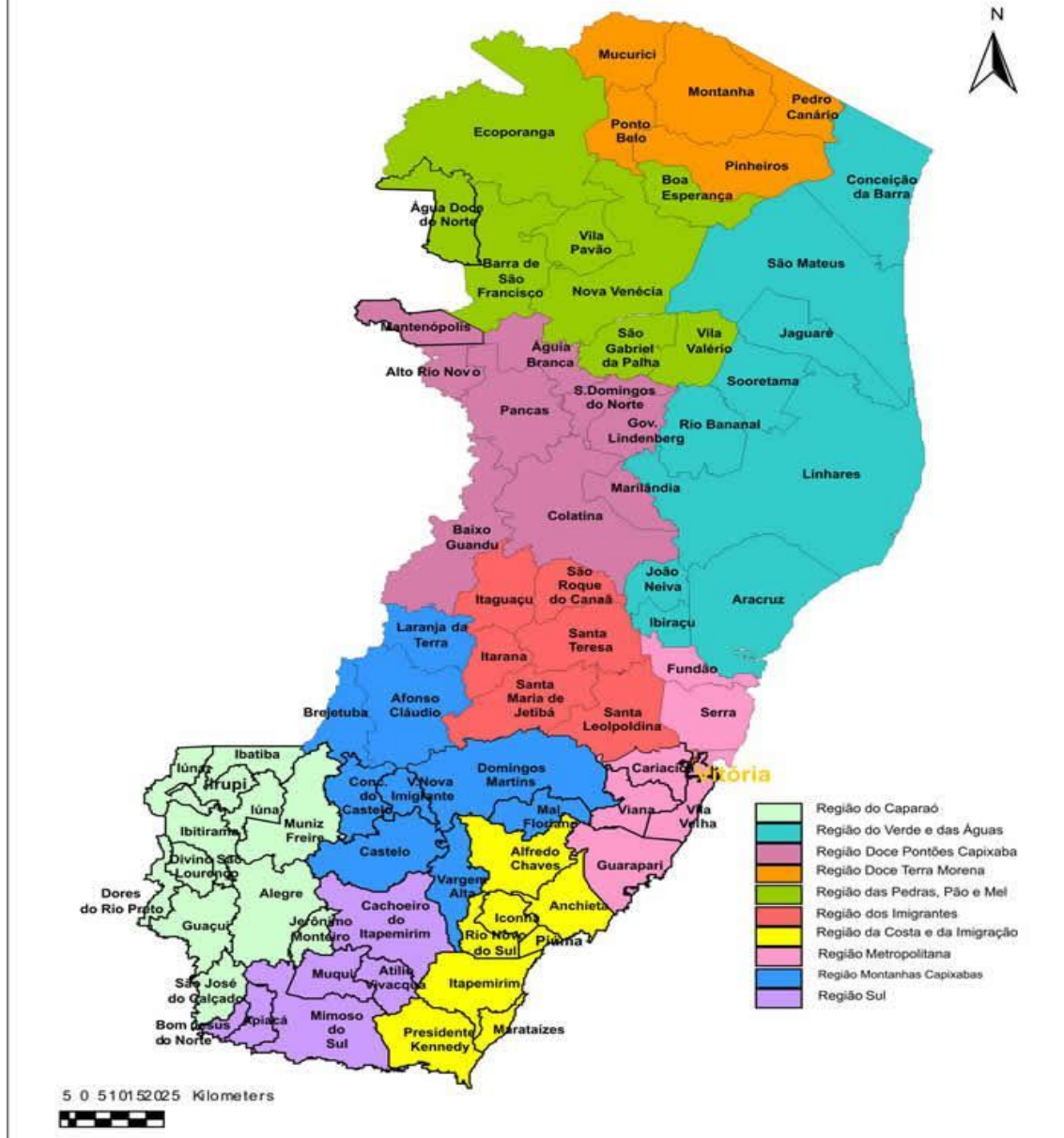


Imagem 31 : Mapa dos Municípios Capixabas.
Fonte: Secretaria Estadual de Turismo- ES.

O segundo momento da pesquisa aconteceu a partir de conversas tecidas com educadores no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim- reunião com os educadores³⁷. A partir das conversas com educadores, fizemos contato com as Escolas Estaduais do Sul Capixaba e agendamos uma visita. Em cada escola visitada, conversamos com o setor pedagógico sobre as redes que tem sido tecidas por essas escolas no diálogo com esses empreendimentos que se instalam e a comunidade. Tais escolas encontram-se dentro da trama de exploração e instalação desses empreendimentos e lidam com questões cotidianas acerca dos movimentos de (re) existências da comunidade.

As narrativas feitas com os docentes dos municípios de Itapemirim, Marataízes, Anchieta e Presidente Kennedy se deram nos encontros das reuniões dos Comitês que integrei enquanto pesquisadora do NIPEEA-UFES-ES.



Doutoranda Marcia Moreira de Araújo

Imagem 32 : Redes de conversações no Comitê de Cachoeiro de Itapemirim. (foto tirada pela coordenação do comitê e enviada em relatório para os educadores).

Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

³⁷ Mencionamos que as reuniões no Comitê de Cachoeiro de Itapemirim iniciaram em 2 turnos; um com gestores e outro com docentes/ relato de experiências. (p.40 dessa tese).

No terceiro momento da pesquisa foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio “Professora Filomena Quitiba”³⁸. A partir de julho de 2014 a Outubro de 2015, acompanhei os fluxos e as redes tecidas e vividas na Escola de Ensino Médio Professora Filomena Quitiba, entre elas: Formação de Educadores, aulas, intervalos das aulas, encontros de planejamento, exposições e projetos desenvolvidos nesse período. Hart (2003) entende que a pesquisa em educação ambiental possui diferentes modos de conceituar a relação entre educação e investigação e aponta o valor da pluralidade nas experiências e no trabalho para remover a condição adjetival da Educação Ambiental, enfatizando o caráter central do meio ambiente no pensamento e no conhecimento, que são elementos basilares do currículo e da política social.



Imagem 33 : Escolas visitadas na região Sul Capixaba.
 Autoria : Arquivo Pessoal.

³⁸ Registro aqui uma nota de repúdio ao Governo Estadual administrado a partir de 2015, que negou meu pedido de licença para estudos e pesquisa nesse período cursando o doutorado , mesmo sendo professora efetiva na rede estadual há mais de 6 anos. Aguardei pela liberação após o período probatório, mas sem êxito. Sendo assim, a realização da pesquisa se deu na Escola Estadual que trabalho como docente, pois essa escola encontra-se na área de exploração pelos empreendimentos de exploração mineral da região Sul Capixaba. Tem sido muito difícil ser educadora-pesquisadora no estado do Espírito Santo.

Pensando na Educação Ambiental como possibilidade de encontro e de aliança desses saberes que efervem na escola, nas infinitas redes de *saberesfazerespoderes* que constituem essas práticas, entre elas: o acolhimento, as conversas, as possibilidades de bons encontros e as apresentações culturais. Assim, nos levamos pelo seguinte pensamento da pesquisa cartográfica no texto de Kastrup (apud PASSOS, 2009, p.12);

Nessa arca de alianças proclamam-se a impureza e a crença de ser possível fazer existir mundos impensados, sondar seus não lugares, seus ocupantes sem lugar, seus lugares sem ocupantes. Trata-se assim de perdermos a posição central em um processo a ser conduzido; trata-se de nos reconhecer como corpos-de-passage. Nas operações cartográficas, fazemos núpcias com o mundo, extraímos-lhe sentidos, atuamos em um plano expressivo que conota ao nosso ato de pesquisar um pouco daquilo de que são dotados os artistas: dizer o indizível, pensar o impensado, ver o invisível, ouvir o inaudível.

Nas redes de conversações que efetivamos nos encontros, partimos da seguinte problematização:

- *Qual a relação que a escola tem estabelecido nas práticas educativas, que possibilitam o diálogo da comunidade com esses empreendimentos?*



Imagem 34- Plataforma instalada na Costa Sul do ES em 2014-2015. P-34 – antes do acidente em 2015. Flutuante atualmente³⁹. Fonte: PETROBRÁS-ES

³⁹Essa plataforma foi fixa por muito tempo de exploração. Atualmente, após reformada de um acidente, ela é flutuante, atua em espaços temporários.

A educação ambiental tem sido vista como um campo de estudos que propõe a inter/trans/multidisciplinaridade, pelo viés da teoria da complexidade como possibilidade de pensar a integração. Na abertura a esse outro/novo modo de ver as situações presentes na comunidade, o diálogo com os grupos coletivos tenta romper com a fragmentação e a desconsideração de saberes socioculturais e ambientais que promovam o encontro com o outro. Contrapondo-se a essa lógica de dominação e colonização dos saberes, a educação ambiental dialoga com esses múltiplos saberes culturais e científicos, e abre espaços no currículo e no seio comunitário para potencializar as discussões pertinentes/existentes. A autora Nilda Alves nos ajuda nessa compreensão:

Por outro lado, nas organizações curriculares propostas, onde e quando quer que se realizem, vão sendo inseridos, permanentemente, espaços e tempos/ componentes curriculares que, por uma história dominante, vão mantendo/adquirindo a identificação disciplina, mas que, na verdade, melhor se caracterizariam como campos de estudo, informados por uma trama tecida de múltiplos conhecimentos teórico-práticos. Alves (1998, p.118).

A pesquisa com as narrativas em educação ambiental estuda os modos pelos quais os seres humanos experimentam o mundo. Hart (2005,p.16) afirma a *“narrativa usa o conhecimento relatado na tentativa de dar significado aos modos pelos quais os seres humanos compreendem o mundo e comunicam essa compreensão para os outros”*.

De acordo com Hart (2003,p.162);

A variação de como a Educação Ambiental é entendida, de como o conhecimento é conquistado e de como as abordagens pedagógicas são moldadas é algo que pode ser visto como fonte de preocupações ou de possibilidades, dependendo do ângulo adotado. Hoje os educadores ambientais podem recorrer a análises mais estruturadas dos processos pelos quais a consciência, a sensibilidade e a preocupação ambientais são geradas e usadas, além de atentarem para os contextos socioculturais em que a participação ocorre.



Imagem 35: A Catadora de conchas
Autoria: Lucas Carvalho.

Ao tentar compreender o mundo, tecemos redes de conhecimentos na escola que se entrelaçam aos conhecimentos advindos dos saberes e fazeres na escola, Certeau (1998) nos chama atenção para “aceitar o conhecimento aí construído, os modos de aí ser e sentir, e as artes de aí se fazer. Especialmente nessa pesquisa, pensar também em como se dão os processos de negociação, que de certa forma estabelecem ou instituem o poder da comunidade, se faz urgencial no momento em que nos encontramos na pesquisa. Na tentativa de abrir um diálogo com Nilda Alves, consideramos:

Ao contrário do que as falas oficiais vêm fazendo – desqualificar a escola, seus profissionais, seus alunos – deveríamos buscar entender por que caminhos (linhas de força) as novas tecnologias e os novos conhecimentos estão entrando na escola, o que a escola faz com isso e o que cria a partir daí. Alves (2008,p. 119).

Nos fazeres pedagógicos enunciados nas narrativas como projetos/atividades/ações, percebemos a potência que a educação ambiental exerce

nessas comunidades. A perspectiva de potência social e política da Educação ambiental também é evidenciada nas narrativas apresentadas nessa pesquisa conforme um de nossos educandos-as/intercessores-as enuncia:

Educando: *Professor, o Sr viu a baleia que encalhou na Praia dos Castelhanos? Nossa, ultimamente só da baleia encalhada. O pior é ver o sofrimento dessa que morreu. Sofreu por 24 horas seguidas e nada de alguém responsável aparecer. Fui lá com a minha mãe jogar água nela. Minha mãe disse que ajuda. Será por que isso tá acontecendo?*

Professor: *É por causa do senso de orientação que elas possuem estar se desconectando por causa das sondas de exploração das jazidas de Petróleo. Baleias tem um curso de navegação orientado.*

Educando: *Nossa, por causa do Petróleo, vamos perder mais o quê?*

Essa indagação trouxe para a aula um momento de discussão sobre a situação de exploração do local. Muitos alunos e alunas ficaram perplexos, pois não tinham conhecimento da gravidade do fato. Morin (2000) nos fala que o particular se torna abstrato quando isolado do seu contexto, do todo qual faz sua parte. Assim, precisamos trazer à tona essas inquietações, provocar pensamentos e narrativas mais políticas e tornar visíveis nossas experiências e práticas sustentáveis que se tornam insignificantes nesse contexto externo que ausenta experiências significativas.

Especialmente no contexto socioambiental em que se insere a pesquisa, a análise abaixo propõe uma reflexão profundamente enraizada nessa metodologia:

[...] se a história é contada por um pesquisador/ narrador outro que não seja o autor. Esse lado interpretativo, torna-se uma espécie de dupla hermenêutica em que as inevitáveis críticas às formas de pesquisa qualitativa se dirigem ao motivo de esta história particular estar sendo contada, porque ela foi de interesses, e de quem são as vozes silenciadas ou privilegiadas, além de também se referirem a questões de representação e legitimidade. (HART, 2005, p.17)

Para tratar da reinvenção dos estudos da cognição na atualidade, precisamos entender o espaço/território e outros fatores em virtude do que o problema da cognição ocupa. A invenção não pode ser entendida apenas como um ponto de partida, um tema, ou questões a serem analisadas, mas sim, o que move a investigação, seu ponto de partida e originalidade. No viés dessa maneira de ver a pesquisa, Kastrup (1999, p. 111), escreve:

Tal maneira de colocar o problema será decisiva para uma concepção da cognição como processo de invenção de si e do mundo, que contrasta com a concepção cognitivista, na qual o problema da cognição é formulado em termos de leis ou princípios invariantes. [...] ao pensar a cognição como invenção do sujeito cognoscente e do mundo conhecido, Maturana e Varela fazem da regularidade das formas cognitivas algo que merece ser explicado, sendo seu suporte explicativo uma inventividade considerada intrínseca à cognição.

Nesse processo osmótico, de ressignificações e interações a partir da reação com um produto externo, encontramos um cenário de mudanças sociais, políticas, ambientais e ECONÔMICAS. Enfatizamos esse último setor por ainda ser o precursor de uma lógica que permeia nosso campo de pesquisa e as práticas pedagógicas, especialmente a educação ambiental praticada nas escolas e comunidades. A todo o momento nos deparamos com “modelos” excludentes, como “campeões do futuro”, “o melhor da sala”, “os quatro melhores delegados do ES”, esse último na Conferência Infante Juvenil de Meio Ambiente, etapa estadual no ES.

Nas redes desse rizoma, a rica oportunidade de conhecer práticas que nos movam e desterritorializam o cenário citado anteriormente. Nesses deslocamentos, buscamos no jogo das palavras ou no encontro com elas, percorrermos pelas linhas que oportunizam novas/outras lógicas para potencializar a educação ambiental capixaba, na incessante reinvenção de ser humano nessa biosfera.

1.4- EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DIÁLOGOS, PERCEPTOS E AFECTOS.

Sempre implicar, nunca explicar!

Foucault 1984

Pensar os problemas ambientais atualmente sugere um pensamento voltado para os problemas humanos e complexos, no qual a ligação entre sociedade e natureza não pode ser dicotomizada e sim complementar, entrelaçada nos diversos aspectos que constituem a compreensão desse cenário atual. Para tal pensamento, a busca pela interdisciplinaridade tem caracterizado um dos principais debates desde parte da segunda metade do século XX, havendo nesse período, uma discussão acerca do currículo e das práticas no que tange a sua composição e integração, relações entre teoria e prática e entre a educação e sociedade.

Nas discussões de grupos de formação de professores e outras acerca do currículo escolar, existe a tentativa de “enquadrar” a educação ambiental em uma disciplina, o que reduz o caráter amplo e múltiplo das discussões desse campo do saber, uma vez que tais questões emergem de um cenário conflitante, que deriva de várias questões, que poderíamos chamar de multidisciplinares, pois a Educação ambiental trata de assuntos pertinentes a todas as áreas, para objetivar a discussão coletiva de soluções pelo bem comum do problema local e global e vice-versa.

Segundo Tristão (2013), a educação ambiental é compreendida como filosofia de vida, não como uma disciplina obrigatória que se soma as outras disciplinas do currículo ou um tema, mas para orientação, para conhecer e compreender, em sua complexidade, a natureza e a realidade socioambiental. Por esse viés de pensamento, podemos viabilizar outras formas de reflexão, que sejam amplas, conectadas, emergentes, partindo de um paradigma social que seja mais subjetivo e aberto a questões que valorizem a alteridade e as ações coletivas adentrando o terreno da criação de políticas públicas que estabeleçam um elo de sociabilidade e democracia no que tange a garantia dos direitos e exercício da cidadania.



Imagem 36: Outros movimentos dos corpos no plantio de mudas/interações na prática singular.
Autoria: Arquivo pessoal.

É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades. Guattari (1999) nos alerta que nossas sociedades se contentam em abordar o campo dos danos industriais, e numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política, que ele chama de *ecosofia*, numa abordagem do meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, é que poderá esclarecer tais questões.

Como questionamento sobre a aplicação das práticas singulares em educação ambiental, é emergente uma reflexão acerca da maneira como ocupamos nossos espaços de vivências e nesses, efetuamos relações afetuosas, mesmo no contexto das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Ainda na esteira do pensamento questionador/reflexivo de Guattari, em seu livro *as três ecologias* (1999, p.09);

Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? No Terceiro Mundo, como no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos.

Na natureza destas multiplicidades e de seus elementos, o pensamento rizomático, que tem como característica a variação e modificação dos elementos surge como possibilidade de pensarmos de outra maneira/lógica distante do pensamento reducionista. Fundamenta-se no pensamento da interação, do reencantamento pelo que já é vivido, vivenciado. Na compreensão da multiplicidade, a tentativa é escapar da oposição abstrata entre o múltiplo e o uno, para escapar da dialética, para chegar

a pensar o múltiplo em estado puro, para deixar de fazer dele o fragmento numérico de uma unidade ou totalidades perdidas.

Práticas singulares em educação ambiental nos possibilitam trabalhar com multiplicidades arborescentes e multiplicidades rizomáticas. Macro e micromultiplicidades. De um lado, as multiplicidades extensivas, divisíveis e molares, unificáveis, totalizáveis, organizáveis, conscientes ou pré-conscientes – e, de outro, as multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas, constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém. De acordo com Deleuze & Guattari (1995), uma ruptura do rizoma para uma linha de fuga ocorre cada vez que linhas segmentares explodem. Não se pode contar com dualismos ou dicotomias, pois a ruptura avança em linhas de fuga, que reencontram organizações para reestratificar o conjunto, e possibilitam a reconstituição do sujeito.

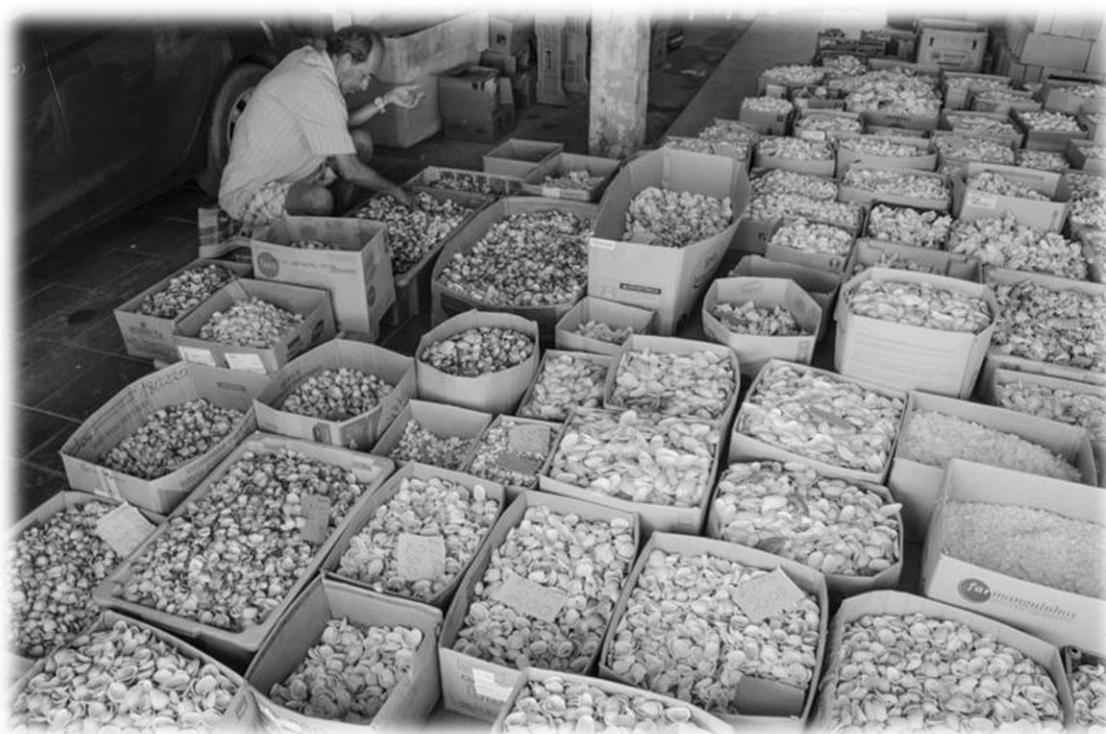


Imagem 37: conchas coletadas para artesanato.
Autoria : Lucas Carvalho.

Relacionar *natureza cultura ambiente* e compreender tal relacionamento de forma contextualizada é o que nos remete ao pensamento múltiplo e integrado, sendo inviável pensar na redução da educação ambiental em uma disciplina, e sim, integrar formas de pensar e expressar essa multiplicidade de contextos, vivências, entrelaçados na maneira de ser e viver de cada indivíduo. Segundo Espinoza (apud SAWAIA, 2007), faz-se necessário a recuperação da importância das emoções ao desenvolvimento humano e social, sendo objetivo da filosofia, a desvalorização das paixões tristes e a denúncia daqueles que a cultuam e delas dependem no jogo político das relações de poder.

Estimular afetos positivos, derivados da alegria por considerá-la a base da autonomia. Para se atingir a democracia, é preciso fortalecer emoções alegres, e a educação ambiental prima por esse sentido nas práticas que acontecem nas comunidades.

Poeticamente, muitas coisas podem enunciar vida e quantas possibilidades existem no entorno e passam despercebidas. A educação ambiental tem sido considerada como um mosaico do sujeito com ele mesmo, com o outro e desses com o planeta Terra.

Perceptos e afectos no mundo, pela educação ambiental em modos mais criativos de aprendizagem e relações. Os perceptos fazem parte do mundo da arte. Segundo Deleuze; Parnet (1998), cria um conjunto de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. Há um grande complexo de sensações, pois há sensações visuais, auditivas, nas múltiplas sensações. Práticas singulares que permitem dar a este complexo de sensações uma independência radical em relação àquele que aprende e se enreda.

Não há perceptos sem afectos. Educação ambiental por perceptos como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles.

Será que através da educação ambiental podemos criar afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível. Deleuze problematiza que, “*não há nem possível nem virtual no domínio dos enunciados, tudo neles é real, e toda a realidade é neles manifesta: só conta o que foi formulado, aí, a tal momento, e com tais lacunas*”.(DELEUZE ,1996).



Imagem 38: Movimento cultural e folclórico de Presidente Kennedy, ES.
Fonte: Sec. de Cultura de Presidente Kennedy.

Dentro de uma outra perspectiva para sentir e mobilizar-se, as comunidades da região Sul capixaba reorganizam-se em movimentos (re) existência ao que é imposto e instituído, o que tem contribuído para que a educação ambiental possibilite reflexões, mobiliz(ações) e discussões acerca da industrialização e suas interferências no ambiente.

Essa forma de abordagem da educação ambiental permite que o pensamento rizomático avance em relação ao conhecimento arbóreo e muitos educadores tem estabelecido tessituras em suas redes formativas, novas possibilidades de trabalhar a educação ambiental em seu cotidiano. Conforme relata a **educadora** cursando no Processo formador em Educação Ambiental a distância:

Relacionar a cultura ao ambiental tem sido uma aprendizagem valiosa. Não sabia que poderia pesquisar sobre o que temos de movimentos culturais na comunidade e a partir deles, trabalhar a história e a cultura do meu local. Vou desenvolver um projeto com minha comunidade a partir do que aprendi aqui.

Biopoderes presentes na comunidade, pela ênfase na proteção da vida, na regulação do corpo e na proteção de outras tecnologias, exercem na comunidade suas interferências, especialmente nas práticas singulares e no currículo. Segundo Foucault (1998), a emergência do biopoder se dá a partir da firmação da governamentalidade. Sendo essa, um conjunto de instituições, práticas e formas de pensamento próprio desta forma de exercer o poder, em que a população se torna o alvo principal. Deriva dessa governamentalidade a economia política e os dispositivos de segurança como instrumento técnico. A **narrativa de uma professora de Marataízes**, do Comitê de Educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim a seguir expressa os efeitos dessas transformações na comunidade:

Lamento muito ver que não podemos mais ter peixes como antes. Lamento muito que sofremos tanto com a morte de seres aquáticos no mar por causa dessa exploração. Minha tia é marisqueira⁴⁰, ela reclama que não tem como pegar mexilhão nas pedras. A contaminação é demais. Ela precisa de investimento para o cultivo em alto mar, mas a Petrobrás só abre seleção

⁴⁰ Criação e coleta de mariscos/mexilhões da espécie conhecida como Perna-perna.

de Projetos no Meio do Ano. Mas projetos para que? Minha tia nem sabe escrever direito.

Existe uma compensação, isso é real. As condicionantes e o processo compensatório das empresas são estabelecidos por normas. As empresas financiam projetos em algumas comunidades através de editais que selecionam projetos. Esses editais formalizam o acesso para análise da proposta de investimento. O fato da marisqueira não saber ler ou escrever conforme o padrão estabelecido no documento dificulta o acesso a esses editais e conseqüentemente, a marisqueira ficará sem o recurso. Nessa biopolítica, encontramos um exemplo claro de sua derivação: o biopoder. O biopoder, segundo Foucault (1998), a população é tanto alvo como instrumento nessa relação de poder.

A biopolítica não se apresenta dessa forma perversa ou através de uma ameaça direta de morte. O controle na população é gradual e imperceptível. Se aplica a população a fim de controlar a vida, pois a vida faz parte de um campo de poder. Assim, descrito na narrativa de um funcionário da prefeitura de Itapemirim que participava da quarta reunião no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim :

Não podemos mais ir na Praia do Martim Moreira. A Vigilância é redobrada lá. Cresci brincando naquela praia e hoje não posso nadar. Ouvi dizer que será instalado uma plataforma de apoio para troca de peças de outras plataformas. Meu pai pescava na Ilha de Itapitinga, mas hoje o acesso é restrito. Podemos entrar em alguns horários, mas geralmente é a noite e tem que pescar de lanterna. Muito perigoso para a gente.

Por esse viés, há uma utilização de correção, que não são meios de punição, mas meios de transformação dos indivíduos. E toda a tecnologia do comportamento do ser humano está ligada a esse biopoder que permite que a sociedade distinga entre o normal e o patológico e dessa maneira, impõe um sistema de normalização dos comportamentos e das existências.

O autor ainda ressalta que as configurações de poder constituem as disciplinas, a normalização por meio da mediação social, a emergência de uma série de

biopoderes e a aparição de tecnologias de comportamento. Por esse prisma, configura-se na região essas questões que aparecem de forma repentina, provocando reações diversificadas na comunidade: problematizações/questionamentos e ações pacíficas/silenciadas. Nas tramas da existência local, os administradores-políticos se convencem do “melhor” para o local. O funcionário da prefeitura, em uma próxima narrativa, contribui:

Muita gente estranha chegando aqui. O bom disso tudo é que o comércio está se expandindo. Isso é bom, né?! O triste é ver que quem é pescador, catador de caranguejo, colhe marisco, desfia siri e outros, vai fazer o que? Vai ter que se fichar na empresa aí. Todo mundo está tendo que voltar para a escola, para aprender a operar as máquinas. Caso contrário, vai vir mais gente de fora.



Imagem 39: Ações de coleta de resíduos: separação e análise do que a comunidade descarta- Escola Filomena Quitiba/ Instituto Federal do ES- Campus Piúma.

Autoria: Arquivo pessoal

CAPÍTULO 2

POR ANDANÇAS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: VIVÊNCIAS E TESSITURAS



Imagem 40 - O Catador de conchas
Autoria : Lucas Carvalho.

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Conjugam os fluxos desterritorializados. Seguir as plantas: começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se, no interior dessa linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções. Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 20)

A complexidade ambiental perpassa espaços educativos, escolarizados ou não, além de abordar assuntos que envolvem uma multiplicidade de campos disciplinares. Assim, as práticas sustentáveis necessitam problematizar e visualizar a problemática ambiental, numa perspectiva histórico-política e filosófica, na tentativa de elucidar as questões que emergem no contexto da busca, da discussão, da dialógica, dos inúmeros sentidos produzidos para clarificar esses fatores estruturais.

Percorreremos por fundamentos e princípios da educação ambiental, com que tecemos nossa rede solidária de existência e nosso campo imanente no devir revolucionário, na (re) existência a partir do que já temos como suporte primário de lutas sociais emergentes da e na sociedade local.

De acordo com Deleuze (1982);

Não é ao mesmo tempo que nos tornamos maiores nem menores, pois ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se do presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Não crescemos sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. (p. 07).

Processos educacionais ocorrem nos fluxos, a partir daí podemos entender a Educação ambiental como uma relação na linguagem, no modo como desliza sobre situações problematizadoras do/no local. Mas, para a consolidação desse campo educacional, muita luta e atuação política se fez e ainda se faz necessária para entendermos e (re) existirmos nas situações em que surgem conflitos e dissensões.

Deleuze (1982) ainda problematiza sobre não ser talvez essa relação com a linguagem, como em um “fluxo” de palavras, um discurso enlouquecido que não cessaria de deslizar sobre aquilo a que remete sem jamais se deter? Ou então, não haveria duas linguagens e duas espécies de “nomes”, uns designando as paradas e repousos que recolhem a ação da ideia e os outros exprimindo os movimentos ou os

devires rebeldes? Ou ainda, não seriam duas dimensões distintas interiores à linguagem em geral, uma sempre recoberta pela outra, mas continuando a “sub-vir” e a substituir sob a outra?

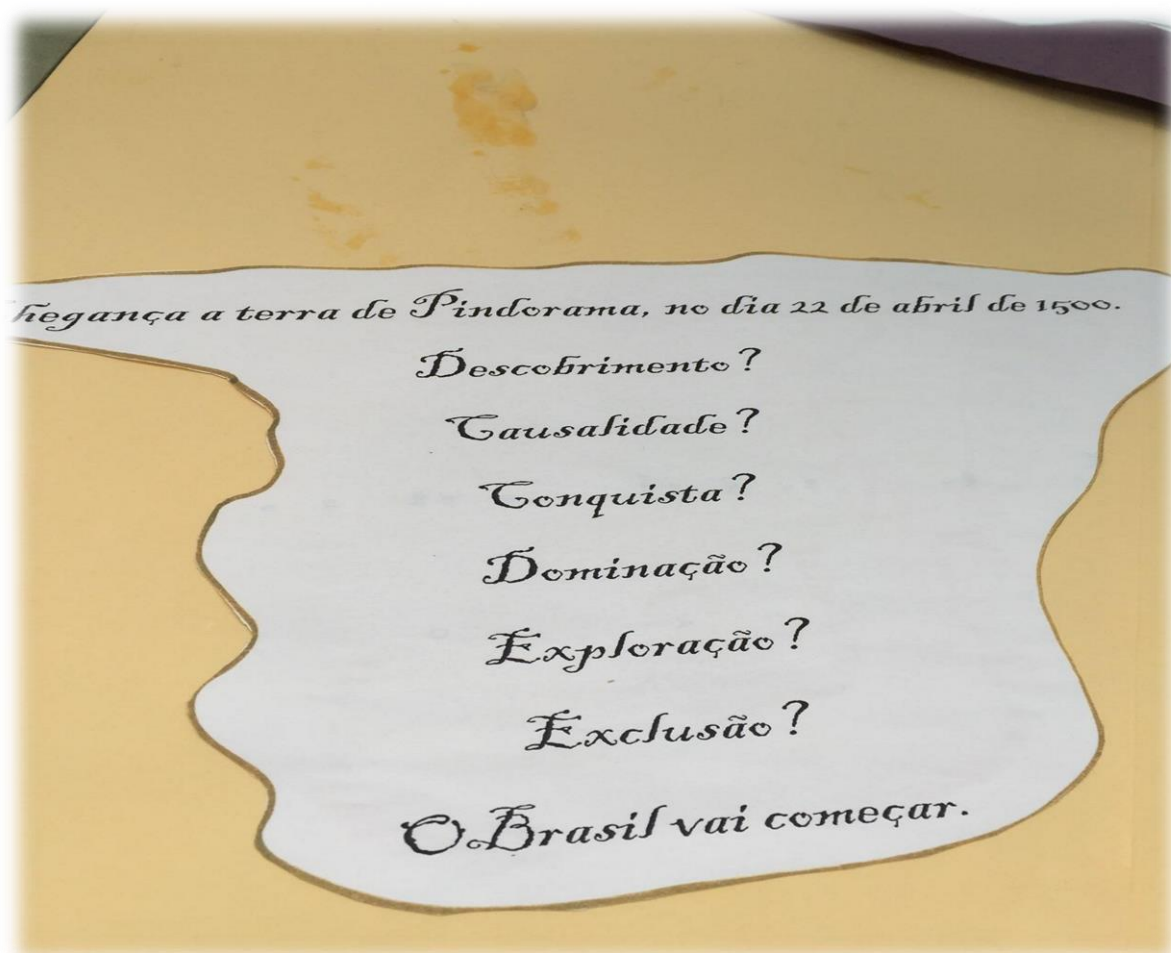


Imagem 41- Trabalhos em exposição no mural da Escola.

Autoria : Arquivo pessoal.

Segundo Tristão (2007), estamos no movimento entre conflitos e contradições, entre um pensamento e outro, já que vivemos entre as rupturas e continuidades. A Educação ambiental nos convida a pensar a complexidade desse tempo e confere-

lhe uma característica nova: é necessário juntar, ligar o que esteve disjunto e fazer uma leitura multidimensional para analisar os contextos das complexas realidades.

Nesse cenário, um processo educativo comprometido com a sustentabilidade e a participação pode formar pessoas capazes de entender e de conduzir bem essa transição. Insere-se a Educação Ambiental como potência, incluindo os processos formativos, a partir de um legado de movimentos de militância no/pelo fazer em educação ambiental no Brasil.



Imagem 42: Palestra de Edgar Morin na Rio + 20, 2012. RJ.
Autoria : Arquivo pessoal

A educação ambiental nasce de uma demanda social. Uma demanda que atende aos apelos e aos ecos deixados pela degradação social e ambiental. Na dimensão ambiental, muitos sujeitos que fazem educação ambiental, que aqui denomino autopoiéticos, estão presentes no universo educativo. Num diálogo com e na

comunidade local, Certeau (2012, p.446) nos ajuda na compreensão desses processos:

Partimos do conceito da pluralidade, e de conexos, como a diversidade, complexidade. Em seguida - de passagem do plano lógico pelo plano da natureza – veremos que ali já está antecipada, sobretudo na vida, no homem e na sua cultura, a dialética do uno e do múltiplo, ou da complexidade interiorizando-se em unidade. Na conclusão, indagamos sobre as perspectivas de uma plena realização dessa unidade na diversidade.

Encontramos espaços coletivos de discussão que associamos nessa pesquisa a “agenciamentos coletivos de enunciação”, por tornarem-se potência a partir do engajamento dos diversos sistemas de conhecimento: a formação dos professores , as aulas das disciplinas do Ensino Médio Estadual do ES e as reuniões com os gestores ambientais e professores das localidades da região Sul Capixaba, incluindo o Comitê de Educação Ambiental (CEAR- SUL), em Cachoeiro de Itapemirim. Indo ao encontro dessa reflexão sobre os processos formativos, Tristão (2004, p.17) afirma que;

[...] A produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as interrelações do meio natural com o meio social, incluindo a análise dos determinantes do processo, o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social que aumentam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento, numa perspectiva que priorize um novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental.

Segundo Deleuze & Guattari (1995), os agenciamentos coletivos de enunciação funcionam, com efeito, diretamente nos agenciamentos maquínicos, e não podemos estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e objetos. Por essa percepção, abrem-se brechas sobre a discussão de uma objetividade e uma intencionalidade da ciência e do progresso. Contextualizar esses modos de operação da máquina abstrata (DELEUZE & GUATTARI, 1995), nos permite inicialmente entender os processos de negociação em relação a exploração dos ambientes e como a comunidade local tem reagido a transformação radical de suas áreas de convivência, acompanhados por uma mudança de pensamento, de ações. Por esse viés, compreendemos que “a máquina abstrata que opera a conexão de

uma língua com conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados, com agenciamentos coletivos de enunciação, com toda uma micropolítica do campo social”. A educação ambiental abre possibilidades de se pensar para além de uma regra estabelecida e problematizar a situação vigente, a partir do que entendermos ser importante e assim operarmos nosso desejo em favor da relação ambiental, social e cultural. Na região Sul Capixaba, as transformações decorrentes de um (des) envolvimento excessivo e uma exploração de cunho extrativista, onde centralizam os grandes depósitos de petróleo encontram-se nessa região, passam a atrair grandes empreendimentos de cunho exploratório .

Nesses espaços é fácil notar ausências de representantes que lutam pelo meio natural, como os pescadores artesanais, catadores de caranguejo .Em audiências públicas há um esvaziamento constante, como já citei anteriormente e reforço aqui, pois esse fato torna-se fator instigante, pois os processos de negociação, nesse âmbito , estão esvaziando.

Ausências? Cansaço? O que precisamos ou estamos esperando para dialogar? . A linguagem ali utilizada “não se estabiliza em torno de um língua-mãe , mas toma-se de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política” (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Persistem as manifestações devastadoras advindas do processo exploratório. Mas, novamente levanto a problematização dessa tese: De que forma a comunidade pode ser potencializada por ações educativas, especialmente em educação ambiental?

Internalizar a questão ambiental emerge na potência de um saber que ainda está em construção. Parte de um esforço em fortalecer visões integradoras que, abrem possibilidades para uma reflexão sobre a diversidade e a construção de múltiplos sentidos e percepções acerca do socioambiental. Nesse sentido , Tristão (2004,p.18) aborda:

A educação ambiental, nas suas diversas possibilidades, abre um estimulante espaço para um repensar de práticas sociais e o papel dos professores como mediadores e como transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão essencial do meio ambiente global e local, da interdependência dos problemas e soluções e da importância da

responsabilidade de cada um para construir uma sociedade planetária mais equitativa e ambientalmente sustentável.

Criar condições de diálogo, desenvolvendo indicadores e procedimentos por meio de práticas centradas na educação ambiental que estimulem e repensem sobre os modos de vida atual, fomentando a ética e o respeito junto a um questionamento sobre o modelo social excludente e competitivo de um desenvolvimento marcado pelo caráter predatório , reforçando as desigualdades em seus múltiplos sentidos.



Imagem 43: Evento paralelo ao evento oficial na Rio + 20- RJ.
Autoria : Arquivo Pessoal.

O paradigma dominante pauta-se em uma razão cognitiva-instrumental que centraliza ações e volta o pensamento a um excessivo desenvolvimento. O processo exploratório desencadeou a partir da exploração e do processo colonizador, que em meio às grandes navegações, determina áreas de extração e de territorialização.

Agenciamentos maquínicos que escravizaram e desconsideraram a existência, num estabelecimento total de regras e imposições. É importante mencionar que a educação ambiental surge no Brasil muito antes da sua institucionalização no governo federal. Artigos publicados e nossa primeira legislação nacional extremamente conservacionista, caminhavam paralelamente ao movimento ambientalista no início dos anos 70, período em que ocorre a emergência de um ambientalismo que se une às lutas pelas liberdades democráticas, manifestadas por professores, estudantes e escolas. Além das ações de organizações da sociedade civil ou mesmo dos órgãos das esferas governamentais.

2.1- NARRATIVAS NA ECOSSOCIABILIDADE- DEVIR SUSTENTAVEL

Movimentos citados no capítulo 1, também estão presentes no Comitê, e, em nossa reunião com a equipe de professores como os desdobramentos da Conferência Infante Juvenil nacional, onde a educanda - Rebeca Rivas , movimenta a comunidade pelas sustentabilidades em seu local- Mimoso do Sul, no ES.

A narrativa abaixo confirma essa potência:

O mais importante é que os jovens estão preocupados com essa questão. O movimento gerado após a Conferência Infante Juvenil, fez com que a jovem de Mimoso do Sul arregaçasse as mangas e tomasse iniciativa de mobilizar a comunidade para um reflorestamento ". Temos muito orgulho disso, é fruto da nossa educação. Tem gente disposta a mudar.

Coordenadora do Comitê de Cachoeiro de Itapemirim



Rebeca Vivas - Projeto Apolo

Imagem 44 - Jovem Rebeca Rivas, estudante que foi para Brasília na Conferência Infanto Juvenil de Meio Ambiente nas Escolas.

Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

Morin (2011) também nos fala de uma singularidade, mas essa se faz a partir das leis gerais, em sua tese , ele afirma que não concebemos somente os fenômenos produzidos a partir de nossas produções, mas o universo retroage a nossas ações, singularizando-se com traços eventuais , aleatórios, dessa maneira afirma que *“assim é o nosso universo, que comporta esses traços de individualidade: singularidade, eventualidade, risco. Nasceu uma vez, não se sabe se por acaso, ou por necessidade, evolui de modo incerto[...]”*. (p. 167). Dessa maneira, no fluxo contínuo produzido pelas ações ambientais, o autor descreve que as ações políticas, aleatórias por natureza, entram rapidamente num jogo de inter-retroações “ecológicas” que as dirige num sentido imprevisível , amortece o mais grandioso esforço como acidente negligenciável, transforma uma pequena bola de neve numa avalanche, desencadeia um contra processo que inverte o sentido da história. Em outras palavras, *“a ação entra em processos que escapam à vontade e até ao entendimento e à consciência do ato”*. (MORIN, 2011, p. 101)



Imagem 45 - Comunidade mobilizada pela Jovem Rebeca Rivas. Mimoso do Sul /ES.
Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

A Rebeca, jovem que potencializa sua comunidade singularizando-se e promovendo inter-retroações na comunidade, parte de uma ação voluntária, que Morin (2011,p.101) promove como princípio da **eco (biossocial) lógica** como uma ação voluntária que escapa quase imediatamente à vontade; *“foge, começa a copular com outras ações em profusão e volta, por vezes desfigurada e desfigurante, à cabeça de seu iniciador”*.

Como exemplo da prática singular de Rebeca Rivas, da cidade de Mimoso do Sul e outras mais que trago como possibilidade de afirmação por uma educação ambiental singular, Morin (2011) teoriza sobre a ecologia da ação, válida para as ações voluntárias que pela dialógica, liga-se de modo complementar, concorrente, antagônico e incerto, fazendo interagir duas lógicas que têm, contudo, o mesmo tronco vivo: a autológica e a ecológica. Nessa abordagem, o autor ainda menciona atos revolucionários na história que fracassaram em suas tentativas por suas ações mais reacionárias concorrerem para a reação e nos alerta para refletirmos

ecologicamente para o que fazemos com o que aprendemos. O que fazemos com o que nos singulariza? Pois, de acordo com o autor *“teremos de refletir ecologicamente acerca de tantas revoluções desviadas, “traídas”, apodrecidas, tornando-se contrarreações, criando por vezes, uma subjugação pior do que a subjugação que aboliram”*.(MORIN,2011,p.12)



Imagem 46 - Coletivo Jovem.

Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

A eco(biossocial) lógica analisa o desenvolvimento de nossas sociedades que inscreve cada vez mais a ecologia natural na esfera antropossocial. , cria ecossistemas mistos eco e sócio-organizados a maneira conveniente. Inscreve também as sociedades na ecosfera , mesmo quando estas se crêem emancipadas da natureza. Esse conceito, reconhece a realidade da sócio-organização humana, sendo esta, vaga, num sentido polarizado com a eco-organização entre o urbano, o rural, o selvagem, que se sobrepõe e interferem em interações complementares, concorrentes, antagônicas e incertas.

Vivemos em exercício na cooperação e solidariedade, assim, potencializamos nossas ações e nosso fazer educativo. Em 2013, vivemos um momento especial na comunidade: participamos das ações em educação ambiental na localidade de

Piúma/ES, num convite feito pela Secretaria de Educação. Vivenciamos o ato de pesquisar com a prática pedagógica com alguns docentes e corpo técnico-administrativo das Escolas Municipais com a experiência de realizar as etapas da Conferência de Meio Ambiente nas escolas. Esse Processo teve duração de um ano letivo. Nesse ano, por etapas, os/as educandos/as participam das aulas, que não são específicas de ciências e sim, abrange todas as disciplinas. Processo que provoca uma ação rizomática envolvendo saberes institucionalizados, saberes tradicionais e a participação de toda comunidade escolar, para envolvê-los em questões com saberes locais.



Imagem 47: Estudantes selecionados como delegados na Conferência Regional de Meio Ambiente nas escolas- Escolas de Vila Velha, Guarapari, Anchieta e Piúma.
Autoria : Arquivo Pessoal.

As etapas foram municipais, regionais e estaduais e as propostas envolviam temáticas ligadas ao aquecimento global, mais especificamente, das mudanças climáticas. Sendo elas: água, ar, fogo e terra. A partir dessas ações, Morin (2003) nos diz que a verdadeira racionalidade se contrapõe a racionalização, sendo esta aberta e disposta a dialogar com o que lhe resiste.

Com etapas realizadas nas escolas de todo município de Piúma, evidenciamos as Conferências de Meio Ambiente nas Escolas, por tornarem-se uma potência para que a comunidade dialogue a respeito da situação comunitária e as relações socioambientais ali existentes. Em 2013, a Escola Estadual Filomena Quitiba passou por todas as etapas e o educando Ronald (no meio da foto) foi eleito um dos 4 delegados para representar o Espírito Santo na Conferência Nacional. Segundo Foucault (1998), “A partir do momento em que há uma relação de poder há uma possibilidade de resistência”, e essa foi a forma de resistir que a escola encontrou, mesmo que seja através de programas oficializados.



Imagem 48: Estudantes selecionados como delegados na Conferência Estadual de Meio Ambiente nas escolas- EEEFM “ Professora Filomena Quitiba”.

Fonte: Arquivo Pessoal.

O projeto sugerido pelo aluno converge com a forma em que a comunidade é afetada pela exploração petrolífera e problematiza as questões. Sua proposta foi em relação aos materiais escolares, que são feitos de derivados do petróleo. Em sua apresentação no evento estadual , ele se posicionou da seguinte forma:

Estudamos em materiais que muitas vezes são feitos com produtos tóxicos, derivados do petróleo. Nem sabemos, mas às vezes estamos colorindo um papel com restos de um *Tiranossauro rex*(muitos risos da plateia). Assim,

tenho uma pergunta pra fazer ao representante do MEC que me ouve nesse momento:

- Srº, se estamos falando de sustentabilidade, por que nossos livros ainda não são feitos com papéis recicláveis?

Nesse momento, o aluno é ovacionado pela plateia presente e consegue uma representação para dialogar na Confência Infanto Juvenil Nacional em Novembro de 2013, em Brasília, DF. A pergunta ainda fica no ar, mas as ações de aprendizagem foram tecidas no ambiente escolar. Após a conferência nacional, o educando/delegado que representou a escola coordenou ações para instituir a COM-VIDA na escola. Mas, ainda não acontece. Percebemos uma difícil integração dos turnos, das salas de aula, dos professores , da direção escolar e até da coordenação do Comitê de Educação Ambiental na escola. Em uma das reuniões, a formação de COM- VIDA estava na pauta. Quando foi abordada a questão , uma educadora argumentou:

- Como podemos formar comissões de meio ambiente e qualidade de vida na escola se os alunos não podem sequer opinar sobre o cardápio da empresa contratada pelo estado para fornecer merenda?

Algumas questões ficam no ar, mas de qualquer forma, pelas linhas de fuga, essas práticas “acontecem” na escola. Os /as educandos/as fomentam problematizam sobre esses assuntos na sala de aula e percebemos que a formação em educação ambiental para os docentes e toda organização pedagógica e administrativa da escola precisa acontecer. Alguns professores se queixam por trabalharem ações que não são estimuladas por toda equipe escolar, caindo num descrédito por parte dos que aprendem sobre esses novos modos de existir/habitar o planeta.

A comunidade local ainda se organiza socialmente de forma fragmentada. As noções de Meio ambiente ainda estão dissociadas da cultura e da educação. Na pesquisa de Mestrado realizada em 2010, utilizamos a metodologia da etnoecologia que se contrapõe a essa questão, uma vez que propõe modos existenciais e subjetivos de maior integração com o ambiente, sem isolamentos de áreas verdes.

Devido à demanda global a favor da proteção da natureza, juntamente com o crescimento de correntes ambientalistas detentoras de perspectivas diferentes da preservacionista, as populações tradicionais passaram a ser consideradas importantes como atores responsáveis pela proteção do ambiente natural no qual estão inseridas.

Neste sentido, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), através *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, enfatizou a necessidade de se proteger essas populações, assim como os conhecimentos dos quais são detentoras.

Porém, a abordagem de assuntos relacionados com conhecimentos tradicionais implica em uma série de discussões desenvolvidas em diversas esferas científicas e políticas, geradoras de embates no âmbito local e internacional, visto que estes conhecimentos são alvos de diversos interesses.

Tais embates envolvem desde a definição de população e conhecimento tradicional até as questões relacionadas com o direito de propriedade, repercutindo na necessidade de uma reflexão sobre quem são os responsáveis pela produção, transmissão e continuidade desses conhecimentos.

Neste cenário conflituoso, adicionam-se as discussões que pontuam a possibilidade do manejo dos recursos naturais associado aos conhecimentos tradicionais proporcionar a conservação da natureza *in situ*. Estas discussões inserem novos direcionamentos para o conservacionismo, principalmente nos países em desenvolvimento, configurando um novo enfoque, chamado de etnoconservação, a qual pode ser considerada como uma das soluções capazes de interromper, ou ao menos diminuir, a intensa destruição da natureza ocasionada pelo modelo econômico capitalista de desenvolvimento adotado por diversos países.

Segundo Diegues & Pereira (2010); A discussão acerca da etnoconservação remete ao ano de 1952 e foi iniciada por um estudo desenvolvido por Balick e Cox sobre o uso de plantas por populações indígenas, a partir do qual diversas pesquisas passaram a procurar vínculos entre a conservação e o manejo dos recursos naturais

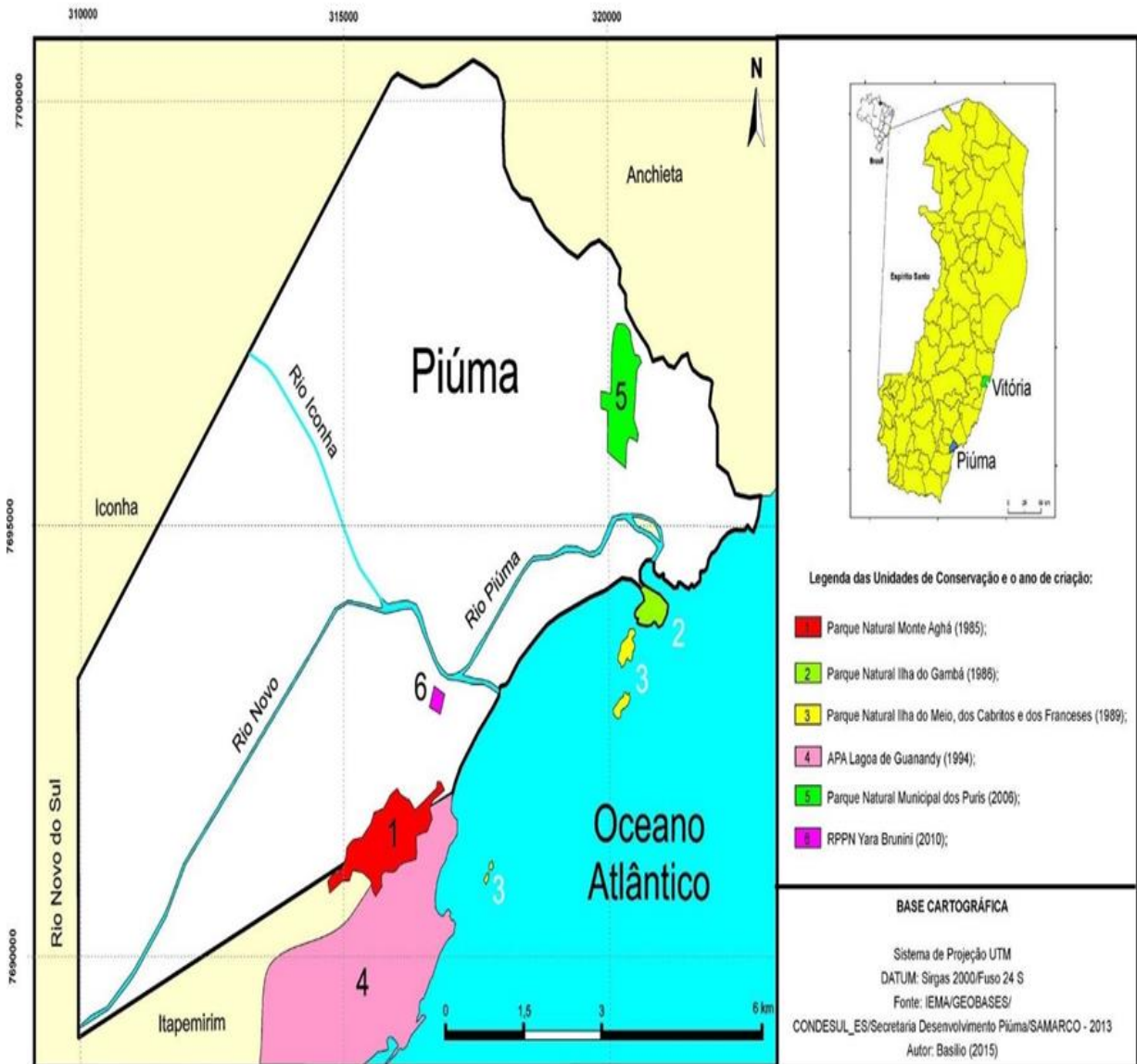
por populações tradicionais. Na busca pelos aspectos conceituais da etnoconservação, esta nova forma de pesquisar procurou inicialmente caracterizar as “populações tradicionais”, para então compreender a difusão dos seus conhecimentos, presentes nos estudos que envolvem a etnociência, da qual a etnoconservação é originada. A partir deste ponto, a etnociência retroage com a conservação, por meio de levantamento de questões, problematizadoras na comunidade local. Esta possibilidade de interação permite, finalmente, que a discussão sobre a etnoconservação seja desenvolvida, por meio dos aspectos históricos e conceituais que permeiam estudos, possibilitando a compreensão desta nova perspectiva para a conservação da natureza.

Na Imagem, na página seguinte, segue mapa organizado pelo pesquisador/professor do IfES, campus Piúma, para sua tese de doutorado na UFPE, sobre comunidades pesqueiras. O *pesquisadoreducadorambiental*, é um agente mobilizador na comunidade, que agrega à educação ambiental local, atividades em parceria com a Escola Filomena Quitiba. Atualmente ele coordena o NEEA- Núcleo de Estudos em Educação Ambiental- IFES. Na Cidade de Piúma/ES.

O núcleo em questão coordena ações em educação ambiental do litoral Sul Capixaba. Atualmente, em parceria com as comunidades, realiza o dia Mundial de limpeza das praias e outras ações internas do IFES.

Percebe-se a prática de uma educação ambiental pautada em associações com a esfera cultural/comunitária. Além de mencionar a preocupação com a preservação do local, as atividades desenvolvidas por esse núcleo de pesquisa interagem com outras questões; sendo essas, políticas, éticas e econômicas, que tanto afetam a região Sul Capixaba.

Figura 8 - Localização das Unidades de Conservação do município de Piúma, litoral sul do Espírito Santo, Brasil.



Fonte: Basílio (2015)

Imagem 49: Áreas de reserva ambiental categorizadas de acordo com o SNUC- MMA- Brasil .

Fonte: Tese de doutorado de Basílio, UFPE, 2015

2.2- OSMOSE PELA AÇÃO COMUNITÁRIA- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A FORMAÇÃO COM E NA COMUNIDADE LOCAL



Imagem 50: Visita de estudos a Regência/ES, em 2014. Atualmente sequer sabemos as condições da fauna local. Área atingida pelo Acidente Samarco/Vale. Prática Singular!

Autoria : Arquivo Pessoal. Na foto, minha filha em aula com o IFES, Campus Piúma,ES.

No processo osmótico pela interação/ integração dos *saberes* em educação ambiental com os *fazerespoderes* comunitários. Sem a intenção de dissociar, apresentamos nesse capítulo um cenário do movimento da educação ambiental no mundo, no Brasil e no Espírito Santo. Assim, podemos perceber que com tantas

ações, mobiliz(ações), existem possibilidades de tecermos fazeres em educação ambiental na comunidade. Alguns processos marcantes provocaram essas interações, no que refere a essa tese por uma osmose, que reconhece, segundo (MATURANA; VARELA 2001), as consequências dessa interação não estão determinadas pelas propriedades do que é discutido nos eventos formativos em educação ambiental e outros contextos. E sim, da maneira como ela é vista e incorporada no meio social/ambiental para configurar novas configurações existenciais.

Segundo Tristão e Fassarella (2007, p.87) podemos considerar como contextos de aprendizagens da Educação Ambiental, desde a sala de aula a outros múltiplos espaços/tempos de nossas vidas articulados com a produção de conhecimento para a formação de diferentes sujeitos, ativos na Educação Ambiental: educadores/as, educandos(as) e gestores/as ambientais. E todas as pessoas em seus processos vitais/cognitivos. Contextos coletivos em que haja interação, troca e produção de saberes e fazeres. Inclusive a Pesquisa, a nosso ver, pode ser um contexto de aprendizagem e de formação quando compreendida como busca investigativa, como situação reflexiva, como um desejo de conhecer e “ver” para além das aparências.

No que se refere aos contextos de aprendizagem em educação ambiental, são compreendidos como situações que facilitam esquemas pragmáticos de ação. Os contextos são micro-instâncias da cultura mais ampla onde estão localizados, ou seja, circunscrevem-se fisicamente por meio da linguagem de um determinado grupo reunido intencionalmente. Segundo Tristão e Fassarella (2007,p.88);

Defendemos a idéia de que a frequência em que os contextos de aprendizagem em Educação Ambiental acontecem em determinada cultura pode suscitar transformações significativas, nas formas de sociabilidade, relações entre individualismo e associação (comunidade), nos grupos escolhidos (sua efemeridade, graus de coesão), nas redes sociais cotidianas e nos grupos de afinidade no interior das organizações.

Dentro de uma abordagem relacional, de interação, um contexto funciona como um sistema que, de acordo com Morin (1997), é uma interrelação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global. Podemos considerar um contexto de

aprendizagem como um sistema, como uma totalidade organizada, unida por elementos solidários e concebidos em relação aos outros em função dos *espaçotempos* que ocupam.

Como pontos de efeito marcantes no mundo, destacamos a Revolução industrial- Séculos XVIII e XIX- fato ocorrido na Europa e que atingiu todo processo mundial, Morin (2002) intitula esse processo de Mundialização. Envolve setores econômicos de diversas ordens. Um conjunto de mudanças que aconteceram nas cidades Européias, substituindo o trabalho artesanal pelo assalariado, com o uso de máquinas/tecnologias altamente poluidoras. Avanços tecnológicos surgem desse grande evento mundial. Deleuze e Guattari (1995) problematizam a tecnologia e as ferramentas em seu aspecto material ou maquinado, compreendendo atrações e repulsões dos corpos em uma sociedade, antagonismos, alterações, alianças penetrações e expansões que afetam todos os tipos de corpos, uns em relação aos outros. A tecnologia erra ao considerar a ferramenta por si mesma: estas só existem em relação às misturas as misturas que as tornam possíveis. Pressupõem uma máquina social que as selecione e as tome em seu *phylum*: uma sociedade se define por seus amálgamas e não por suas ferramentas.

Pontos marcantes e estratificados, presentes na narrativa dos docentes envolvidos nessa pesquisa:

O processo industrial não para! Desde a história de nossa civilização, presenciamos casos semelhantes ao que vivemos: lugares devastados e ocupados de repente. O que falar para nossos alunos quando essa mudança ocorre? Por que estamos sendo invadidos e expulsos de nossa localidade? Faço essa pergunta pra mim mesmo todos os dias. Para que tudo isso? Como posso ajudar em minhas aulas?

Professor de História da localidade de Itapemirim/ES.

A educação então emergiu da repercussão das ações do movimento ecológico e aos poucos foi se integrando ao contexto educacional, e mais recentemente a pesquisa em educação.

O ecologismo inicia uma crítica ao modo de vida contemporânea, aos valores de desperdícios e consumo exagerados e se difunde a partir da Conferência das

Nações Unidas sobre Meio Ambiente e desenvolvimento humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972. Como documentos-base de discussões, elaborados nessa conferência, e o relatório intitulado *Limites do Crescimento* recomenda que a educação para o meio ambiente fosse reconhecida e promovida em todos os países. Não se utilizava o termo *educação ambiental* e apresentava uma proposta vaga e imprecisa, mesmo tendo desdobramentos que culminaram na elaboração do Programa Internacional de Educação Ambiental, que durou até 1995. Esse programa teve duração de 20 anos, mas perdeu-se na retórica desenvolvimentista e foi suprimido diante as inovações educacionais, apesar de haver muita retórica em relação à educação ambiental.

Nessa linha do tempo⁴¹, que não pode ser linear, foram imprimindo sentidos e consistência conceituais nesse movimento de formação dos fundamentos da educação ambiental e ampliação das redes de significados por meio de suas práticas sociais (TRISTÃO, 2009).

Segundo Morin (2006) , numa lógica recursiva, o produto será também produtor de ações, portanto, a educação ambiental se contrapõe a uma lógica linear de causa-efeito imediato. A proposta da educação ambiental é a de compreender a complexidade da realidade socioambiental por meio da produção de uma ciência da religação, da junção dos diferentes saberes e da multiplicidade das vivências culturais e sociais. Neste sentido, são consideradas as interrelações e interdependências entre as esferas sociais, ambientais e culturais.

Segundo Tristão (2009), a mudança dessa concepção veio com a Conferência Internacional de Tbilisi, realizada na Geórgia, na Rússia, em 1977. Essa conferência foi significativa para o avanço de novas metodologias da educação ambiental, ao problematizar sobre a importância da contextualização das práticas educativas e para a necessidade de aprofundarmos a compreensão sobre o lugar e a realidade em que vivemos. As recomendações desse evento enfocam um processo educativo

⁴¹Elaboramos esse trecho do capítulo apoiando no material do Processo Formador em Educação Ambiental a distância, Módulo 2 (p. 72 a 94) , 2009

voltado para a solução de problemas da realidade local, numa dinâmica e interpenetração entre o meio natural e o social. Alerta que nem toda ideia ou entidade é válida, independente no contexto no qual ocorre. Para a educação ambiental, precisamos compreender o ambiente para contextualizá-lo.

A diversidade de práticas sociais educativas da educação ambiental é também fruto da história da própria educação. Precisamos entender a educação ambiental com um enfoque político, que contribui na formulação de estratégias pedagógicas em função de uma intervenção para responder a problemática ambiental.

Em todos os espaços da vida cotidiana, tem crescido o interesse sobre os *saberes-fazer*es e a importância de um cuidado com o meio ambiente para melhorar a qualidade de vida das comunidades.

Algumas reivindicações das décadas de 70 e 80 ocuparam uma posição secundária nos movimentos de formação. Movimentos que associavam a pobreza e com as necessidades básicas das comunidades. Eram incapazes de relacionar cultura e meio ambiente, impregnados de uma lógica binária de compreensão das interações entre sociedade/ meio ambiente, natureza/ cultura.

Segundo Tristão (2009,p.78);

Essa lógica binária, que separa degradação social de degradação ambiental, é a mesma coisa que fragmentar o currículo e, durante muito tempo, limitou-se a educação ambiental apenas a uma ou duas disciplinas, restringindo-a, em muitos casos, ao ensino de ciências ou de geografia. O alerta do ecologismo sobre a finitude dos bens naturais, a insustentabilidade ambiental do planeta e a necessidade urgente de mudar o modo de vida nos anos 1970 e 1980 não atingia a população de modo geral. Você pode imaginar o que isso provovou? Um sentido de contraposição entre o bem-estar da população, o atendimento das necessidades básicas e a preservação dos sistemas naturais. Como consequência, a luta ambiental não é tão facilmente assimilada na sociedade brasileira, em que grande parte da população é pobre, destituída de direitos cidadãos e se encontra exposta a riscos sociais e ambientais, seja em locais de trabalho, de moradia, ou nos ambientes em que circula.

Na década de 1970, não era mencionada a abordagem educativa interdisciplinar, transdisciplinar ou transversal da educação ambiental nos currículos escolares, como propõem os PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais. Não havia sequer,

uma política com diretrizes educacionais. Havia recorrentes propostas de inclusão de disciplinas de ecologia ou de educação ambiental no currículo como estratégia de inclusão na educação ambiental. Percebemos que a educação ambiental não é uma disciplina que se soma às demais disciplinas do currículo. Essas recomendações sinalizavam a necessidade de inserirmos a educação ambiental em todas as disciplinas do currículo para a compreensão da complexidade e da abrangência da dimensão ambiental. Essa proposta de disciplina provém de um pensamento redutor-fragmentário-arbóreo, que se desvirtua do pensamento rizomático.

Avançando um pouco nesse contexto, a partir da Rio 92, a educação ambiental passa a ser abordada de uma forma mais crítica e complexa. Foge da homogeneidade nas práticas e metodologias utilizadas, se diferenciando de uma educação tradicional, em que o ensino se centra no professor, na eficácia e nos objetivos da aprendizagem. Outra lógica, superando uma concepção reducionista, de uma educação ambiental ligada apenas aos ambientes naturais e que pretende mudança imediata de seus protagonistas.

Em 1994, o Ministério do Meio Ambiente elabora o PRONEA- Programa Nacional de Educação Ambiental, e no fim da década foi promulgada a Lei Nº 9795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), sendo esta regulamentada em 2002.

Movimentos molares/moleculares, pois oscilavam entre o que era instituinte para o que foi instituído. Mas que potencializam ações educativas/comunitárias. Dentre esses documentos oficiais, segue a Agenda 21, também documento deliberado na Rio 92, sendo este, bem mais divulgado do que o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. A agenda 21 reforça a ideia do desenvolvimento sustentável, que em seu capítulo 36 reforça a necessidade de “conscientizarmos”. Seus desdobramentos são reconhecidos a partir de uma sustentabilidade praticada. Mas não reafirma o caráter político da educação ambiental, como o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

Esse documento tem uma proposta diferente da Agenda 21, imprime e reafirma o valor da sustentabilidade à educação ambiental. Resulta de uma proposta da 1ª Jornada Internacional de Educação Ambiental, que culmina no Fórum Global de Organizações não-governamentais, evento paralelo à Conferência de Cúpula. No seu item 14, o plano de ação desse Tratado apresenta a proposta de “*Promover a criação e o fortalecimento de redes nacionais, regionais e mundiais para realização de ações conjuntas entre organizações do Norte, Sul, Leste e Oeste, com perspectiva planetária*”.

Outro documento importante é a *Carta da Terra*, que consiste numa declaração planetária de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global no século XXI, que seja justa, sustentável e pacífica. O documento inspira o sentido de interdependência global e de responsabilidade compartilhada pelo bem-estar da sociedade. Seu processo de elaboração é aberto e participativo. O documento surge em 1987, quando a Comissão Mundial das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento fez um chamado para a criação de uma nova carta que estabelecesse os princípios fundamentais para o desenvolvimento sustentável. No Brasil, o Instituto Paulo Freire integra a Comissão da Carta da Terra.

A globalização é um fenômeno que abarca aspectos econômicos, políticos e culturais com diferentes tendências teóricas e por isso adquire diversos contornos. O processo de globalização em curso é facilitado pelo acesso a redes de comunicação entre diferentes pontos do mundo. Com novas combinações de tempo e espaço, tal forma obedece a padrões encontrados também nos seres vivos – em organismos, interconectados em redes.

Com essa perspectiva mais ampla e contextualizada ao conhecimento rizomático, atua pela educação ambiental a Rede Brasileira de Educação Ambiental⁴² que surge da necessidade de articulação dos educadores ambientais brasileiros. Foi criada em 1992, em meio a efervescência e mobilização que antecedia a Rio 92. Adotou como Carta de Princípios, o TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA

⁴²No Anexo 1 – lista de redes que integram a malha da REBEA- Rede Brasileira de Educação Ambiental.

SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL e como padrão organizacional a estrutura horizontal em rede. Atualmente, a Rede Brasileira de educação ambiental configura-se em múltiplas redes e ramificou-se pelas regiões e pelos estados brasileiros com suas peculiaridades e lutas no campo socioambiental em seus macro e micro espaços territoriais.

Estão registradas atualmente 45 redes nacionais de educação ambiental, dentre elas as redes estaduais, municipais, regionais e temáticas. A REBEA articula e estimula a ação desses coletivos. A intensidade de suas ações vem ampliando o intercâmbio dos coletivos de educadores ambientais de todo o mundo, e atua também na consolidação de redes internacionais como a Rede Amazônica de Educação Ambiental e a Rede Lusófona de Educação ambiental.

A articulação dessa rede não se limita a encontros presenciais e o fortalecimento ocorre nas redes virtuais que propiciam a comunicação entre os educadores ambientais, que estejam presentes nos fóruns virtuais ou não. Assim, encontros sediados fora de São Paulo, coordenados por essa rede nacional, propiciam encontros potentes de ação educadora, articulando as redes estaduais e temáticas, que objetiva criar uma grande malha nacional de educadores ambientais. Malhas feitas de múltiplos e singulares conhecimentos e objetivos que, compartilhados, tecem a cidadania necessária para a construção de uma cultura de paz e sociedades sustentáveis.

REDE

É no encontro que há aproximações
 Ao nos aproximarmos, podemos nos conhecer
 Aos que não conhecermos, podemos crescer
 Criando ligações, como rede, nos nutrimos
 Já não estamos sós
 Percebemo-nos enredados
 Numa contínua **transform (ação)**
 Saberemos o que é melhor para nós
 Diremos o que é melhor para nós
 Pensaremos em todos nós
 E nos que estão vindo depois de nós
 Isso não será amanhã
 Não será para a próxima década
 Esse nosso encontro começa agora .

Lacerda 2004⁴³(grifo meu)

A RECEA (Rede Capixaba de Educação Ambiental) está conectada a Rede Brasileira de Educação Ambiental. É fruto de um desejo coletivo dos/as educadores/as ambientais capixabas de estarem conectados/as em espaços virtuais. A ideia de uma rede Capixaba surge da demanda a partir da Rio-92. Com a organização de um Seminário local no ES intitulado “A educação ambiental em busca de ação”, em julho de 1992, onde foi discutida a possibilidade de planejamento de ações a partir das premissas do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”. Nesse mesmo ano, em agosto, foi realizado outro seminário para discutir a implantação de uma rede de educadores ambientais que contou com a participação de educadores/as ambientais de todo território capixaba, aprovando a criação da Rede Capixaba de Educação Ambiental.

A articulação da RECEA promoveu encontros estaduais de Educação ambiental no Estado e ainda em 1992 foi realizado o I Encontro Estadual de Educação Ambiental do ES. A Rede Capixaba não se consolidou em 1992, mesmo com dois encontros de mobiliz(ação) dos educadores ambientais capixabas. Só em 1993, após a

⁴³ Tristão (2009, p.27). Módulo local do Processo formador em educação ambiental. A autora Lacerda é Mestre(PPGE-UFES), pesquisadora em Educação ambiental no ES, membro do NIPEEA.

realização dos Seminários Regionais nos municípios de Alegre, São Mateus e Santa Tereza, a Rede Capixaba de Educadores ambientais foi formalizada.

Nos períodos de 1993 a 2003 a Rede Capixaba não teve “fôlego”. Suas ações não se mantiveram articuladas. Mas, após afinamentos e aproximações, iniciaram movimentos de tessitura de redes de afectos e perceptos a partir das mensagens trocadas nesses espaços.

Em 1995, aconteceram onze eventos regionais agregando trabalhos de educação ambiental de todas as instâncias, que culminaram no II Encontro Estadual de Educação Ambiental, cujo objetivo maior foi traçar as políticas de educação ambiental para o estado. Embora as diretrizes para as políticas tenham sido delineadas nesse evento, as mudanças ocorridas no plano político daquela ocasião, não permitiram que elas fossem realizadas.

Em 1997, o Espírito Santo acolheu o IV Fórum de Educação Ambiental e o Encontro da REBEA (Rede Brasileira de Educadores Ambientais), promovido pela RECEA, em parceria com outras instituições do ES.

Em 1999, foi criada a Câmara Técnica de Educação Ambiental do CONSEMA, formada por 33 instituições do Estado do ES. Cria-se o Programa Estadual de Educação Ambiental⁴⁴, e em seguida a sua aprovação, criou o Projeto de Lei que não foi aprovado nesse período. Em 2001, a Câmara Técnica teve suas atividades suspensas.

O III Encontro de Educação Ambiental acontece em 2004, contemplando um acalorado grupo de educadores/as ambientais interessados no fortalecimento da Educação Ambiental do ES, após a promulgação da Política Nacional de Educação Ambiental.

⁴⁴Este programa está sendo reelaborado com a participação de todas as regiões Capixabas. Os Comitês de Educação Ambiental participam do processo de mobiliz(ação) da comunidade e discussão das propostas. Participamos desse processo na fase de campo dessa pesquisa.

Em 2006, A RECEA realizou em parceria com outras instituições, o IV Encontro Estadual de Educação Ambiental com o tema Educação Ambiental e Sustentabilidade Local e Planetária foi o eixo central do evento.

Em 2014, foi realizado o V Encontro Estadual de Educação ambiental, em Vitória, ES. Temas diversos entre inclusão, culturas, apresentações dos *fazeressaberespoderes* dos municípios que integram essa rede.

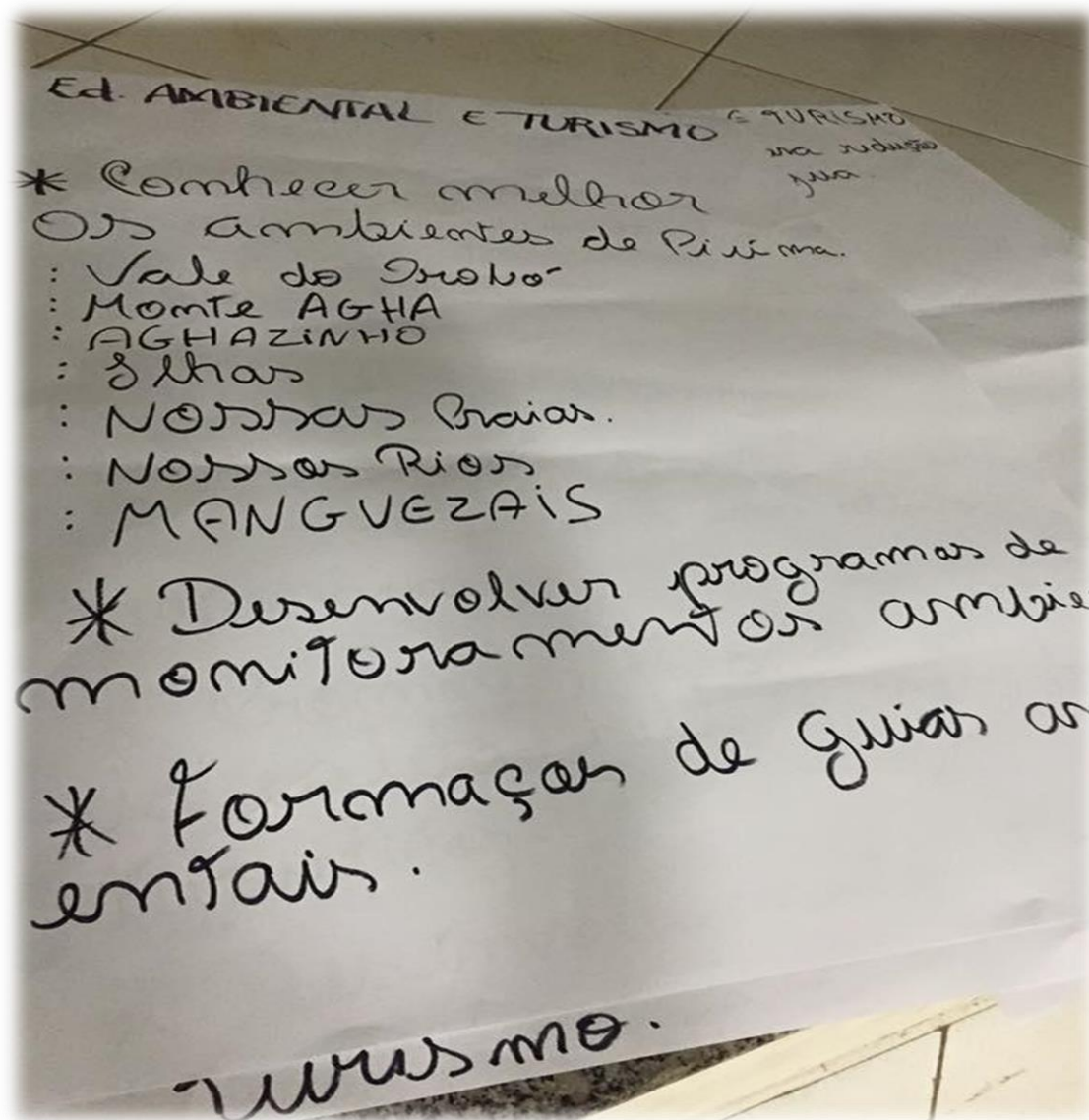


Imagem 51: Fluxos da pesquisa: acompanhando o Encontro Regional para elaboração de propostas para o Programa Estadual de Educação Ambiental no ES.
Autoria : Arquivo Pessoal.



Imagem 52: Anúncio do Encontro Estadual em Educação Ambiental , 2014.
Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória, ES.

No âmbito acadêmico, como iniciativa de Educação ambiental que se articula com a comunidade, temos o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação ambiental(NIPEEA-UFES-ES)⁴⁵. Criado em 2005, com o intuito de integrar os projetos de pesquisa e estudos em andamento do Centro de Educação da UFES-ES. Organiza-se atualmente, a partir de ações diversificadas, estabelecendo uma unidade em seus integrantes ao serem inseridos em projetos de pesquisas, processos de formação em Educação Ambiental e numa ecologia política que potencializa e fortalece o grupo. Organiza seminários de estudo a cada semestre entre seus pesquisadores, e tem como estratégias criar ressonâncias sobre suas produções acadêmicas. Também impulsionou o projeto de extensão Fortalecendo a Rede Capixaba de Educação Ambiental e possibilitou a ampliação do Diagnóstico do Estado da Arte da Educação Ambiental no Espírito Santo, em 2006.

Em 2012, os pesquisadores(as) do NIPEEA acompanharam os fluxos das relações ambientais e mudanças climáticas que fazem parte da pauta dessa reunião.

⁴⁵<http://nipeea.blogspot.com.br/>

Detectamos poucos avanços em torno da sustentabilidade. Considerado um retrocesso em termos de avanço e conquistas por relações e modos de vida sustentáveis. Destacam-se os encontros nos eventos paralelos ao evento oficial, onde algumas discussões pertinentes ocorreram entre elas, discussões em torno das Sociologias das ausências e emergências, com o autor Boaventura de Souza Santos.



Imagem 53 e 54 : Pesquisadores em Educação Ambiental do NIPEEA-UFES- acompanhado os fluxos da Rio + 20. UFES-ES sob a coordenação da Profª Drª Martha Tristão.

Autoria : Arquivo pessoal.



Imagem 55: Momento ímpar na pesquisa e na formação acadêmica. Aproximações teóricas e físicas com um dos maiores intercessores teóricos de nossas pesquisas em Educação ambiental- Edgar Morin. Rio + 20, 2012. Com a orientadora dessa tese: Professora Dr^a Martha Tristão.

Autoria : Arquivo Pessoal.

Trazemos essa imagem-narrativa, para traduzir o quão importante é para nós, educadores ambientais (re) existirmos ao que nos é imposto na ordem econômica e progressista.

Assim, nesse espaço de escrita da tese, configurado como capítulo 1, iniciamos pela potência na ação educativa em educação ambiental a possibilidade de pensarmos na vida por outras vias (Morin, 2014), enfrentando as “policrises”, mas vislumbrando processos mais humanos e afetuosos nessa existência.

Morin, em sua fala, na Rio + 20 em 2012, aborda sobre a importância da juventude com suas aspirações vivas para mudar o que está posto e que movimentos de (re)existência nunca foram em vão, por que deles surgiram conquistas sociais de muita importância.

Entre outras ações/reações/retroações por esse processo integrador/inventivo e singular, os pesquisadores do NIPEEA-UFES-ES, desenvolveram o PROCESSO FORMADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL A DISTÂNCIA, que já foi ofertado duas vezes. Após algumas mudanças e atendendo as demandas a partir das ofertas do curso de aperfeiçoamento, esse curso será ofertado a nível de *Pós-graduação lato-sensu*.



Imagem 56: NIPEEA- UFES e tutores selecionados para o curso de aperfeiçoamento em Educação Ambiental, 180h, NEAAD-UFES-ES

Autoria : Tutora Aurimar Viana- Pólo Itapemirim/ES.

A formação de educadores nesse contexto tem sido considerada uma potência na Região Sul Capixaba para discutir questões dos *saberesfazerespoderes* na localidade. Enquanto pesquisadora fiz parte desse processo formador como Professora formadora no Pólo de Cahoeiro de Itapemirim e Piúma. Abordamos esse processo formador em Educação ambiental nessa tese porque encontramos nas narrativas dos docentes , o enraizamento na Educação ambiental a partir desse processo formativo.

Com uma abordagem temática envolvendo os quatro elementos da natureza, o curso possuía uma carga horária de 180 horas e trazia possibilidades de estudo e aperfeiçoamento, além de oportunizar ao docente um contato mais próximo com sua comunidade, num olhar mais atento sobre algumas questões. O processo enredava-

se com materiais escritos pelos pesquisadores do NIPEEA e para “concluir” o curso, o cursista desenvolvia uma temática em torno de um projeto em Educação Ambiental com a comunidade. Processos democráticos, de inserção de saberes comunitários num diálogo com a cultura e as questões socioambientais.

Santos (2010) nos fala de uma “democracia de alta intensidade” sob uma tensão entre capitalismo e democracia e entre redistribuição e reconhecimento, citando a democracia cultural como forma de recombinação entre a democracia ocidental com formas ancestrais de governo. Essa renovação de pensamento transforma em energia positiva a possibilidade dos novos contratos sociais serem mais justos e abrangentes, mesmo se localmente circunscritos.



Imagem 57- Logomarca do Processo Formador de Educação Ambiental a distância.

Fonte: NIPEEA-UFES-ES

www.cachoeiro.es.gov.br

CONVITE

A Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, por meio da Secretaria de Educação e Polo UAB de Cachoeiro, tem o prazer de convidar Vossa Senhoria para

AULA INAUGURAL DO CURSO DA UFES DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO SECADI

Data: 29 de julho de 2013 • segunda-feira

Horário: 19h

Local: **Auditório do Polo UAB de Cachoeiro**

Sua presença é muito importante.

Carlos Roberto Castiglione Dias
PREFEITO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim

Praça Jerônimo Monteiro, 28 • Centro
Cachoeiro de Itapemirim • ES
28 3155-5018



Imagem 58 e 59- Convite Aula inaugural do Processo de formação em Educação Ambiental em Piúma(região litorânea Sul Capixaba) e Cachoeiro de Itapemirim.

A Prefeitura Municipal de Piúma e a Secretaria de Educação através do Centro de Formação Continuada/Polo UAB Piúma, tem a honra de convidar V. S. para a solenidade de Aula Inaugural do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Ambiental, a realizar-se no dia 30/07/2013, a partir de 18 h, no auditório do Centro de Formação Continuada/Polo UAB Piúma, situado na Rua Jair Novais, nº 56, ao lado da Capela de São Pedro.

A proposta de um Processo Formador em Educação Ambiental a distância alia-se ao compromisso da Universidade na formação de profissionais e de professores. Este projeto é consequência das políticas implementadas para a formação de professores no conjunto da política de Educação Ambiental do Ministério da Educação iniciada pela Coordenação-Geral de Educação Ambiental (CGEA) da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), que integra as novas perspectivas de uma Formação para a diversidade.

Os pressupostos teórico-conceituais são apontados para descrever as ideias mestras que orientaram a construção do projeto, e na perspectiva de apontar a proposta curricular que busca integrar a atuação dos sujeitos educandos na produção do conhecimento necessário à sua formação como educadores, não apenas nos espaços formativos escolares tradicionais, mas também privilegiando os tempos de vida culturais das comunidades.

Dessa forma, as estratégias da inter e da transdisciplinaridade aplicadas à proposta curricular proporcionam importantes consequências epistemológicas e pedagógicas, dentre elas, a possibilidade do educador-docente atuar como ser social inserido em condições sócio-históricas específicas, em que articula a produção da ciência e suas interconexões entre a cultura e a natureza.

O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental- NIPEEA do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, foi criado em 2005 para atender as demandas da pesquisa, extensão e formação em Educação Ambiental. A proposta de um curso formação em Educação Ambiental ofertado pelo NIPEEA vem responder ao desafio da complexidade do seu próprio objeto, ou seja, a necessidade de encontrar indicativos conceituais e metodológicos para ofertar formação docente contextualizada e consistente, a sujeitos capazes de propor e realizar transformações político-pedagógicas a partir da concepção filosófica e teórica que articula o pensar e o fazer pedagógicos com a construção de alternativas para a criação de espaços educadores sustentáveis.

<p>Reitor da UFES Professor Reinaldo Centoducatte</p> <p>Vice-Reitora da UFES e Diretora-Geral do ne@ad Ethel Leonor Noia Maciel</p> <p>Coordenadora Adjunta UAB/UFES Maria José Campos Rodrigues</p> <p>Coordenadora UAB/UFES Teresa Cristina Janes Carneiro</p> <p>Diretor Pedagógico do ne@ad Júlio Francelino Ferreira Filho</p> <p>Diretor de Tecnologia de Informação e Comunicação do ne@ad Luiz Otavio Bastos Rebello</p> <p>Mantenedor do Polo UAB de Cachoeiro de Itapemirim Prefeito Municipal Carlos Roberto Casteghione Dias</p> <p>Secretária Municipal de Educação Professora Cristiane Resende Fagundes Paris</p> <p>Coordenadora do Polo Municipal da UAB de Cachoeiro Professora Joelma Cellin</p> <p>Coordenadora-Adjunta do Curso Professora Martha Tristão</p> <p>Supervisora do Curso Andréia Teixeira Ramos</p> <p>Professora Formadora Márcia Moreira de Araujo</p> <p>Tutora Presencial Marcela Mastella Fraga Agrizzi Cansi</p> <p>Tutora à Distância Maria Aparecida Beltrame Milanesi</p> <p>Projeto Gráfico Marcus Patricius Maroquio Sales</p>	<h2>REALIZAÇÃO:</h2> <p>UFES/ ne@ad</p> <p>Polo Municipal da UAB de Cachoeiro</p>  <p>Polo Municipal da UAB de Cachoeiro de Itapemirim - ES - Rodovia 482, Cachoeiro x Alegre, Km 05 - Cidade Universitária - Morro Grande - CEP - 29.313-210 - Telefax: (28)-3521-3938</p>	 <p><i>Processo Formador em Educação Ambiental a Distância</i></p> <p>Seminário Final Apresentação dos Projetos Ambientais Escolares Comunitários - PAEC</p> <p><i>Dia 30 de Novembro de 2013 - Sábado</i> <i>Horário: 8 horas</i></p> <p>UFES/ne@ad Polo Municipal da UAB de Cachoeiro de Itapemirim</p>
---	--	---



Imagens 60 e 61 - Folder e Seminário Final do Curso- 2ª Oferta em educação Ambiental- Cachoeiro de Itapemirim/ES- Momentos formativos no Sul Capixaba. Fonte: Arquivo pessoal.

2.3- NARRATIVAS DOS EDUCADORES AMBIENTAIS- *NÓS E ENTRENÓS*⁴⁶- *CÉLULAS PLASMOLISADAS*⁴⁷E INTERSTÍCIOS PARA A POTÊNCIA DA E NA AÇÃO.

Espaço de trocas e experiências em Educação ambiental no Sul Capixaba, que acontece com reuniões mensais, coordenados pela Superintendência Regional de Cachoeiro de Itapemirim, no ES. Recebe o nome de CEAR- SUL- Comitê de Educação Ambiental Regional do Sul Capixaba. Teve seu início como movimento instituinte, sendo instituído no “apagar das luzes” do governo estadual em 29 de dezembro de 2014 (portaria no anexo 4) . Entre as considerações da portaria que institui os comitês, destacamos:

- As manifestações e as contribuições provenientes da participação de representantes de organizações ambientalistas e governamentais, profissionais da educação, pesquisadores e de entidades da sociedade civil na implementação da Educação ambiental.

Na realização de mesma materialidade dos corpos, encontramos a justificativa para a relação da contemporaneidade e o caráter coextensivo da resistência ao poder, e não que pertençam a uma unidade dialética de contrários. Não consta o fato de definir quem são os contrários, mas o que é necessariamente a luta incapaz de ser reduzida a uma falsa unidade. Foucault (1995) ao teorizar acerca da resistência, descreve que “Não existem relações de poder sem resistências, estas são na mesma proporção mais reais e mais eficazes, pois se formam lá mesmo onde se exercem as relações de poder”.

⁴⁶ Conceitos importados da Botânica.

⁴⁷ Conceitos importados da Citologia.



Imagens 62 e 63: Educação Ambiental “acontecendo” nas Escolas de Atilio Vivácqua e na Comunidade de Castelo, ES.

Fonte: Comitê de educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, no ES.



Entre as competências dos Comitês de Educação Ambiental, descritos em Portaria institucionalizando esse *lócus* formativo, destacamos:

- I- Elaborar seu plano anual para debater, encaminhar propostas, promover estudos e pesquisas, produzir mapeamentos, dentre outras ações que possam contribuir para a consolidação da Educação ambiental;
- II- Promover momentos formativos em Educação Ambiental.

Movimentos de resistências e de bons encontros para exercer de forma potente uma educação ambiental que de fato emancipa os indivíduos, assim o Comitê configura-se como *lócus* formativo desses educadores. Foucault (2001) nos ajuda a pensar nesse processo de entradas no meio social:

A resistência seria o móvel prioritário, porque ativo; enquanto o poder agiria segundo uma estratégia reativa. “A resistência não seria uma substância ou essência que se plasmaria uniformemente contra o poder (que por sua vez também, não é uma substância) numa unidade indissociável-(FOUCAULT 2001, p. 241)

Desde que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Nunca somos pegos na armadilha pelo poder, sempre podemos modificar-lhe o domínio, em determinadas condições e segundo uma estratégia precisa . A resistência, como o poder, encontra-se no campo das relações de força e como este possui táticas cambiantes e múltiplas analisáveis na inteligibilidade da luta e da estratégia.

Em nossas redes de conversações com o Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, ficamos atentos as narrativas dos sujeitos autopoieticos ali presentes, dentre eles, *um grupo de presidiários*, conforme segue a narrativa abaixo:

Somos presidiários sim, mas recebemos apoio não-governamental para fabricar sabão e vendermos com o apoio da comunidade, doando o óleo. Precisamos sair da ociosidade e ajudar a nossa comunidade com as questões ambientais. Recebemos ajuda dos alunos que trazem de casa o óleo usado. Temos parceria dos professores que ajudam desenvolvendo suas aulas, projetos de sustentabilidade.



Imagem 64 e 65 : Momentos de formação dos Educadores Ambientais no Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES- NOV- 2014 / Fonte: Arquivo Pessoal





Imagem 66 : Oficina de sabão a partir do óleo usado, por presidiários do Setor penitenciário de Cachoeiro de Itapemirim.

Autoria: Arquivo pessoal

Para Foucault (1991), a resistência “onde há poder, há resistência”. Esta resistência mencionada pelo autor, não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. É coextensiva a ele e absolutamente contemporânea. Para resistir é preciso que a resistência seja como o poder: inventiva, móvel, produtiva tanto quanto o que problematizamos. Tanto quanto ao poder, que venha “de baixo” e se distribua estrategicamente.

Não existem relações de poder sem resistências, estas são nas mesmas proporções mais reais e mais eficazes, pois se formam lá mesmo onde se exercem as relações de poder “ (Foucault, 2001, p. 271)

Nesses movimentos pela (re) existência comunitária, redes de interações produzem culturas com seus modos de vida, não sendo produtos isolados, mas resultam de uma interação, assim, essas redes descrevem sobre esses fluxos que fazem a educação ambiental acontecer na região da pesquisa e sua forma investigativa, pois, de acordo com Tristão (2014),, "*contribuir para um campo de pesquisa vai além de um método e de metodologias em termos de dimensões discursivas/políticas/filosóficas que orientam a investigação*".

Encontros que valorizavam a perspectiva e a vontade de potência. Nos agenciamentos e potência de ação, o comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim foi *lócus* dessa pesquisa para acompanharmos os fluxos e enredamentos da educação ambiental no Sul do Estado do Espírito Santo. Não apenas reuniões ou ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos sob o ponto de vista de seus movimentos e seus afectos. Trata-se de uma questão de composição, de encontro, de fazer rizoma numa complexa combinação "com", agindo juntos, dialogando em redes formativas de educação ambiental.

Na tentativa de aumentar a potência de ação, o comitê de educação ambiental tornou-se um local de encontro de gestores e professores que fazem educação ambiental nos municípios da região Sul Capixaba. Entre esses gestores, estão os técnicos das secretarias que muitas vezes são educadores em desvio de função e os professores e professoras que, através de suas narrativas, observam-se sujeitos engajados e que tecem redes sustentáveis na *comunidadeescola*. Nossa inserção enquanto instituição de pesquisa⁴⁸ aconteceu a partir de um encontro com a técnica da SEDU, no Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha, ES. A coordenadora desse comitê é técnica pedagógica através da Superintendência de Cachoeiro de Itapemirim. Nota-se nas ações da coordenação desse comitê, um engajamento e o aumento da potência de ação por parte dos indivíduos, uma vez que são

⁴⁸Durante todas as reuniões do Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim, apresentava-me como pesquisadora do NIPEEA (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental), coordenados pela Prof. Dr^a Martha Tristão.

estimulados em cada encontro por textos, palestras, oficinas e palestras com trocas de experiências dos sujeitos que fazem educação ambiental na região.

Municípios como Marataízes, Itapemirim e Presidente Kennedy (região litorânea Sul) mais os municípios de Guaçuí, Alegre, Atilio Vivacqua, Cachoeiro de Itapemirim e Castelo integram esse comitê com seus representantes. A participação tem frequência mensal, e os representantes são os mesmos que lutam há mais de 20 anos em seus locais.

No total, foram 12 encontros , conforme a tabela abaixo:

ENCONTROS	PAUTA
20 de maio de 2014	Educação Ambiental como Política Pública apresentado a organização institucional da educação ambiental, Os princípios da CNIJMA: JOVEM EDUCA JOVEM, JOVEM ESCOLHE JOVEM e UMA GERAÇÃO APRENDE COM A OUTRA
18 de junho de 2014	PDE ESCOLA SUSTENTÁVEL – recurso financeiro de 8 mil a 14 mil reais será entregue em 2015 COM-VIDA – os técnicos deverão assessorar a criação e monitorar as ações
06 de agosto de 2014	Texto “Educação Ambiental e Currículo Escolar” de Mara Rejane Osório Dutra Adaptação do texto “Roteiro Visita Trilha da natureza da UFSCar – Sub-bacia hidrográfica do Córrego Fazzari”
17 de setembro de 2014	Conquistas que se deram na utilização do recurso financeiro PDDE Escola Sustentável e na identificação de formação de coletivos jovens

	<p>Exibição do vídeo “Entre Rios”, sobre a urbanização da cidade de São Paulo, foi promovido o debate sobre os espaços educadores sustentáveis e, conseqüentemente sobre Escolas Sustentáveis</p> <p>A função do técnico dentro das secretarias</p> <p>Resolução nº18, de 03 de setembro de 2014, PDDE Escola sustentável 2014</p>
20 de outubro de 2014	<p>Estudo da Resolução FNDE nº 18, de 03 de setembro de 2014</p> <p>Estímulo à elaboração e execução do Plano de Ação Escolas Sustentável em todas as escolas</p>
19 de novembro de 2014	<p>Síntese do V Encontro Estadual de Educação Ambiental</p> <p>Estudo dos textos:</p> <p>O contexto histórico de surgimento da educação ambiental no Brasil</p> <p>Educação ambiental: desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis</p> <p>Uma avaliação oral dos encontros</p>
04 de março de 2015	<p>Texto “Os sete sapatos sujos” do moçambicano Mia Couto. A reflexão contemplou as práticas em educação ambiental e a rotina dos técnicos e educadores dentro das secretarias</p> <p>Grupo fechado no Facebook: CEAR Sul - Comitê para enraizamento da Educação</p>

	<p>Ambiental na Regional Sul</p> <p>O estudo minucioso da Portaria 235-R, para que a elaboração do Plano de Ação Anual apresente ações específicas, mensuráveis, exequíveis, relevantes e adequadas ao tempo disponível.</p>
15 de abril de 2015	<p>O estudo do texto “Empoderamento, ação social e meio ambiente” de Maria Helena Zamora (PUC-Rio).</p> <p>A proposta do trabalho em rede e na rede, a fim de oportunizar a divulgação das ações independente dos encontros físicos.</p> <p>Plano de Ação e as metas alcançadas em 2014</p> <p>Iniciamos a elaboração do Plano de Ação 2015</p> <p>Dois municípios apresentem as ações realizadas em cada uma das reuniões.</p>
20 de maio de 2015	<p>Leitura compartilhada do fragmento de publicação do MMA, “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”,</p> <p>Texto de Martha Tristão, Educação Ambiental no Contexto da Pós-Colonização</p> <p>Malala Yosafzai, Nobel da Paz 2014, e as iniciativas de comunicação da Rádio Yandê como referencias positivas para o trabalho com educomunicação.</p> <p>Apresentar as ações do município de Castelo</p>
1º de julho de 2015	<p>vídeo “O segredo do trabalho em equipe”,</p> <p>os representantes da SEDU e IEMA,</p>

	Rosemary Durval, Anna Claudia Tristão e Reginaldo Costa, iniciaram a apresentação da proposta de elaboração do Programa Estadual de Educação Ambiental.
15/07/2015	• Microrregião Litoral Sul - Realização da Oficina Regional para vivência da metodologia a ser usada nos fóruns municipais
29/07/2015	• Microrregião Central Sul - Realização da Oficina Regional para vivência da metodologia a ser usada nos fóruns municipais

TABELA 1- *Destaco esses dois últimos encontros por não haver participação na pesquisa. Durante a elaboração da Política Estadual de Educação Ambiental, estivemos junto ao Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha, auxiliando a região litorânea Sul na elaboração dos encontros Municipais e Estaduais, conforme já mencionado acima.

Quais efeitos os corpos teriam uns sobre os outros nesses encontros? Quando dois corpos se encontram, acontece ou não a potência de agir. Essa potência pode ser aumentada ou diminuída determinada pela intensidade do encontro. Dessa maneira, segundo Espinoza (1983) não podemos mensurar as ações de um corpo no encontro com outro. Além das questões problematizadoras dessa pesquisa, levantamos a questão desses encontros como formação e desenvolvimento dos corpos- do saber-sustentabilidades ou do educando- sujeito na ação. Nos interessa saber quais composições são feitas e se elas são boas na potência de agir.



Imagem 67: Educadores ambientais do Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES.

Fonte: Comitê de Educação Ambiental de C. I.

Assim, pensamos nesses encontros em educação ambiental do Comitê de Cachoeiro de Itapemirim como linhas de fuga, onde a sociedade busca outros caminhos e outras lógicas para a existência, diante dessa cultura homogeneizante que impera formas subjetivas de existências capitalísticas. Para Deleuze (1992,p.216), “uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, pois” ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento essas linhas de fuga se delineiam”.

Despotencializados pelo poder exercido na comunidade em torno de ações individuais, que fragmentam o saber e deixam enfraquecidos os desejos e os bons sentimentos. O poder quer o domínio e se utiliza do outro, do espaço, do território.

Todo poder é triste e “ele é sempre um obstáculo diante da efetuação das potências” (Deleuze ; Guattari, 1992)

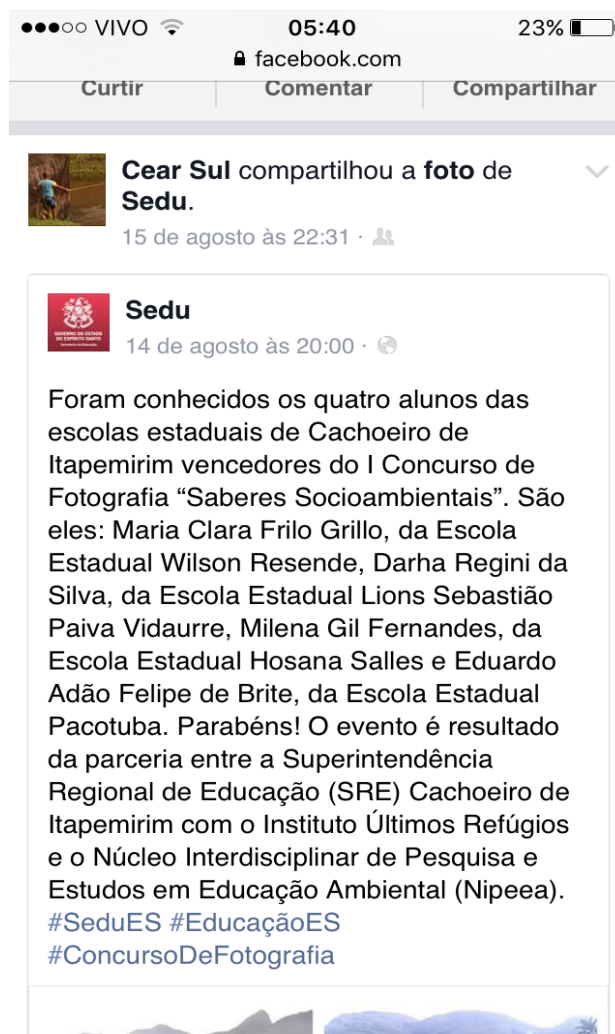
Nessas relações, o exercício de poder requer o outro para o domínio e nesse caso nos remeteu ao poder configurado na tentativa de tornar a cultura homogênea a partir do que encontramos na localidade. O impotente quer dominar e investe no poder, pois não suporta a potência do outro e não encontra meios de crescer sozinho. Sedução que nos rouba e nos captura pelas falsas promessas.

“Não há potência má, mas poderes perversos” (Deleuze, 1992), assim, podemos associar que a tentativa de discutirmos a educação ambiental é formativa, produtiva e inventiva na relação com o meio social e educativo. Formas de promover o fluxo dos processos de constituição de modos mais éticos e estéticos nas relações sustentáveis mobilizam o comitê de Educação ambiental para a potência de vida.

Atuar como plano de composição. Como figuras estéticas (Deleuze, 1992), a sensação composta por perceptos e afectos são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem tal como é fixado e necessita de transgredir por ações que fogem, linhas de fuga, no sentido criador, potente.

A sensação composta por essas práticas singulares reterritorializa-se sobre o plano de composição. Apresenta-se encaixada e articulada, e permite limitar seus novos componentes. Passar por experiências estéticas de criação, para perpassar do finito e reencontrar, restituir o infinito.

Para Deleuze e Guattari (1992, p. 252) ,*“A sensação composta, feita de perceptos e de afectos, desterritorializa o sistema da opinião que reunia as percepções e afecções dominantes num meio natural, histórico e social”*. Essas propostas artísticas podem ser consideradas um bloco de sensações, composto de perceptos e afectos, já que “Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles”. (idem, p. 218).



Por essa via “possível”, participei enquanto pesquisadora do NIPEEA da produção de imagens, intitulada “Um **olhar digital sobre o meu lugar**”. O Comitê de Educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim ofertou formação em fotografia para os professores de suas redes integradas e a partir dessa prática singular, promoveu modos de subjetivação mais solidários e sustentáveis na comunidade. O que se conserva a obra de arte, é um bloco de sensações, perceptos e afectos que nesse plano de composição potencializa com figuras estéticas a relação com o local.

Num movimento rizomático, as redes foram tecidas para que as imagens fossem captadas, socializadas e escolhidas. Nessa percepção, algumas foram escolhidas.

Para essa escolha, uma página do facebook foi criada para que todas as comunidades envolvidas participassem. Como apresentamos abaixo:



Imagem 68 : Um olhar digital sobre o meu lugar- enredamentos na pesquisa- construção coletiva dos educadores ambientais do Sul Capixaba- Potência na ação e pela educação ambiental do local. As quatro imagens escolhidas no processo de registro com fotografias.

Fonte: Comitê de Educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

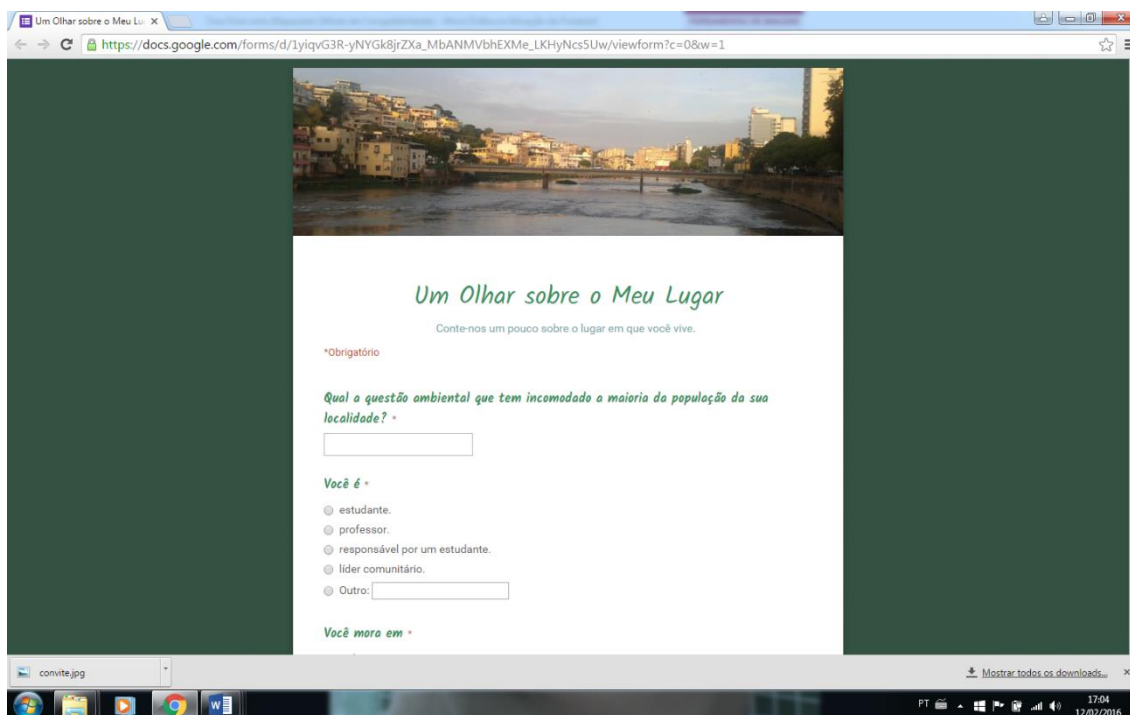


Imagem 69: Pesquisa em construção para o Programa Estadual de Educação Ambiental⁴⁹

Tempo Chrónos sobre o kairós, ocupantes de um espaço sem identificação também estão presentes nesse espaço, preocupados com o tempo, tempo-relógio, determinismos em excesso. Importante elucidarmos esses fatos para que possamos entender que nesse processo dialógico, nem todos estão no mesmo barco. Sem saber experimentar as intensidades, alguns gestores ocupam prisões, despotencializando o fazer em alguns espaços. Esses são minorias, mas presentes nesse contexto.

Ideia como determinação singular, independente da palavra de ordem, entrando em luta contra o poder, como segue na *narrativa de um biólogo-gestor* da cidade de Castelo, na potência do *fazeres* educador ambiental mesmo impedido de exercer o que acredita:

⁴⁹Acesso:https://docs.google.com/forms/d/1yiqvG3RyNYGk8jrZXa_MbANMVbhEXMe_LKHyNcs5Uw/viewform?c=0&w=1

Há mais de 10 anos que fazemos educação ambiental em Castelo, com uma larga experiência. Nem sempre foi fácil. Mesmo assim, tentamos e mobilizamos as pessoas para reflorestamento, para trilhas, para uma relação melhor com a natureza. Atualmente exerço a educação ambiental com apoio, mas nem sempre foi assim. Houve uma época que o secretário de Meio Ambiente achava uma bobeira vir a encontros para falar de educação ambiental, ele, que era o chefe, achava uma perda de tempo. Mas fiz que a educação ambiental acontecesse assim mesmo e ainda faço.

Movimento de ideias, mais do que proposições sob juízos de valor que impomos, relacionar a cultura local com o ambiental não é um fazer comum em educação ambiental, assim, ao ser convidada, enquanto pesquisadora do NIPEEA, para palestrar acerca de Culturas e Educação Ambiental, levei como proposição um texto (TRISTÃO, 2014), intitulado *“Educação ambiental e a Pós-Colonização que discute*



em que medida as escolas/comunidades inseridas no contexto da globalização criam emergências e resistências favoráveis ao intercâmbio, as trocas e ao compartilhamento com saberes populares de práticas sustentáveis.

Imagem 70 - Maio de 2015. Palestra Educação ambiental e Inferências/participação.

Autoria: Arquivo pessoal

Perplexos, mas curiosos e sentindo-se potentes nesse processo de formação por meio de contribuições da pesquisadora nas discussões de seus fazeres e saberes, os gestores apresentaram situações em que não sabiam relacionar a cultura como potência ambiental, mas mesmo assim, o fazem, como relata a narrativa do biólogo-gestor de Castelo/ES:

As pessoas do local nem sempre valorizam seus produtos culturais. Por exemplo, na minha localidade , temos o café que é um produto regional e mulheres que empreendem fazendo bolos e biscoitos. Toda vez que tem uma forma de recepcionarmos as pessoas, servimos nosso café colonial . Isso é um produto gerado em nossa comunidade.

Nessa dinâmica *autopoiética* (MATURANA & VARELA, 2005), o que acontece como consequência da interação não é determinado pelas propriedades dessas moléculas e sim numa incorporação. Portanto, nesses processos formativos que se deram na pesquisa, contribuíram como potência criadora na utilização dos produtos culturais locais.

Essa forma de pensar o local e articular o que culturalmente potencializa ações em educação ambiental nos leva a pensar na produção de Sociedades Sustentáveis, com espaços educadores sustentáveis ⁵⁰

Pelo Cultural e o ambiental sem dicotomias, partimos do pressuposto apontado para um trabalho mais harmônico com a educação ambiental local. Ainda na palestra, citada acima, o biólogo que participa das reuniões do Comitê de Cachoeiro de Itapemirim menciona:

No meu município(Castelo) , os moradores antigos sempre contam causos⁵¹.associados as nascentes. Nunca levei isso a sério. Mas após essa abordagem, que para nós é novo, vou reunir a equipe para entrevistarmos a comunidade e quem sabe publicar um livro. Lendas de personagens que são guardiões desse local, uma espécie de santuário em algumas comunidades.

Por isso a autora Tristão (2014) defende a intenção de que muitas de nossas pesquisas não são incorporadas nas políticas, e há um distanciamento entre a pesquisa científica e o campo técnico e político. Por isso, a intenção atual é articular as pesquisas às bases filosóficas, e assim, questionar como as pesquisas impactam nosso pensamento e as práticas do nosso campo de trabalho.

⁵⁰ Em anexo o Tratado B

⁵¹ Histórias contadas na comunidade.

Pela incerteza que nos move e muitas vezes, no processo osmótico, plasmolisam⁵², assim no meio educacional, acontecem situações de rupturas , traduzidas nas *narrativas de educadores ambientais do Comitê de educação ambiental de Cachoeiro de Itapemirim* comprometidos com seu fazer pedagógico:

Educador 1: Eu queria saber se esse pessoal da Superintendência vai nos apoiar e nos compreender. Não vejo mudanças. Vejo que temos um “catatau” de provas e conteúdos para aplicar e ficam querendo desenvolvimento de projetos. Como faço para dar conta disso? Não acho que essa gestão esta dando conta.

Educador 2: Houve o encontro estadual e como foi socializado? Não fui informado de nada . Do que adianta estarmos aqui e nada for proporcionado para a gente.

“Linhas de fuga sérias” (DELEUZE, 1992), rupturas constantes no e pelo devir revolucionário mas que não participam do processo de despotencializar as ações. Mesmo problematizando, o que faz parte nesses processos de negociação no Sul, ainda assim, os educadores ambientais exercem sua militância há mais de 20 anos na região. Deixamos aqui registrado o quanto foi prazeroso, para nós, pesquisadores em educação ambiental, da Ufes-ES, saber que os educadores da região Sul Capixaba ainda exercem suas atividades, na potência de ser educador ambiental por tanto tempo, pois segundo Deleuze (1982), “*não precisamos de pseudocompetentes, nem de um comitê moral, de sábios. Todos estamos e vivemos em busca de um suporte , um aconchego para nossas angústias*” .

⁵² Plasmólise é a retração do volume das células por perda de água. Este fenômeno dá-se quando a célula é colocada em meio hipertônico, ou seja, quando o meio exterior é mais concentrado que o citoplasma e a célula perde água por osmose.

CAPÍTULO 3

AMOR E POESIA, CANÇÃO E CANTORIA: *EDUCAÇÃO AMBIENTAL* POR OUTRAS VIAS CONSIDERADAS

A partir da idéia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.

Michel Foucault



Imagem 71: Ser/sendo catador de Conchas.

Autoria: Lucas Carvalho

Há uma potência nas comunidades e a partir delas precisamos reinventar/ inventar conceitos, noções, subjetividades, amores, poesias. Na tensão entre as experiências desiguais e iguais, há sempre expectativa de uma vida melhor. Pelas mentes, pensamentos, devaneios, as promessas de progresso e desenvolvimento traduzem-se na felicidade e em versos e prosas que constituem o colorido e a igualdade. Para alguns, não faz sentido falar em emancipação social, amor, legitimação e igualdade, pois remete a ideia do fim da história.

Pensar na educação ambiental como campo polissêmico ou composto de muitas vias, nos remete a ideia das linhas de fuga (DELEUZE,1998), que nos leva através de nossos limiares, em direção a uma destinação desconhecida; não previsível, não preexistente. Simples e abstrata e complicada, tortuosa. Nessas linhas vemos os movimentos da cultural local e regional, com a tradição de um povo que se afirma diante da tentativa de homogeneização. O canto e a dança remetem a expressão de liberdade e de amor já expressa nos quilombos narrados e descritos na história da colonização de nosso país.

A colonização foi a própria expressão de linha dura, segmentada com determinações e imposições. Linhas duras, composta pelas barbáries que marcaram revoltas e movimentos de libertação de um povo. Mesmo sobre a imposição cultural, o povo ainda nas senzalas, nos quilombos, nas tribos e em outros espaços, como atualmente, nos guetos, comunidades, ainda expressa pela arte, música, dança, o amor que transborda que poetiza que renasce no enfrentamento com o poder que impera e silencia. Tais linhas são consideradas mais flexíveis, mais ainda com poder de regulação, são conhecidas como moleculares. Nela passam os devires, micro-devires. Que não tem o mesmo ritmo de nossa história.

Pensamos e defendemos então a terceira linha, ou seja, a ruptura. Após Foucault desenvolver o conceito de sociedade disciplinar, na qual o soberano, o disciplinar e, sobretudo, o controle era configuradora nas formas de comunicação, remetendo a sociedade a mais alta forma de dominação, que toca tanto a fala quanto a

imaginação, discorreremos aqui sobre sociedade de controle. Reconhecemos que no contexto atual, a retomada da palavra está sendo exercida pelas minorias, singularidades, homens e mulheres nos seus diversos saberes e fazeres sociais.

Pensar em “sociedade de controle” avança o conceito de “sociedade disciplinar”, pois o confinamento foi substituído por um controle contínuo e comunicação instantânea. A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle.

O autor ainda cita que nas sociedades de controle, ocorre o surgimento das formas delinquentes como resistência capazes de dar novas oportunidades a um comunismo concebido como “organização transversal de indivíduos livres”, com as minorias retomando a palavra, pois a palavra pode estar contaminada pelo poder econômico, por seguir o fluxo local . É preciso que haja um desvio na fala, e criar sempre foi melhor do que comunicar e Deleuze (1988) aponta essa condição.

Dessa forma, algumas ações/reações são manifestadas na comunidade como modo de subverter ao que é imposto como regra e limita a criatividade. Assim, pirataria, vírus, e outras formas, apresentam-se como resistência ao modelo presente que não responde as múltiplas questões que se apresentam no contexto escolar, digo, em toda comunidade. O autor sugere que vacúolos sejam criados para conceber novos meios de comunicação mais potentes e menos excludentes. Cria-se uma linguagem, por dentro da língua maior, subvertendo regras e traz resistência aos grupos maiores.



Imagem 72 : Estudantes apresentando as ideias debatidas na Feira pela Sustentabilidade- Projetos escolares.

Fonte: Arquivo Pessoal

A inovação antropossocial desenvolveu a complexidade natural: hibridações e crescimentos aumentaram a diversidade dos indivíduos e das espécies sem, no entanto, destruírem as antigas variedades; “as seleções desenvolveram aptidões latentes e embrionárias”. (MORIN,2011 p. 90).

A dimensão da inventividade nos permite escapar para qualquer lado. Essas teorias práticas inventadas são feitas na sutileza. Nem tudo é feito a partir do instituído. Deleuze (1990) nos fala de linhas de força, enoveladas num conjunto multilinear. Mas que linhas fazem com que umas escolas tenham algumas práticas singulares e outras não?

A condição é para se escapar para a vida. Segundo Derrida (1991), o negrafismo *différance* desencadeia o problema da tradução que é impedido de seguir seus fluxos, contrária a ordem e a verdade produzida. Não é um ente presente, portanto,

não possui essência ou existência. Não é apenas irreduzível a toda a reapropriação ontológica ou teológica, abre-se a outros espaços, em especial o filosófico, produzindo o seu sistema e a sua história. Nesse fato, produz o seu sistema a sua história, a compreende, a inscreve e a excede sem retorno, operando a partir de um princípio, de postulados, de axiomas ou de definições e deslocando-se segundo a linearidade de uma ordem de razões.

Nada é estratégico, aventuroso e lógico e se dá pelos acontecimentos, nas oportunidades de discussão fecundas no ponto de vista do crescimento social. Portanto, e semelhante a esses conceitos, a *différance* designa a causalidade constituinte, produtora e originária, “*O processo de cisão e de divisão do qual os diferentes ou as diferenças seriam os produtos ou os efeitos constituídos*”.

Pensando no exercício de poder da linguagem, levantamos a seguinte questão problematizadora: *Que conteúdos, que assuntos podem ser levados para a potencialização dos/das educandos/as na sua inserção na comunidade?* Nas releituras nessa pesquisa, partimos de uma concepção que nos permite entender a prática como política e essa deriva uma ação também política. Tais práticas engendram possibilidades de reversão do que a comunidade vive ou a possibilidade de reexistir, a partir de uma nova perspectiva sobre a subjetividade. Essa perspectiva exige uma análise dos processos de subjetivação em termos de individuações impessoais, pré-individuais ou singulares. Numa recusa a modos interpretativos, coexiste a partir do momento que codificam novos modos de existência nas relações trocadas, vivenciadas estas, no meio social. Para essa análise, o autor descreve:

O que não é nem individual nem pessoal, ao contrário, são as emissões de singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por distribuição nômade, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das sínteses de consciência." (DELEUZE, 1982, p.105)

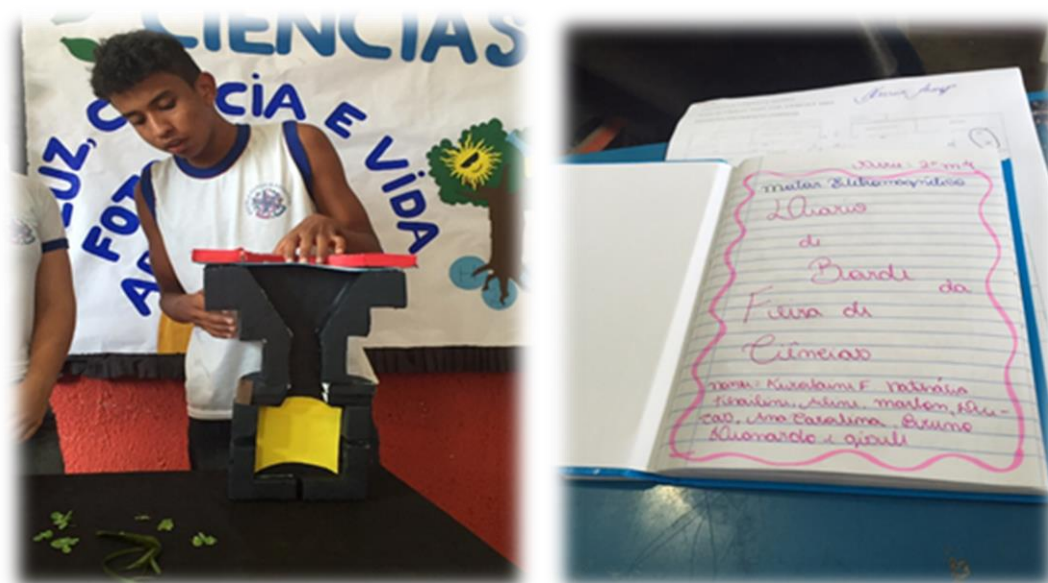


Imagem 73 : Feira de Ciências na escola- inventando formas sustentáveis na existência- Projeto de captação de energia limpa – 2º ano M01

Por esse olhar mais profundo, as singularidades se constituem como acontecimentos que não se encarnam em uma pessoa, mas na pluralidade, presidem assim a gênese dos indivíduos e das pessoas. Apresentam um potencial que não comporta em si nem ego individual, nem o EU pessoal, mas que os produz atualizando-se, efetuando-se.

Mas por que essa pesquisa *auto-eco-organiza*⁵³ nas práticas agenciadas durante a pesquisa, denominando-as de singulares? Pois, segundo Deleuze(1982), somente a teoria dos pontos singulares estaria apta a ultrapassar a síntese pessoal e a análise do indivíduo, assim como são formuladas na consciência. É na esteira de Nietzsche que Deleuze capta o mundo das singularidades impessoais e pré-individuais.

⁵³ **Auto-eco-organização** é de autoria de Morin (2006) e expressa uma nova maneira de enxergar a indissociabilidade entre o sujeito e mundo. Para compreender esta ideia, há que se referir também há outro conceito, que o do **Princípio Hologramático**, que é o que afirma que a mais infinitesimal parte contém todos os elementos do todo. Ou seja, é uma forma de compreender que, o sujeito está no mundo, mas o mundo está no sujeito, em uma relação recíproca de constitucionalidade.

Singularidades nômades, livres de uma individualidade fixa e dos limites sedentários do sujeito finito. Num mundo dionisíaco da vontade de potência e de livre energia, encontramos algo capaz de ser singular, não sendo individual nem pessoal. E sim, exerce a pluralidade, onde é possível saltar de uma pluralidade para outra. Nessas práticas singulares, consideramos então as aulas como um “bom encontro”, onde estes e suas ressonâncias transbordam o universo representacional. Por esse aporte, o autor infere:

Máquina dionisíaca de produzir o sentido e em que o não-senso e o sentido não estão mais numa oposição simples, mas co-presentes um ao outro em um novo discurso. Este novo discurso não é mais o da forma, mas nem muito menos o do informe: ele é antes o informal puro." (DELEUZE, 1982, p.110)



Imagem 74: Apresentações culturais na escola com a história e a tradição da comunidade.

Autoria: Arquivo Pessoal

Falamos de singularidades livres, anônimas e nômades, percorrendo o mundo independente das matérias de sua individuação e das formas de sua personalidade. Para além do homem nietzschiano, apresenta-se para além de tudo aquilo representado. Nessas condições, observa Deleuze:

Nestas condições, observa Deleuze:

A vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade do que acontece. 'Homo tantum' por quem todo mundo se compadece e que atinge uma certa beatitude. É uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas sim de singularização: uma vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, já que só o sujeito que a encarnava no meio das coisas a tornava boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em benefício da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida..." (DELEUZE, 1995/2001, p.28-29)

A Escola Filomena Quitiba é o lócus dessa pesquisa sobre as práticas singulares no exercício da docência. Com mais de 60 anos de atividade, essa escola encontra-se no Centro da Cidade de Piúma, e atende 972 alunos (dados do ano letivo de 2015). A instalação física da escola é precária demais, mas mesmo assim, a maioria do corpo docente dessa escola possui especialização, alguns com mestrado e dois professores com doutorado. A escola é Estadual e é coordenada pela Superintendencia de Vila Velha- uma ramificação da Secretaria Estadual do Estado do Espírito Santo.

Acompanhamos as reuniões pedagógicas, encontros de duas formações de professores, algumas aulas e atividades desenvolvidas em projetos nas áreas integradas. Foram feitos registros em áudio e vídeos, transcritos durante o processo de elaboração do texto.

A Escola faz parte do Comitê de Educação Ambiental de Vila Velha, e recebe orientações pedagógicas acerca das ações em Educação ambiental instituídas nesse espaço.

Ao chegar à escola com a proposta de acompanhamento dos processos formativos e outros fluxos que se agenciam nesse espaço educador, fui recebida de maneira calorosa pela gestão da escola (Professora Fabiani Taylor), que sempre se manteve solícita e parceira nas ações da pesquisa.

Entre as aulas e formações acompanhadas, destaco algumas relevantes para a escrita dessa tese:

- Processo de formação de educadores- 6 encontros, com abordagem dos seguintes temas:

Pluralidade Cultural, Educação ambiental, Diversidade, Trânsito , Gênero, Inclusão;

- Processo de Formação de educadores do SIMEC- PNEM- Programa Nacional do Ensino Médio.

Esses encontros foram realizados no período de Julho de 2014 a Julho de 2015. E para realização da pesquisa de doutorado, dialoguei de perto com os educadores e educadoras, cursando as formações junto com eles/elas, para uma melhor aproximação. Nessas inserções, objetivava-nos entender em que processos a educação ambiental estava inserida de forma a potencializar as ações educativas e sua relação na comunidade.

Afetos, arte, sentidos produzidos e agenciamentos, acontecimentos entrelaçados nessas redes tecidas nesse espaço e que escapam as formas imperativas e pedagogizadas há séculos, tornando muitas vezes, a escola um espaço que desperta o desejo estar presente.

A primeira formação citada, abordou seis temas. A dinâmica de discussão consistia em debates, apresentações, participação dos educadores no processo de discussão dos temas. Presente nas formações, *uma professora* destacou:

Formações como essa deveriam sempre estar acontecendo. Nessas trocas e discussões, onde a temática é abordada de uma maneira integrada, sentimos que compreendemos melhor. Nem sempre podemos trabalhar assim com nossos alunos, pois somos obrigados a cumprir um documento proposto e isso nos engessa demais.

Morin (2003) enfatiza a problemática da fragmentação das disciplinas e dos currículos, dificultando a interdisciplinaridade na educação. Evidencia o desenvolvimento de uma educação que desempenha a interrelação do indivíduo/espécie/sociedade de forma indissociável, pois, ao mesmo tempo, recobra a subjetivação pessoal, fazendo-o numa profunda relação com os outros e o planeta.

Esses espaços formativos, apesar de serem ofertados por um órgão gestor, propiciam debates e configuram-se numa formação pedagógica e política de muitos educadores/as do interior do ES. Momentos de encontros e discussões que levam o docente a criar novas práticas pedagógicas.

3.1 - SINGULARIDADES NOS MODOS SUBJETIVOS DE **SER** COM E PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Imagem 75 : limpeza das praias do litoral Sul Capixaba. Agosto de 2014.
Autoria : Arquivo pessoal

Há, neste momento, um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do campo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como um objeto, mas, o que é muito diferente, como um mundo possível[...]
Deleuze (1992)

Algumas ações sobressaem-se no fluxo dessa tese, principalmente o modo de conversão ecológica que produz efeitos de mobilização política e de descapitalização da potência de invenção (GODOY, apud PREVE[et al] , 2012) reabsorvidas pela educação, e produzem compromissos ativos na máquina de encodificação em algumas práticas que engendram esses campos, em nome das sustentabilidades, tecidos na teia rizomática escolar e comunitária.

Práticas discursivas dos praticantes pensantes nos permitem adentrar em *territórios existenciais* e a partir daí problematizar a produção de subjetividades no sentido formativo. Nesse processo em que se produz a flexão ou a curvatura de um certo tipo de relações de força, especialmente no que tange as práticas ambientais sustentáveis, incluímos a formação histórica e ambiental específica na formação dessas subjetividades.

Assim, tais práticas podem fomentar a invenção de diferentes formas de relação consigo e com o mundo ao longo do tempo. Exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território. Exprime o próprio caráter co-extensivo do dentro e do fora. Tais práticas problematizam a globalização, não como um processo único, mas como formação de subjetividades que convergem diferentes campos: social, político, cultural e histórico.

A ideia de indivíduo, enquanto território subjetivo moderno, expressa um modo de subjetivação específico, pois traduz certa captura da subjetividade dentro de um determinado sistema de códigos, no caso o sistema de códigos próprio do modo capitalista. O “*modo- indivíduo*” do capitalismo moderno é completamente diferente da experiência subjetiva em outros períodos históricos.

Diferentes formas de produção da subjetividade em uma determinada formação social. Um modo intensivo e não um sujeito pessoal. Um processo de subjetivação traduz o modo singular pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de certo tipo de relação de forças. Cada formação histórica irá dobrar diferentemente a composição

de forças que a atravessa, dando-lhe um sentido particular. A narrativa da *professora de história* da Escola Filomena Quitiba traduz:

Precisamos de uma política urgente que nos socorra. O que fazer quando tudo que temos é vendido? Digo vendido porque não conseguimos mais dizer para as pessoas como é importante preservar. Mas ainda insisto em minhas aulas com essas questões. Sei que é importante. Alguém precisa ensinar a comunidade a dialogar, a enfrentar. Vejo dois irmãos catadores de conchas, tão pobres, mas mesmo assim, acordam de madrugada e vão catar conchas. Eles ainda acreditam no trabalho com artesanato, acreditam e são fiéis a esse ofício que herdaram de seus pais.

A Globalização neoliberal também estabelece conexões, e fazem novos arranjos de espaço-tempo, saberes-fazer, reduzindo o pensamento para questões que envolvam a educação na preparação de indivíduos-servos do mercado. Segundo Santos (2007), “Razão indolente e preguiçosa - a razão instrumental pautada por uma racionalidade única”.

Insustentáveis ações que impedem o fluxo e não promovem multiplicidades positivas para a sustentabilidade. Dessa maneira, pensamos então em problematizar as subjetividades produzidas a partir das práticas singulares cartografadas, mas em que sentido? Segundo Tristão (2010,p.03),

Os processos de globalização fazem novas combinações de espaço-tempo, integram e conectam comunidades, pessoas e organizações numa escala que atravessa fronteiras nacionais. Fronteiras inventadas pela subjetividade humana em um mundo marcado por divisões entre os homens, os povos e as espécies. Nem por isso, são fronteiras intransponíveis ou definitivas.

Nesse processo, pensamos em Escolas Sustentáveis que permitam o exercício pleno de práticas que favoreçam as sustentabilidades escolares e a formação de subjetividades rebeldes/ inventivas/ afetuosas e encantadas no e pelo local que habitam.

A criação de espaços educadores sustentáveis visa atender às ações elencadas como necessárias ao enfrentamento das mudanças climáticas .Tal criação converge

com a potência das “criações coletivas” nas práticas singulares sustentáveis. De acordo com Deleuze (1992,p.215);

Diz-se que as revoluções têm um mau futuro. Mas não param de misturar duas coisas, o futuro das revoluções na história e o devir revolucionário das pessoas. Nem sequer são as mesmas pessoas nos dois casos. A única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável (DELEUZE , 1992, p. 215).

Podemos chamar de Processos de singularização, uma maneira de recusar a todos os modos de encodificação preestabelecidos, modos de manipulação e controle. Recusá-los para construir modos de sensibilidades, modos de relação com o outro, modos de produção criativos na existência que produzam uma subjetividade singular Guattari e Rolnik (2011,p.13), escrevem:

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade , os tipos de valores que não são nossos. Há assim, algumas palavras –cilada (como a palavra cultura) , noções-anteparo que nos impede de pensar a realidade em questão.

Escola Sustentáveis convida-nos a praticar *outrosnovos* modos de existência. Em consulta ao blog dos pesquisadores em educação ambiental, comunicação e arte (GPEA-UFMT)⁵⁴, a escola poderá se organizar por 3 dimensões, ou 3 “peles” segundo o austríaco Hundertwasser. Estas 3 dimensões são intrínsecas e inseparáveis, pois são partes de um tecido coletivo e isoladas, perdem o sentido político da proposta. Essa analogia reflete a sensibilidade e a preocupação com relações mais humanas e que singularizem num espaço educador. Segue a analogia para uma educação ambiental potente:

⁵⁴ <http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/escolas-sustentaveis.html>

1ª pele (derme): CURRÍCULO

Um currículo que seja fenomenológico, isto é, que se concretize em cada contexto histórico, potencializando a existência de cada escola, seja ela quilombola, indígena, do campo, especial ou integral. Para cada realidade, é uma proposta política que considera o conjunto socioambiental, como se o humano pudesse mergulhar na natureza.

2ª pele (vestuário): GESTÃO

Dimensões da sustentabilidade ou ecoeficiência são propostas neste segundo eixo das escolas sustentáveis, que considere a alimentação orgânica, o aproveitamento da água, a economia energética, a mobilidade por transportes como a bicicleta, a pegada ecológica, ou tantas outras práticas sustentáveis forem possíveis.

3ª pele (casa): ESPAÇO

Concebido o território como OIKOS, é o lugar que habitamos, portanto, espaço de nossas identidades. É o cuidado desde a carteira que sentamos até o Universo que pertencemos, mas é também a casa onde moramos. Assim, propostas de bioarquitetura são bem-vindas, assim como demais práxis que revelem o cuidado e o respeito à diversidade do mundo que habitamos.

GPEA, acesso em 10 de dezembro de 2015.





GESTÃO – transforma & transvaloriza

Inscrita nos princípios da Pegada Ecológica, promove a gestão de projetos ambientais escolares e comunitários, que considere a proteção das águas, o uso de energias alternativas, produtos ecológicos, alimentação orgânica ou diversas outras práticas sustentáveis.

Segunda pele: VESTUÁRIO – consumo sustentável



ESPAÇO – reforma e revaloriza

Compreendido na ampla envergadura, um espaço que considere as identidades dos habitantes, seus hábitos e uma cartografia do habitat. Um espaço também físico da bioarquitetura, que aprecie o OIKOS como a primeira das artes, que agrega a matéria, mas também os sonhos.

Terceira pele: CASA – território e identidade

Imagem 76: Analogia para as 3 dimensões da Escola Sustentável.
Fonte: GPEA-UFMT

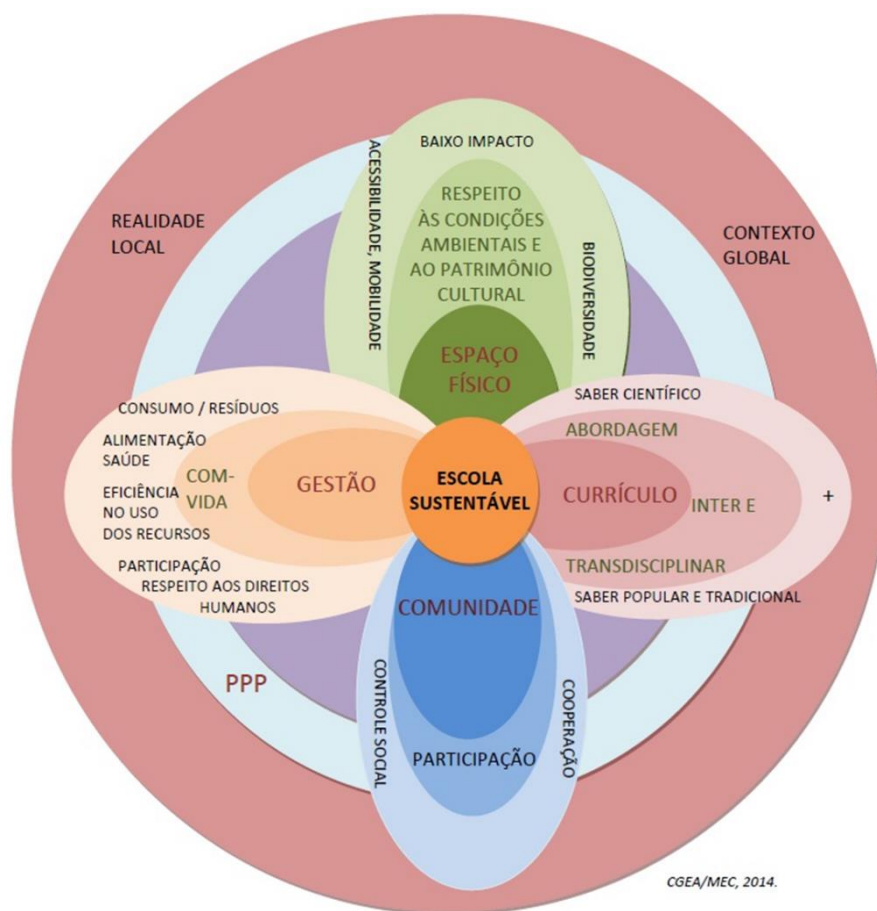


Imagem 77- Mandala da estrutura de uma escola sustentável- sem hierarquias , preconiza ações coletivas e discussões fecundas com a comunidade.

Fonte: MEC, 2014.

Práticas singulares em espaços diferentes esteticamente e possibilitadores de novas/outras reflexões sobre os acontecimentos na escola e na comunidade. A *narrativa da professora da educação infantil* revela a dificuldade de esses outros modos de fazer e saber serem agenciados na escola:

Minha escola faz sabão, é um sucesso e convido todos os que estão aqui para irem lá na nossa exposição. É muito interessante ver o quanto os alunos se dedicam no sucesso desse projeto. Alguns não querem nem ir embora mais, já falam que vão produzir na comunidade, ajudar as famílias. Sinto que foi muito bom, um sucesso! Mas, nem tudo são flores, alguns querem nos derrubar (**referindo-se ao gestor da escola que não apóia o trabalho da educadora**), mas como ganhei o prêmio para a escola, ele tem que apoiar, do jeito bronco dele, mas tem. (Grifo meu).

Pensar e praticar singularidades na escola suscita a necessidade de formação de educadores/as, gestores/as, educandos/as. Mas como uma formação de professores/as se torna um acontecimento? Para Deleuze (1992), há duas maneiras de considerarmos um acontecimento, uma consiste em passar ao longo pelo acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas a outra ,surge remontando onde os indivíduos buscam a reinstalação em um devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos os seus componentes ou singularidades. O que nos interessa, são as criações coletivas que potencializam as ações em educação ambiental nessas singularidades. Segundo o autor:

O devir não é história; a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais desviam-se a fim de “devir”, isto é, para criar algo novo. (DELEUZE, 1992, p. 215)





Imagem 78 e 79: Formação continuada SEDU-ES- temas transversais no currículo e nas práticas. Entre eles, a educação ambiental e a diversidade.

Autoria: arquivo pessoal.

Uma formação de educadores pode ser considerada um agenciamento. Nestes, podemos pensar em possíveis a partir das linhas que os constituem. Linhas molares por essa formação, quando são impostas, obrigatórias e linhas moleculares quando permitem que novas possibilidades se configurem nesse espaço educativo, se configurando em linhas de fuga, quando escapam ao que é proposto em aula. Interessa-nos onde essas linhas se direcionam de forma a agenciar na comunidade ações coletivas com as práticas singulares que potencializam as escolas e a comunidade.

Para Deleuze (1992), acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos

espaçotempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação.

A Escola Filomena Quitiba há 23 anos trabalha com a exposições de algumas práticas criadas pelos educandos/as para sustentabilizar o local. Essas exposições recebem o nome de Feira de Ciências. O diferencial dessa feira é a pesquisa e a invenção dos projetos, desenvolvidos pelos próprios estudantes. Uma modalidade de introdução à pesquisa científica ainda no ensino médio.

Morin (2000) nos fala que o particular se torna abstrato quando isolado do seu contexto, do todo do qual faz parte. Assim, tornar visíveis nossas experiências e práticas sustentáveis que se singularizam nesse contexto, no caso de algumas experiências com na exploração da localidade, tem invisibilizado as experiências culturais, criadoras, imaginárias e poéticas.



Imagem 80: Feira de Ciências tem o tema Luz, ciência e vida. Precisamos de ideias novas , sustentáveis para apresentação em forma de projetos.

Autoria: Arquivo pessoal.

Em relação ao processo criativo/inventivo dos projetos envolvendo a comunidade no fomento à sustentabilidade, a *narrativa do estudante* elucida a dúvida nesse processo de “autorização” para criar:

Estudante- Professor, eu posso criar ou posso reproduzir algo que já existe.

Educador - Vamos criar juntos, a partir do que você enxerga que precisa ser modificado.

O sentimento de escapar só é possível pela relação que se estabelece do estudante com a escola. A interação é potente para desconstruir estereótipos. Escolas diferenciadas por legitimar seus aspectos culturais, apostando numa complementaridade pelas práticas singulares em Educação ambiental.

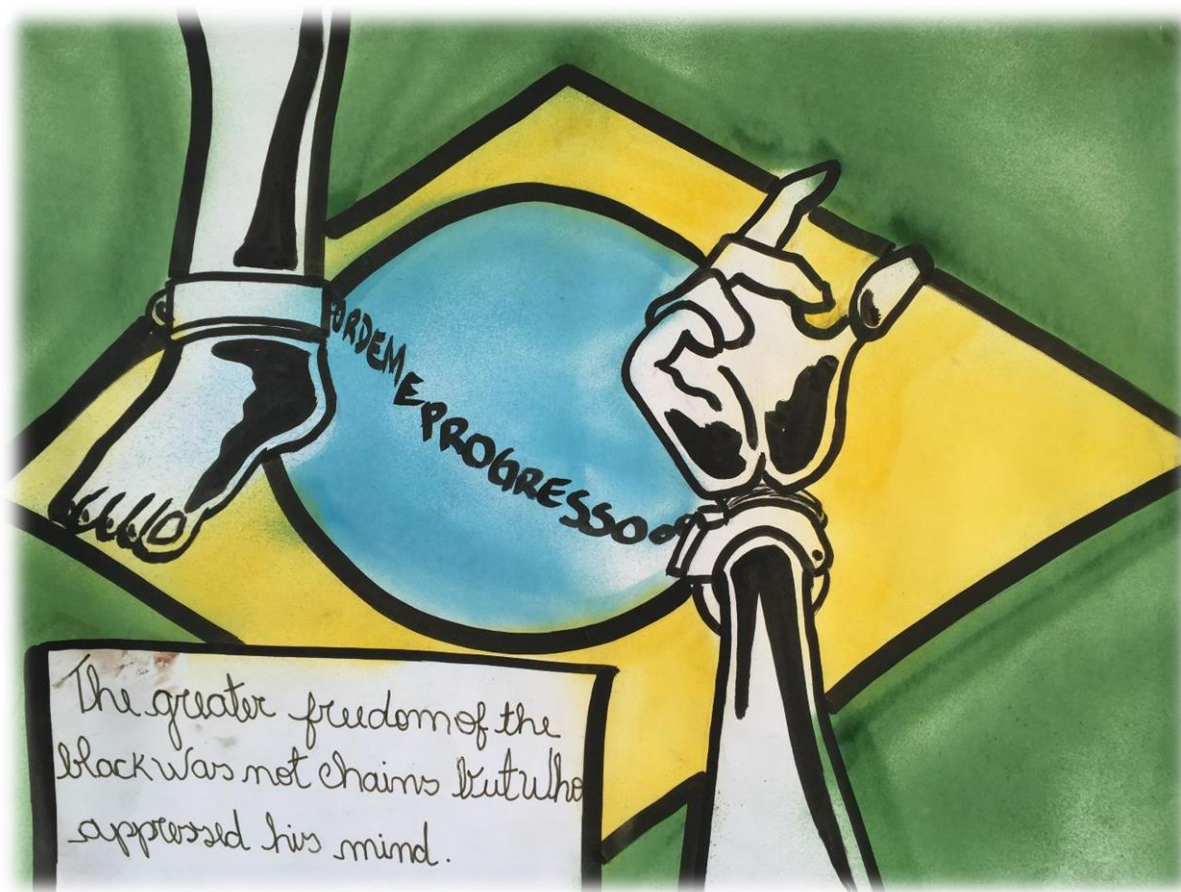


Imagem 81: Aula de artes na escola e de Inglês- sensibilização na relação de dominância histórica do povo brasileiro.

Autoria: Aluno do 7 A- Escola Filomena Quitiba.

3.2 PERSONAGENS PRODUZIDOS COM AS LENDAS DO LOCAL

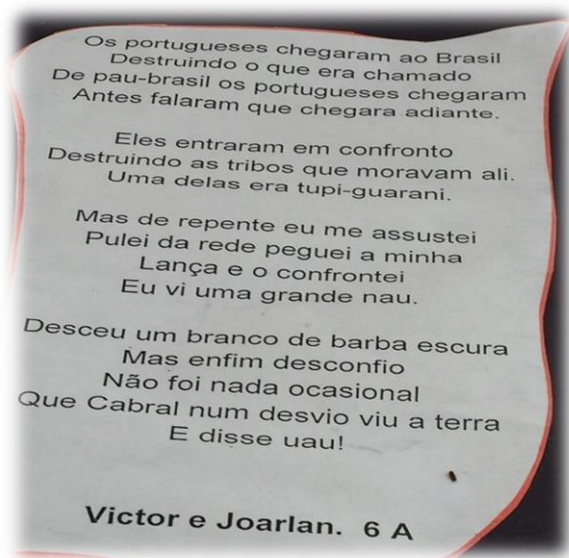


Imagem 82: Práticas singulares na escola.

Autoria: Arquivo da gestão da escola Filomena Quitiba.

Não podemos, entretanto, nos contentar com um dualismo entre um plano de consistência, seus diagramas ou suas máquinas abstratas e, por outro lado, os estratos, seus programas e seus agenciamentos concretos. As máquinas abstratas não existem simplesmente no plano de consistência onde desenvolvem diagramas, elas já estão presentes, envolvidas ou “engastadas”, nos estratos em geral, ou mesmo estabelecidos nos estratos particulares onde organizam simultaneamente uma forma de expressão e conteúdo.

(DELEUZE E GUATTARI, 1995p.103)

Pensar a cultura como campo subversivo que produz sentidos múltiplos e nem sempre convergentes. Precisamos criar um território discursivo, inventar a tradição! A vida em sua potência, pode significar múltiplas coisas. A questão que se coloca é o modo de olhar-desejo de encontrar o outro sem representá-lo, mas deixar-se ser afetado, sentindo na pele a afetação, movência entre familiar e forasteiro, abre-se a possibilidade de habitar a própria cultura como um estrangeiro, problematizando valores, normas, regras, visões, percepções, sensibilidades (DELEUZE, 1992).

Com o objetivo de construir a pesquisa e experimentação, é necessário, às vezes, provocar o estranhamento por rupturas na regularidade e na continuidade do pensamento e da vida. Por esse viés, e com inferências de minhas leituras do doutorado, alguns desdobramentos da pesquisa deram-se em oficinas de personagens produzidos a partir da cultura do local.

Foucault nos pergunta que relações de poder vão constituir o modo de ser/estar no mundo? Em redes afetamos e somos afetados durante todo o tempo.

Na produção discursiva, há uma tentativa de produção de efeitos de verdade em cada um de nós, subjetividades produzindo sentidos de práticas e agenciando modos de subjetivação na escola. Assim, dizer sobre diferenças no campo social, constitui essas micropolíticas presentes na escola, nas aulas.

Na escola, tivemos a oportunidade de participar de uma prática de construção cultural. Precisa de um território próprio, de uma linguagem particular composto de um universo singular. Assim, a busca por um saber que denuncia pela fala de um

personagem, sem enfrentar questões políticas de forma direta. Forma singular de inventar, fabricar, denunciar na arte de formar conceitos.

Na reunião de histórias particulares que se cria a imagem a ser problematizada, pelas estranhezas, hábitos incomuns, mortes insólitas, visões controversas sobre o lugar comum que os dão fama. Que fazem o homem-regular virar figura psicossocial. Vida que se torna singular

Essa atividade foi apresentada aos estudantes com o objetivo de conhecerem e disseminarem a cultura das localidades.

As lendas do local perdem-se no tempo e nas memórias e necessitam de registros das narrativas dos sujeitos autopoieticos da comunidade. Tais sujeitos refazem-se e reestruturam-se nesse processo osmótico que os constitui. Assim, os avós, pais, e outros moradores da comunidade podem contar as lendas do local e a partir dessa atividade que provoca uma aproximação familiar na escuta das tradições da cultura local, além de sensibilizar quanto a importância de relacionar a cultura com a natureza.

Nossa intenção é trabalhar pela produção da subjetividade pode ser enriquecida pela noção de subjetivação (Deleuze, 1992). Essa noção vem sempre precedida das palavras “formas”, “modos”, “processos”, que apontam que a subjetivação nunca está acabada, mas se constitui como um processo contínuo. A partir dessa perspectiva, há múltiplas maneiras diferentes de se subjetivar no decorrer da história, em que o sujeito pode fixar, manter ou transformar-se a partir do que é tecido nas redes de aprendizagens.

A subjetividade hoje se produz diferentemente do que se produziu, por exemplo, no início do século XX. De modo não casual, a escola fez e faz parte dessa produção, uma vez que, se por um lado ela é um lugar fundamental na constituição da subjetividade, por outro ela também está inserida num amplo contexto, com muitas possibilidades.

Para Certeau(2012), precisamos levantar hipóteses, romper com interdições, esquecimentos ou ignorâncias e flexibilizar os objetivos para que a vida social seja

constituída. Contextualizando para que a cultura seja plural dentro de uma comunidade.

Nessa oficina de prática singular, os estudantes foram organizados em grupos para que a pesquisa pudesse abranger todo litoral Sul Capixaba. Foram 4 grupos organizados para pesquisar as lendas locais: Anchieta, Piúma, Itapemirim e Marataízes. A ideia principal foi trabalhar com personagens conceituais ,mas no decorrer da aplicação da oficina, vimos que apenas produzimos um personagem, mas sem a intenção de denunciar por um personagem. Partimos do aporte teórico de “produzir algo que não exista que singularize na existência das coisas, dos pensamentos e das sensibilidades.” Processo que acarreta mutações no campo social inconsistente “ (DELEUZE, 1993)

Utilizamos materiais reciclados e cada grupo criou seu personagem de acordo com seu modo de ver a localidade.

Segue, a partir dessa página, os personagens-produzidos com os estudantes:



*Garibalda*⁵⁵ é o personagem criado pelo grupo de Anchieta- Foi produzido pelo grupo e interpretado educanda do 2 ano A ⁵⁶. Segue a narrativa:

⁵⁵Os nomes dos personagens partiram de uma criação coletiva no grupo envolvido.

A cidade de Anchieta é muito importante para a economia da região. Tem belas praias e reservas naturais, além do Rio Benevente, é claro!

Sua economia maior é gerada pelos funcionários da Samarco Mineração. Mas, a pesca também é forte na região.

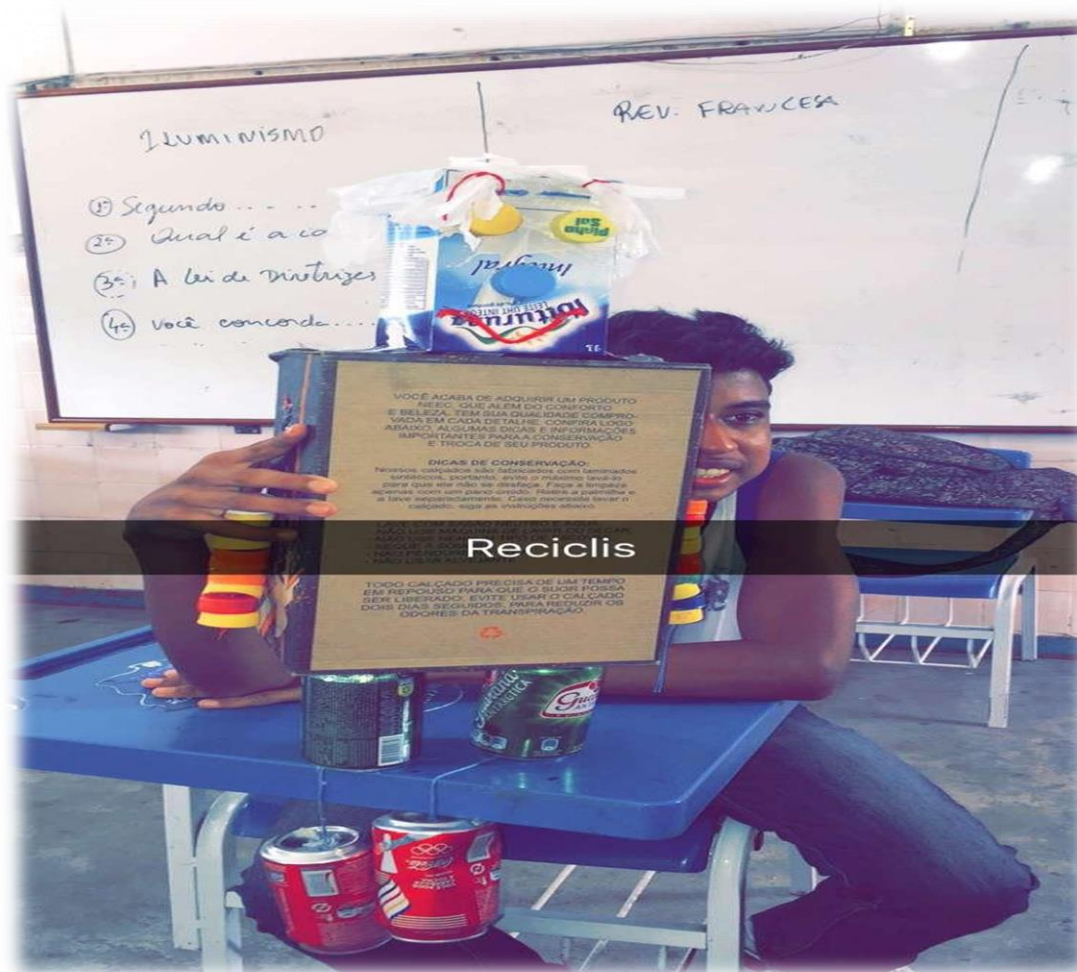
Entre as lendas, existe a do Mangue assombrado, onde os catadores de caranguejo ficam presos em redes jogadas do alto das árvores. Por isso, tem a época certa para a coleta dos animais.

Culturalmente, a cidade homenageia seu padroeiro São Pedro e sua padroeira N^a Sr^a da Conceição.

O interessante era a mudança de voz dos estudantes durante a interpretação das histórias pesquisadas com os moradores das localidades. Um envolvimento e comprometimento por um movimento de deixar-se interceptar pela oralidade, uma vez que esta, ensejando um dado contexto social, numa apresentação criativa que foge da submissão das grandes narrativas na comunidade.

O Segundo grupo apresentou o personagem *Reciclis*, foi criado para representar Itapemirim. A interpretação foi feita pelo aluno do segundo ano que não modificou sua voz, com vergonha dos colegas.

⁵⁶ Os nomes dos participantes dessa oficina serão preservados. O uso das imagens foi concedido pela escola.



Itapemirim vive da economia forte do Petróleo. Sua economia também se concentra numa grande indústria de produção de açúcar e álcool, e plantações de abacaxi, além do turismo e da Pesca. Possui um manguezal extenso e sua principal lenda é a do Padre que se apaixonou pela Freira, mas por proibição da igreja, tomaram veneno e foram imortalizados nas pedras, olhando eternamente um para o outro.

Também tem a lenda do Buraco do Judeu, que liga o Monte Aghá a Ilha dos Franceses. Esse buraco na verdade é um túnel que serviu para refugiar os holandeses durante a guerra contra os ingleses na tomada dessas terras.

A ilha dos Franceses também pertence a Itapemirim, e possui um farol que orienta as navegações da região.

O imponente Monte Aghá, com 360 m de altitude também pertence a esse município, apesar de ser o cartão postal de Piúma. Em uma fala de um Senhor, pai de aluno da comunidade de Piúma, nos ensina:

- Não sei porque essas pessoas brigam tanto por terra, de que adianta se a beleza cênica do Monte Aghá é nossa?



Lendas do Grupo de Marataízes

boneco Sr Jacinto

A lenda do português que se apaixonou por uma índia e raptou ela, e os outros índios, na tentativa de salvar ela, acabaram atirando nela. Então, ela morreu e saiu todo mundo gritando:

- Mataram a Isis! Mataram a Isis !

A Mesma história também é contada na versão de uma portuguesa que morava lá nas terras atualmente ocupadas por Marataízes, e os portugueses não gostavam que elas se envolviam com os índios nativos e a mataram. Os índios, num clamor de tristeza gritavam: Mataram a Isis !

FLORENTINA

O início dessa história é contado por uma estudante de baixa visão que fez questão de participar da oficina:

Piúma é um município pequeno, com cerca de 73 km², município cercado por 4 ilhas: Gambá, do Meio, Cabritos e Ilha dos Franceses. As principais atividades econômicas são a pesca e o turismo. Conhecida como a Cidade das Conchas, a cidade tem reconhecimento internacional por ter artesãos catadores de conchas em sua Orla. A produção do artesanato também é forte na região, um artesanato de peças em conchas.



Florentina 🧑

Grupo de Piúma- Florentina é uma catadora de conchas e seu marido é um pescador.

No momento da contação de histórias, outro começa a contar histórias a partir da personagem Florentina:

- Professora, eu tenho que falar com a voz dela?

Enquanto pesquisadora fiz minhas observações acerca da dificuldade de expressão e da necessidade de demonstrar de forma semelhante que o aluno sente nesse momento da apresentação. Esbarra-se com preconceitos que possam vir à tona, mas ele continua normalmente e a turma reagiu de modo natural. Além de estar presente a discussão de gênero na escola.

Segue a narrativa de outro aluno que também contou histórias do local a partir da personagem produzida, a Florentina:

- Bem, como vocês já sabem, meu nome é Florentina (**a turma dispara com altas risadas pois a voz do aluno estridente, assumindo a condição da personagem**), antigamente Piúma exportava café que era de Iconha. O café vinha de carro ou então de balsa pelos rios e assim, os navios eram feitos com nossa madeira. Com o tempo, o rio foi secando e os navios pararam de ser feitos.

Todo mundo que nascia em Piúma antigamente, nascia por parteiras, que elas eram de Iconha (**município vizinho**) e vinham para Piúma para tirarem os bebês. Normalmente eram duas, que tiravam os “carinhas”. Seus nomes eram D. Neucilia e D. Rosa.

Nesse momento, o professor pergunta sobre quem tinha contado essas histórias e ele prontamente responde:

- Meu avô. (Que é uma pessoa muito respeitada na sociedade Piumense).

-Agora vou contar as lendas principais: quando o pescador saía para pescar (aí o aluno se recorda que está falando por um personagem e reage de forma diferente) , ah! Quando meu marido saía para pescar a noite, eles passavam tarrafa⁵⁷ para pescar. Nesse momento a água batia no pescoço, mas existia um cara grandão que água nunca passou nem na canela dele. Dizem que ele toma conta do mar aqui em Piúma e ai de quem pescar errado.

A outra lenda é que os pescadores encontraram com dois pescadores que já tinham morrido. Eles se cumprimentaram, porque antigamente todo mundo era simpático (**muitas risadas na turma**). Depois que eles passaram por esses dois pescadores, eles lembraram que tinham morrido, e voltaram a olhar para trás , e eles tinham sumido. Esses eram dois pescadores que lutaram muito pela pesca da região.

⁵⁷Um tipo de rede de pesca.

Antigamente, por volta de onze horas ou meia noite, as luzes da cidade apagavam e era comum as pessoas ouvirem os assobios do saci Pererê.

Mas, a principal lenda é a do Padre que morreu atropelado na estrada que vai para o Monte Aghá. Esse padre assombra todo mundo pela madrugada . Com um cajado na mão, sendo ele muito alto e forte , confundia a noção dos motoristas que tinham que parar com ele na rua. Muitos da comunidade contam que já viveram essa cena.

Ensinar o que cremos como liberdade concedida ao educador ambiental. Processo que produz história que nos tira da produção das mesmas atividades e mesmas significações. Processo de produção que transporta para além das coisas possíveis de ser.

A questão está em como se manter essas práticas singulares em educação ambiental nesses espaços formativos ?

Articular a obras e textos, num modo de vida de vida consigo mesmo e com os outros , ou na invenção de espaços de vida e de liberdade de criação.

Por essas práticas singulares que “acontecem”, pensamos em nos situar não mais estamos no nível da representação e sim no nível da produção subjetiva coletiva, individuada, maquínica, que diz respeito a modos de expressão que passam tanto pela linguagem quanto pelas mais variadas semióticas .

3.3- BONS ENCONTROS E OUTRAS VIAS NA POSSIBILIDADE DA EXISTENCIA



Imagem 83: Tradicional ponto cultural de Cachoeiro de Itapemirim/ES.
Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim.

Na atitude piedosa de quem reza, e como que num hábito embaçado, pôs, naquele recanto, a natureza a figura de um frade recurvado. E sob um negro manto de tristeza, vê-se uma freira, tímida ao seu lado, que vive ali rezando, com certeza, uma oração de amor e de pecado. Diz a lenda - uma lenda que espalharam - que aqui, dentre os antigos habitantes, houve um frade e uma freira que se amaram. Mas que Deus perdoou lá do infinito. E eternizou o amor dos dois amantes. Nessas duas montanhas de granito.

Com o passar dos anos, esse amor foi registrado nos versos do poeta Benjamim Silva (1886 - 1954) com o soneto "O Frade e a Freira":

Sem conhecer efeitos e causas, as afecções conhecem as coisas pelos sentidos produzidos pelo corpo. Ao teorizar sobre o encontro, Deleuze (1992) descreve seu encontro potente com Espinoza ao descrever sobre o corpo, considera a alma no mesmo nível do corpo. Na produção do conhecimento, o encontro com a ética, a história e a cultura do local podem ser consideradas como possibilidades de encontro, não casuais, mas afectuosas do ponto de vista formativo. Nessa formação, imbricam-se multiplicidades positivas e negativas, que se engendram na disposição de potencialidade na comunidade.

A boa relação entre os corpos configura-se num bom encontro. Onde existe uma despotencialização das ações na tentativa de destruir, ou minimizar ações, temos a configuração de um mau encontro. Sucessões de ideias nascem dos encontros diários, favorecendo uma variação de potência em nosso viver. Força de existir, potência de agir, nessa variação contínua de força de agir de existir, temos o afeto. (DELEUZE, 1992).

Por esses bons encontros, cartografamos nessa tese movimentos/encontros potenciais na educação ambiental. Um fazer pela cultura na localidade. Para Certeau (2012), precisamos cartografar os lugares onde se encontram as resistências que restituam ao homem sua segunda dimensão cultural na sociedade industrial.

Artesanato em conchas sempre foi a tradição de uma das localidades dessa pesquisa, por isso, temos muitas imagens-narrativas desse fazer cultural e ambiental. Infelizmente, esse fazer cultural tem deixado de ser exercido pelos filhos dos artesãos que se iludem com a promessa e encanto gerado pelas empresas que estão no local. A *narrativa do artesão* de conchas confirma sua frustração:

Acordo as 6h da manhã para catar conchas e ainda sobrevivo disso. Minha irmã me acompanha, mas não temos muito apoio. Fabricaram tudo de plástico agora. Mesmo assim, aprendemos com nossos pais e vamos morrer fazendo isso.

Em seu lugar, habita no catador de conchas, o desejo de continuar e (re) existir. Sua felicidade consiste nesse fazer e ser artesão de conchas: acordar as 6h da manhã, mesmo que a lógica existente contradiga seu desejo pelo fazer e ser artesão no século XXI. Por esse prisma, Certeau (2012) descreve “trata-se de saber se a “verdade” social tem ou não um lugar; se as chances do homem são localizáveis; e, conseqüentemente, se a resistência ou a “grande recusa”, tem em algum lugar seu princípio, do qual dependeria o futuro”.

A sociedade, a partir de uma lógica ocidental produz a “verdade” e assinala efeitos. Nessa grande marcha social “ao compasso da verdade” (FOULCAULT, 1979), a produção discursiva passa como verdade que detém poderes específicos. “O problema é saber se a miséria deve ser explicada negativamente por uma proibição fundamental ou um interdito relativo a uma situação econômica”. .(p.2)

Aperfeiçoar a criação humana a partir de movimentos localizados e emergentes na comunidade local. Nascer novamente naqueles que fazem em suas menores proporções um fazer cultural criativo a partir do que temos tecido enquanto potência na educação ambiental do local. Uma relação harmônica, menos exploratória e degradante, mais sustentável nas relações. Façamos com que renasçam aqueles que a intolerância ou o esquecimento mataram; criemos outros novos. Assim, Certeau (2012, p. 65) contribui a transgressão pela educação ambiental:

Toda criação do espírito humano deve, para se aperfeiçoar, percorrer a três estágios: em primeiro lugar, concepção quase espontânea de um ideal nas imagens populares, isto é, tradição e inconsciência; depois, organização racional desse ideal na obra de gênio, isto é, consciência e artes; enfim, encarnação desse ideal na realidade, isto é, progresso social.

Pensar a cultura por *figuras estéticas*, Para Deleuze e Guattari (1992), as figuras estéticas são potências de afectos e perceptos. Os afectos não são afecções, porque eles não dependem de um sujeito que sente, os perceptos não são percepções, pois eles são independentes de um sujeito que as experimenta. “As sensações, percepções e afectos são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido”. Tais seres existem na ausência do homem, esse homem que surge

na tela ou que é fixado nas pedras, que aparece nas palavras. Este homem é o próprio personagem ou uma figura estética, isto é, um composto de afectos e perceptos.

A obra de arte e uma manifestação cultural é um puro ser de sensação, na medida em que ela existe em si mesma e por si mesma. O artista cria blocos de afectos e perceptos e obedece a uma única lei de criação: que o composto consiga se manter de pé sozinho. Essa é a dificuldade da arte, fazer com que o ato, segundo o qual o bloco de sensações é criado, se conserve em si mesmo.

Os afectos e perceptos são objeto de criação e não de uma descoberta, por isso remetem a um personagem que os tem em potência. As figuras estéticas são a própria condição segundo a qual o cinema, por exemplo, produz afectos e perceptos, as figuras estéticas são atitudes da sensibilidade, da imaginação, da memória, do pensamento, a ver e se desenvolver segundo perceptos e afectos. É desse modo que a experimentação produz afectos e perceptos e essa experimentação é inseparável dos personagens estéticos. Para Deleuze e Guattari(1992), *“A arte quer criar um finito que restitua o infinito. A arte traça o chamado plano de composição e faz isso pela invenção de suas figuras estéticas”*. Nesse plano de composição ,a sociedade tem se organizado para fazer sua história e descobrir quem são essas figuras na comunidade:



Segue narrativa da pesquisadora envolvida nesse grupo :

Criado por principalmente professores e amantes da cidade de Piúma, o Instituto Histórico e Geográfico de Piúma (IHGP) tem como principal objetivo o resgate da história e geografia de Piúma. Lembro-me do convite feito a mim, quatro anos atrás, pelo professor Leonardo Bourguinion (Professor de História e atualmente doutorando em História da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES). Fiz parte do IHGP desde a primeira reunião de fundação com mais doze componentes, na escola estadual do município- EEEFM “Professora Filomena Quitiba”. Ainda a maioria permanece e agregaram-se outras pessoas. A princípio identifiquei-me como um membro para movimentar as questões ambientais que dizia respeito ao município, até porque na época iniciei-me como mestrande e pesquisadora sobre as experiências educacionais de professores/as no meio ambiente piumense; além de lecionar na área das Ciências da Natureza e suas Tecnologias nas escolas municipais a quinze anos; e junto com outros colegas da área realizado alguns movimentos com alunos/as no local. Atualmente faço parte do instituto como vice presidente , junto com mais quinze membros, que reúnem-se na segunda semana de cada mês, promovendo eventos de exposição de painéis e artefatos sobre Piúma, movimentos em prol das questões emergentes *sociopolíticoeconômicoambientais* do local, como a revitalização da praia, propostas de lei municipal da preservação de imóveis antigos, abaixo assinados contra a corrupção, mobilização de centro cultural; e ainda edições de livros sobre a história local, de cartas e memórias de pessoas antigas da comunidade piumense. Acredito que nestes movimentos me realizei como pessoa, profissional, pesquisadora, de forma mais organizada e com forças e diversidade de visões, que se complementam em redes e relações uns com os outros num meio ambiente local.

(Denize Mezadri de Almeida)⁵⁸

Esse envolvimento na comunidade cria condições para fortalecer a perspectiva sociocultural e ambiental da localidade. Dependem de conhecimentos formais que circulem nos meios administrativos e burocráticos e dos conhecimentos produzidos fora desses meios, os saberes tradicionais. Para Santos (2005) essa é uma forma de integrar, de criar condições de abertura para além de uma racionalidade técnico-instrumental que fragmenta e dicotomiza os saberes tradicionais. O conhecimento popular complementa o conhecimento científico formal que, no campo da previsão, está longe de ser infalível e absoluto. Precisamos dessas iniciativas comunitárias,

⁵⁸Pesquisadora em Educação Ambiental do NIPEEA-UFES-ES. Autorizou a divulgação de seu nome nessa narrativa.

para afastar-nos de uma postura positivista e excludente para poder acolher novas perspectivas e interpretações.



Imagem 84: Educadores e outros membros da comunidade que integram o Instituto Histórico e Geográfico de Piúma.

Fonte: Instituto Histórico e geográfico de Piúma.

Para Santos (2005), há outra dimensão dos saberes populares. Os locais que visibilizam esses saberes assentam-se não só na capacidade de leitura e decodificação empíricas de sinais da natureza e sua transmissão social, mas também no fato de, para além de uma prática singular, a sua ritualização confere credibilidade aos olhos da comunidade, o que os torna poderoso elemento de mobilização popular para as ações de resposta preventiva de calamidade.

Uma comunidade mobilizada reage como sujeitos na interação e prima pelo reforço do poder local. Este pressupõe a procura de parcerias como forças locais para fortalecer o diálogo com essas empresas citadas na pesquisa, especialmente as audiências públicas.

Santos (2005) ainda conchama por um caminho ascendente por um “Estado-novíssimo-movimento-social”, que abre espaço à edificação de um estado em que a atual incidência na acumulação elitista da riqueza e o descomprometimento com o futuro sejam substituídos por preocupações com solidariedade, bem-estar e segurança. Uma segurança que permita prever com antecipação operacional, para atenuar os efeitos, e gerir com coerência os resultados tantas vezes catastróficos, como o que aconteceu aqui no ES, com o acidente Samarco/Vale.

Para Certeau (2012), a violência está marcada a fogo nessa “linguagem enferma”. A cultura é apontada por esse autor no plural: culturas. E configura-se como nova condição do discurso na sociedade e a desmistificação do poder.



Imagem 85: Festa das Canoas- Marataízes
Fonte: Prefeitura Municipal de Marataízes

Por essa “ nova linguagem de desmistificação do poder”, a cultura de Marataízes, através da Festa das Canoas problematiza essa linguagem enferma, como segue na narrativa de um morador de Marataízes sobre os movimentos culturais de sua comunidade:

A festa além de destacar a parte religiosa e festiva, tem como propósito resgatar duas antigas tradições folclóricas do Espírito Santo, o Jongô e a Folia de Reis, esquecidas com o passar dos anos., um levantamento é feito entre as famílias mais antigas de Marataízes na busca de recordações e pessoas que se disponham a ensinar as futuras gerações as cantigas e as danças. Todo o trabalho é tema das oficinas realizadas na Tenda Cultural. Uma exposição de fotos conta a história da Festa das Canoas ao longo dos anos. Além do resgate folclórico, na Tenda Cultural será centralizada diversas ações voltadas para a valorização dos pescadores e agricultores com palestras com profissionais qualificados que abordarão assuntos relacionados a agricultura orgânica e comercialização, micro crédito, políticas públicas para os pescadores, meio ambiente, reciclagem e arte.



Imagem 86: Subida ao Monte Aghá. “ Monte de Ver Deus”- Itapemirim/ES.
Fonte: Comitê de Educação Ambiental de Cachoeiro de Itapemirim/ES.



Imagem 87: Carnaval de Píuma de 2016.
Autoria: Arquivo Pessoal

Sucessões de ideias nascem dos encontros diários, favorecendo uma variação de potência em nosso viver. Força de existir, potência de agir e nessa variação contínua de força de agir de existir, temos o afeto. (DELEUZE, 1992) .

A imagem de cultura que temos deixado penetrar em nossas comunidades é detentora de desigualdades com interesses comerciais o que nos leva a refletir que precisamos criar possibilidades de (re) existências, pelas culturas e nossa comunidade. Que fazeres culturais nos potencializam/singularizam?

Segundo Certeau (2012);

O discurso político não revela os cálculos de que resulta, mas os serve. As ideologias repetem verdades que se tornaram não críveis, mas que são sempre distribuídas pelas instituições que delas se beneficiam. A publicidade soletra o paraíso que organiza nos bastidores uma tecnologia produtivista. Os meios de comunicação de massa internalizam transmissões anônimas, destinadas a todos e verdadeiras para ninguém, segundo a lei de um mercado dos significantes, que fornece uma rentabilidade indefinida aos seus encenadores e não pode proporcionar ao seu público senão o esquecimento. (p. 89).



Imagem 88: culinária capixaba.

Fonte: Festival dos Frutos do Mar de Itapemirm/ES.

Morin (2013) nos auxilia nessa compreensão, o fracasso de algumas localidades em relação à perda de seu potencial ambiental pode ser explicado por sua incapacidade de levar em conta as especificidades das culturas locais. Fala de uma reinvenção da economia no social e indica os novos princípios de governança; onde destacamos o princípio da pluralidade, em que fala da queda da hegemonia da pretensa racionalidade e o princípio de participação, onde os menos favorecidos socialmente, devem estar presentes nas instituições que os representam e nas instâncias de decisão, mediando o pleno reconhecimento de suas culturas.

Pela/ com/ na educação ambiental, especialmente na região Sul Capixaba, podemos pensar em outras vias indissociáveis e que, ao mesmo tempo, se cruzam. Inseparáveis de todas as vias reformadoras, como a regeneração do pensamento político, a política da humanidade, a política de civilização e com isso a regeneração da solidariedade e as reformas democrática, ecológica e, no núcleo existencial de todas as reformas, a reforma de vida.

MAR À VISTA... MAIS UM PORTO PARA ANCORAR!

Na despedida do texto da dissertação, discorreremos sobre a frase “*jogar a âncora por um momento*”, por entender que os processos contínuos, aqui denominados fluxos, fazem interstícios nos espaços e nas relações de poder configuradas no meio social. No momento, consideramos nessa tese a oportunidade de vislumbrarmos novos *fazeressaberespoderes* em educação ambiental através de práticas singulares sustentáveis tecidas e vividas na comunidade escolar. Ancoramos em mais um porto, porque a vida ainda nos levará em outras viagens. No momento, é hora de atracar! Laçar o barco aos aportes do cais.

Por uma sociologia das emergências, pela ecologia dos saberes com práticas que singularizam a partir de uma problematização das subjetivações impostas pelo capitalismo nos modos existenciais vigentes na comunidade. Assim, apostamos num plano de composição produtor de inventividades, fecundos na autonomia dos indivíduos que são potencializados na e pela ação em educação ambiental.

Nessa tese, percorremos espaços externos e internos de discussão e formação em educação ambiental. Pela cartografia rizomática, com os princípios teóricos em Deleuze e Guattari, e avançando o pensamento em relação as “Pistas do Método cartográfico”, contextualizamos com as narrativas dos educadores ambientais, pelas singularidades das práticas que encontramos na região Sul Capixaba. Pelas narrativas, adentramos um espaço propício para a pesquisa e escrita de uma composição cultural na relação potente com o local habitado.

Encontros com educadores ambientais que constituem um agenciamento na possibilidade de revertermos a produção discursiva capitalista que objetiva silenciar a comunidade por técnicas na esfera da tecnosfera, constituindo-se como agenciamentos maquínicos intencionais de articulação para o domínio social.

Problematizamos no capítulo 1 as relações de poder na comunidade a partir do conceito de panoptismo, de Foucault (1998). Nessa escrita, apresentamos o cenário

da região Sul Capixaba tomada por empreendimentos de cunho exploratório , modificando a cada dia o meio natural dessas localidades. Com o intuito de vigilância, alguns empreendimentos promovem uma relação de dominância sobre os moradores locais, com a promessa de bons empregos e uma vida econômica mais estável. Alguns fazeres se perdem em meio a essas metanarrativas, dentre elas, a do pescador e da marisqueira – saberes tradicionais na localidade. Os pais não querem mais que os/as filhos/as exerçam o mesmo ofício e assim, alguns fazeres tradicionais estão se perdendo ao logo do tempo. Os saberes dos artesãos também entram nesse jogo neoliberal e a subjetividade capitalística é a que domina as relações , descritas nas narrativas dos *sujeitos autopoieticos* nessa pesquisa.

Nas narrativas dos/das educadores/as ambientais e dos estudantes, percorremos por uma formação em Educação Ambiental no entrelaçamento com a cultura local e os movimentos da e na comunidade. Cartografamos os saberes ambientais e sustentáveis que emergem de grupos coletivos e o processo de tradução/negociação dos processos históricos/culturais da localidade na comunidade. Nosso envolvimento maior se deu em espaços instituintes/instituídos⁵⁹ denominados Comitês de educação ambiental do ES, em que pesquisamos os de Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim, no ES. Os fluxos nos remeteram a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “ Filomena Quitiba”, em Piúma , no ES.

Na Escola pesquisada, participamos de formações de educadores/as, aulas e outros momentos que entendemos como os agenciamentos que se dão na comunidade que potencializam a educação ambiental na comunidade/escola.

Educação ambiental como possibilidade de (re) existências, assim propomos a junção do termo para afirmação desse campo plural, polissêmico. Nesse sentido, não considerarmos como derrota a devastação do local, mas resistirmos ao poder na dialógica potente exercida nos encontros com educadores ambientais, nas formações dos docentes e nas aulas que acompanhamos nesse período da pesquisa.

⁵⁹ Anexo 4- portaria que institucionaliza os Comitês de educação ambiental no ES.

Na medida em que propomos um pensamento crítico, pelas criações coletivas, atitudes e interrelações, fortalecemos a participação comunitária no diálogo com os empreendimentos citados, que na tentam o domínio e transformação do local. Destacamos nesse contexto, a importância de promovermos práticas sustentáveis singulares nos processos educativos e formativos, para contribuir na melhoria da qualidade de vida, do nosso planeta, para o exercício de sustentabilidades em todos os seres das comunidades do litoral Sul Capixaba.

Nesse sentido, e ainda provocando pensamentos e práticas singulares sustentáveis propomos que as interações com a sociedade pela/com educação ambiental permitam a (re)existência de todas as formas de vida nessas comunidades. Com um dos intercessores teóricos dessa tese, nos despedimos dessa rica oportunidade, enquanto sujeito autopoietico na/pela/com a educação ambiental :

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui , no lugar em que está, a colocar a questão da revolução. (FOUCAULT, (1998, p. 9)

REFERENCIAS

ALVES, N. *Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. *Pesquisa nos/ dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DPetAliv, 2008.

ALVES, N. *Trajetórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ARAÚJO, Márcia Moreira de. *Educação ambiental numa simbiose com a tradição e história local na formação de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

BARROS, Manoel de, 1916- *Poesia completa / Manoel de Barros*. – São Paulo: Leya, 2010.

CASTOR, k. G. *Gira Mundos: a educação ambiental no mito e o mito na educação ambiental*. Tese de Doutorado, PPGE, UFES-ES: 2014.

CERTEAU, M. *A Cultura no Plural*, UGE, Paris, 2012.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

DELEUZE, G. (1968). (1969). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 199

_____. *¿Que és un dispositivo?*In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

DELEUZE,G;GUATTARI,F.; *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34,1997

_____; *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 3 . Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. – São Paulo: Ed. 34,1996. 120p.

_____; *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro : Ed. 34, 1995 94 p.

_____; *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DELEUZE E CLAIRE PARNET.*Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

_____. Gilles Deleuze, *Entrevista feita por Claire Claire Parnet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang*. Paris: Vidéo 202 Éditions Montparnasse, 1996.

DERRIDA, J. *Margem da filosofia*; tradução Joaquim Torres Costa, Antonio M. Magalhães; Campinas, SP: Papyrus, 1991.

DIEGUES, A. C.; PEREIRA E.B., *Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação*; In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, Editora UFPR : jul./dez. 2010.

FOUCAULT, *Estratégia Poder-Saber/Michel Foucault*; organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Vera Lúcia Avelar Ribeiro.- 2 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Dits et écrits II. (1976-1988)*. DÉFERT, D.; EWALD, F. (Eds.). Paris:Gallimard, 2001

_____, *Vigiar e punir. Nascimento da Prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 23a Ed. Vozes - RJ, 2000

_____, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998

_____, *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249.

_____, *M. Politics and the study of discourse*. In: URSHELL, G; GORDON, C; MILLER, P. (ed). *The Foucault's effect: studies in governmentality*. London: Harvester, 1991.

GALLO, S. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GODOY, A. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1999.

_____, *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papyrus, 1988.

GUATTARI, F. ROLNIK, *Micropolítica: cartografias do desejo*- 11 ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HART, Paul. *Narrativa, conhecimentos e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental: questões de qualidade*.In: GALIAZZI, M^a do Carmo,FREITAS,J. V(Orgs).Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental,UNIJUÍ,2005.

_____. *Teachers' thinking in environmental education: consciousness and responsibility*. New York: Peter Lang, 2003.

LINHARES ,Célia Frazão. *Formação de professores:uma crítica à razão e à política hegemônicas*. Rio de Janeiro:DP&A,2002.

LOUREIRO, Carlos F. *Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*.Campos Fortes.- Belo Horizonte:UFMG, 1998.

_____, Humberto; VARELA G., Francisco. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, E. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____, *O Método II: a vida da vida*/ Edgar Morin; tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____ *Introdução ao pensamento complexo*; tradução do francês Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____ *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO. 2003. p. 118.

MORIN, E; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PASSOS, L.A. *Estética da Carta da Terra: pelo prazer de com-viver!*. In SATO, M; MALDONADO, C.A.orgs. Valores e princípios da Carta da Terra. São Paulo, Cortez. 2001.

PASSOS, E. KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Sujeição e singularidade nos processos de subjetivação*. *Ágora*. RJ, v. 7, n.1, 2004.

PREVE, M. H. [et al.], *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

SANTOS, B. S. *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*/ Boaventura de Sousa Santos.- 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Reinventar a democracia*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva. 2002

_____. *A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da Experiência*. São Paulo: Cortez.2000

SATO, M. *Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa*.In: ABÍLIO, F.(Org.) *Educação Ambiental para o Semiárido*. João Pessoa: EdUFPB, p. 539-569,2011.

_____, “ Debatendo os desafios da educação ambiental”. In I Congresso de educação ambiental Pró Mar de Dentro. Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 2001.

SATO, Michèle; SANTOS, José Eduardo. *Tendências nas pesquisas em educação ambiental*. In NOAL, F.; BARCELOS, V.; REIGOTA, M. (Orgs.) *Construindo a Educação Ambiental*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2003 (no prelo).

SAWAIA, B. B. *O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade* (7ª ed., pp. 97-119). Petrópolis, RJ: Vozes,2007.

SORRENTINO, M. *Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta*. IN: LOUREIRO, Et al. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*- 2 ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

ESPINOZA. *Ética*, Tradução de Antônio Simões. São Paulo: Abril Cultural, 3 ed. 1983.

TRISTÃO, M. *Educação Ambiental e o Pós Colonialismo*. Revista de educação pública, Cuiabá. v 23, n 53/ 2, p. 473 – 489. maio / agosto, 2014. A

_____. *Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental*. Revista Brasileira de Educação 2013 18(55). Revista Brasileira de Educação.V.18, n. 55, 847 - 860, 2013.

_____. *A educação ambiental e o paradigma da sustentabilidade em tempos de globalização*. In: GUERRA, A. F.; FIGUEIREDO, M. L. *Sustentabilidades em diálogos*. Itajaí: Editora da Univali, 2010. p. 157-172.

_____. *Processo Formador em Educação Ambiental a distância: módulo 1 e 2: educação a distância, educação ambiental*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. 140p.

_____. *A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2007.

_____. *Enunciações das narrativas sobre educação ambiental dos sujeitos praticantes*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, ANPED, 2007.

_____. *A educação ambiental na formação de professores: rede de saberes*. São Paulo: Annablume, Vitória: Facitec, 2004.

_____. *As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento*. In: Ruscheinsky, A. Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRISTÃO, M; FASSARELA, R. *Contextos de aprendizagem*. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA,DEA, 2007. 358p.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. 3ª Ed.- Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

ANEXOS

ANEXO 1

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL

Este Tratado, assim como a educação, é um processo dinâmico em permanente construção. Deve, portanto propiciar a reflexão, o debate e a sua própria modificação. Nós signatários, pessoas de todas as partes do mundo, comprometidos com a proteção da vida na Terra, reconhecemos o papel central da educação na formação de valores e na ação social. Comprometemo-nos com o processo educativo transformador através do envolvimento pessoal, das nossas comunidades e nações para criar sociedades sustentáveis e equitativas. Assim, tentamos trazer novas esperanças e vida para o nosso pequeno, tumultuado, mas ainda assim belo planeta.

I – INTRODUÇÃO

Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si uma relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e planetário.

Consideramos que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo

de civilização dominante, que se baseia em superprodução e super consumo para uns e subconsumo e falta de condições para produzir, por parte da grande maioria.

Consideramos que são inerentes à crise, a erosão dos valores básicos e a alienação, e a não participação da quase totalidade dos indivíduos na construção do seu futuro.

É fundamental que as comunidades planejem e implementem as suas próprias alternativas às políticas vigentes. De entre estas alternativas está a necessidade de abolição dos programas de desenvolvimento, ajustes e reformas econômicas que mantêm o atual modelo de crescimento com os seus terríveis efeitos sobre o ambiente e a diversidade de espécies, incluindo a humana.

Consideramos que a educação ambiental deve gerar com urgência mudanças na qualidade de vida e maior consciência da conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida.

II - PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL

1. A educação é um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores.
2. A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, nos seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.
3. A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.
4. A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social.

5. A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.
6. A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas.
7. A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e interrelações em uma perspectiva sistêmica, em seus contextos sociais e históricos. Aspectos primordiais relacionados com o desenvolvimento e o ambiente, tais como população, saúde, democracia, fome, degradação da flora e fauna devem ser abordados dessa maneira.
8. A educação ambiental deve facilitar a cooperação mútua e equitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas.
9. A educação ambiental deve recuperar, reconhecer, respeitar, refletir e utilizar a história indígena e culturas locais, assim como promover a diversidade cultural, linguística e ecológica. Isto implica uma revisão da história dos povos nativos para modificar os enfoques etnocêntricos, além de estimular a educação bilíngüe.
10. A educação ambiental deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promover oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isto implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos.
11. A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.
12. A educação ambiental deve ser planejada para capacitar as pessoas a trabalharem os conflitos de maneira justa e humana.
13. A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender

às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião, de classe ou mentais.

14. A educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e o seu comprometimento com os interesses de todos os sectores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável, e os meios de comunicação de massa devem ser transformados num canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores.

15. A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

16. A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar os seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.

III - PLANO DE AÇÃO

As organizações que assinam este tratado propõem-se implementar as seguintes diretrizes:

1. Transformar as declarações deste Tratado e dos demais produzidos pela Conferência da Sociedade Civil durante o processo da Rio 92 em documentos a serem utilizados na rede formal de ensino e em programas educativos dos movimentos sociais e das suas organizações.

2. Trabalhar a dimensão da educação ambiental para sociedades sustentáveis em conjunto com os grupos que elaboraram os demais tratados aprovados durante a Rio 92.
3. Realizar estudos comparativos entre os tratados da sociedade civil e os produzidos pela Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento - UNCED; utilizar as conclusões em ações educativas.
4. Trabalhar os princípios deste tratado a partir das realidades locais, estabelecendo as devidas conexões com a realidade planetária, objetivando a tomada de consciência para a transformação.
5. Incentivar a produção de conhecimento, políticos, metodologias e práticas de Educação Ambiental em todos os espaços de educação formal, informal e não formal, para todas as faixas etárias.
6. Promover e apoiar a capacitação de recursos humanos para preservar, conservar e gerir o ambiente, como parte do exercício da cidadania local e planetária.
7. Estimular posturas individuais e coletivas, bem como políticas institucionais que revisem permanentemente a coerência entre o que se diz e o que se faz, os valores de nossas culturas, tradições e história.
8. Fazer circular informações sobre o saber e a memória populares; e sobre iniciativas e tecnologias apropriadas ao uso dos recursos naturais.
9. Promover a co-responsabilidade dos gêneros feminino e masculino sobre a produção, reprodução e manutenção da vida.
10. Estimular a apoiar a criação e o fortalecimento de associações de produtores e de consumidores e redes de comercialização que sejam ecologicamente responsáveis.
11. Sensibilizar as populações para que constituam Conselhos populares de ação, ecológica e gestão do Ambiente visando investigar, informar, debater e decidir sobre problemas e políticas ambientais.

12. Criar condições educativas, jurídicas, organizacionais e políticas para exigir dos governos que destinem parte significativa de seu orçamento à educação e meio ambiente.
13. Promover relações de parceria e cooperação entre as ONG e movimentos sociais e as agências da ONU (UNESCO, PNUMA, FAO entre outras), a nível nacional, regional e internacional, a fim de estabelecerem em conjunto as prioridades de ação para educação, meio ambiente e desenvolvimento.
14. Promover a criação e o fortalecimento de redes nacionais, regionais e mundiais para a realização de ações conjuntas entre organizações do Norte, Sul, Leste e Oeste com perspectiva planetária (exemplos: dívida externa, direitos humanos, paz, aquecimento global, população, produtos contaminados).
15. Garantir que os meios de comunicação se transformem em instrumentos educacionais para a preservação e conservação de recursos naturais, apresentando a pluralidade de versões com fidedignidade e contextualizando as informações. Estimular transmissões de programas gerados pelas comunidades locais.
16. Promover a compreensão das causas dos hábitos consumistas e agir para a transformação dos sistemas que os sustentam, assim como para com a transformação de nossas próprias práticas.
17. Buscar alternativas de produção auto gestionária e apropriadas econômica e ecologicamente, que contribuam para uma melhoria da qualidade de vida.
18. Atuar para erradicar o racismo, o sexismo e outros preconceitos; e contribuir para um processo de reconhecimento da diversidade cultural dos direitos territoriais e da autodeterminação dos povos.
19. Mobilizar instituições formais e não formais de educação superior para o apoio ao ensino, pesquisa e extensão em educação ambiental e a criação, em cada universidade, de centros interdisciplinares para o meio ambiente.
20. Fortalecer as organizações e movimentos sociais como espaços privilegiados para o exercício da cidadania e melhoria da qualidade de vida e do ambiente.

21. Assegurar que os grupos de ecologistas popularizem suas atividades e que as comunidades incorporem em seu cotidiano a questão ecológica.

22. Estabelecer critérios para a aprovação de projetos de educação para sociedades sustentáveis, discutindo prioridades sociais junto às agências financiadoras.

IV - SISTEMA DE COORDENAÇÃO, MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

Todos os que assinam este Tratado concordam em:

1. Difundir e promover em todos os países o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e responsabilidade Global através de campanhas individuais e coletivas, promovidas por ONG, movimentos sociais e outros.

2. Estimular e criar organizações, grupos de ONG e Movimentos Sociais para implantar, implementar, acompanhar e avaliar os elementos deste Tratado.

3. Produzir materiais de divulgação deste tratado e de seus desdobramentos em ações educativas, sob a forma de textos, cartilhas, cursos, pesquisas, eventos culturais, feiras de criatividade popular, correio eletrônico e outros.

4. Estabelecer um grupo de coordenação internacional para dar continuidade às propostas deste Tratado.

5. Estimular, criar e desenvolver redes de educadores ambientais.

6. Garantir a realização, nos próximos três anos, do 1º Encontro Planetário de educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis.

7. Coordenar ações de apoio aos movimentos sociais em defesa da melhoria da qualidade de vida, exercendo assim uma efetiva solidariedade internacional.

8. Estimular articulações de ONG e movimentos sociais para rever estratégias de seus programas relativos ao meio ambiente e educação.

V - GRUPOS A SEREM ENVOLVIDOS

Este Tratado é dirigido para:

1. Organizações dos movimentos sociais-ecologistas, mulheres, jovens, grupos étnicos, artistas, agricultores, sindicalistas, associações de bairro e outros.
2. ONG comprometidas com os movimentos sociais de caráter popular.
3. Profissionais de educação interessados em implantar e implementar programas voltados para a questão ambiental tanto nas redes formais de ensino, como em outros espaços educacionais.
4. Responsáveis pelos meios de comunicação capazes de aceitar o desafio de um trabalho transparente e democrático, iniciando uma nova política de comunicação de massas.
5. Cientistas e instituições científicas com postura ética e sensíveis ao trabalho conjunto com as organizações dos movimentos sociais.
6. Grupos religiosos interessados em atuar junto às organizações dos movimentos sociais.
7. Governos locais e nacionais capazes de atuar em sintonia/parceria com as propostas deste Tratado.
8. Empresários (as) comprometidos (as) em atuar dentro de uma lógica de recuperação e conservação do meio ambiente e de melhoria da qualidade de vida, condizentes com os princípios e propostas deste Tratado.
9. Comunidades alternativas que experimentam novos estilos de vida condizentes com os princípios e propostas deste Tratado.

VI - RECURSOS

Todas as organizações que assinam o presente Tratado se comprometem:

1. Reservar uma parte significativa de seus recursos para o desenvolvimento de programas educativos relacionados com a melhoria do ambiente e com a qualidade de vida.

2. Reivindicar dos governos que destinem um percentual significativo do Produto Nacional Bruto para a implantação de programas de Educação Ambiental em todos os setores da administração pública, com a participação direta de ONG e movimentos sociais.
3. Propor políticas econômicas que estimulem empresas a desenvolverem aplicarem tecnologias apropriadas e a criarem programas de educação ambiental parte de treinamento de pessoal e para comunidade em geral.
4. Incentivar as agências financiadoras a alocarem recursos significativos a projetos dedicados à educação ambiental: além de garantir sua presença em outros projetos a serem aprovados, sempre que possível.
5. Contribuir para a formação de um sistema bancário planetário das ONG e movimentos sociais, cooperativo e descentralizado que se proponha a destinar uma parte de seus recursos para programas de educação e seja ao mesmo tempo um exercício educativo de utilização de recursos financeiros.

Junho 1992⁶⁰

⁶⁰ FONTE: Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis- Site do Ministério de Meio Ambiente.–<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=73>

ANEXO 2

Redes que integram a REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (REBEA)

REDES TERRITORIAIS (Regionais e Locais)- ATIVAS EM 2015

Rede de Educação Ambiental do Rio de Janeiro – REARJ

Rede Capixaba de Educação Ambiental – RECEA

Rede de Educação Ambiental de São Carlos – REA-SC

Rede Mineira de Educação Ambiental – RMEA

Rede Paulista de Educação Ambiental – REPEA

Rede de Educação Ambiental da Bacia do Rio São João – REAJO

Rede de Educação Ambiental da Região dos Lagos – REA-LAGOS

Rede de Educadores Ambientais da Baixada Fluminense (RJ)

Rede de Educadores Ambientais da Baixada de Jacarepaguá (RJ)

Rede Estrada Parque – Barbacena (MG)

Rede de Educadores Ambientais de Niterói e Leste da Baía de Guanabara (RJ)

Rede de Educação Ambiental de Rio das Ostras (RJ)

Rede de Educadores Ambientais do Médio Paraíba do Sul (RJ)

Rede de Educação Ambiental do Litoral Norte (SP)

Rede de Educação Ambiental de Ribeirão Preto – Rede Proseando (SP)

Rede de Educação Ambiental da Baixada Santista (SP)

Rede 500 Caipiras

Rede de Educação Ambiental da Serra dos Órgãos (RJ)

Rede Baiana de Educação Ambiental – REABA

Rede de Educação Ambiental da Paraíba – REAPB

Rede de Educação Ambiental de Pernambuco – REAPE

Rede de Educação Ambiental de Sergipe – REASE

Rede Alagoana de Educação Ambiental – REAL

Rede de Educação Ambiental do Rio Grande do Norte – REARN

Rede de Educação Ambiental do Maranhão – REAMA

Rede Nordestina de Educação Ambiental

Rede Cearense de EA

Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental – REMTEA

Rede de Educação e Informação Ambiental de Goiás – REIA-GO

Rede Pantanal de Educação Ambiental – AGUAPÉ

Rede de Educação Ambiental do Distrito Federal

Rede de Educação Ambiental do Cerrado – REA Cerrado

Rede de Educação Ambiental de Mato Grosso do Sul – REAMS

Rede de Educação Ambiental do Estado do Pará – REDEPAEA

Rede Acreana de Educação Ambiental – RAEA

Rede Carajás de Educação Ambiental

Rede de Educadores Ambientais da BR 222 (PARÁ E MARANHÃO)

Rede de Educação Ambiental de Rondônia – REARO

39. Rede Voluntária de Educação Ambiental (Belém- PA)

Rede Educação Ambiental da Bacia do Itajaí – REABRI

Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental – REASUL

Rede de Educação Ambiental Linha Ecológica / Bacia Hidrográfica do Rio Paraná III
– Linha Ecológica

Rede Paranaense de Educação Ambiental – REA-PR

Rede Regional de Educação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos

Rede de Educação Ambiental Gaúcha Integradora – REAGI

REDES TEMÁTICAS

Rede Materiais de Educação Ambiental

Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade – REJUMA

Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis – RUPEA

REDE DO LAGO (Rede de diálogos entre facilitadores de várias redes estaduais/territoriais)

Rede de Educação Ambiental Escolar IIDEA (RJ)

REDE ESCOLA (MT)

REATur

Rede ECOSURFI

Rede de Centros de Educação Ambiental – REDE CEAS

REBECA

REDE GEAI

Rede de Educação Ambiental do Ensino Superior do Espírito Santo – Teia Universitária

Rede Universitária de Educação e Meio Ambiente de Brasília – RUEMA

REACOMAR

Rede Olhares da Juventude

REDES INTERNACIONAIS

Rede Lusófona de Educação Ambiental – REDELUSO

Rede Amazônica de Educação Ambiental – RAMEA

Rede Latino-Americana de Educação Ambiental – EALatina

Fonte: Rede Brasileira de Educação Ambiental

ANEXO 3

CARTA ABERTA SOBRE A SITUAÇÃO AMBIENTAL COM A INSTALAÇÃO PORTUÁRIA NA REGIÃO SUL CAPIXABA

Exma. Ministra Isabella Teixeira, Ministra do Meio Ambiente

Exma. Ministra Miriam Belchior, Ministra do Planejamento

Exmo. Sr. César Augusto Rabello Borges - Ministro de Estado Chefe da
Secretaria de Portos da Presidência da República

**CC: Sr. Volney Zanardi Junior – Presidente do Instituto BrasiNeleiro do
Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama)**

Cumprimentando-os respeitosamente, vimos por meio desta, expressar nossa visão e preocupação a respeito do planejamento de novos e ampliação dos já existentes portos brasileiros.

Recentemente, temos testemunhado graves irregularidades em nossa zona costeira que estão trazendo danos irreparáveis para as comunidades tradicionais e, sem dúvida, irão acarretar problemas futuros para o desenvolvimento do país em termos socioambientais e econômicos, trazendo ineficiência inclusive para o setor portuário.

A ausência do uso de uma ferramenta moderna de planejamento estratégico ambiental, espacial e integrado faz com que os portos sejam pensados no varejo, em projetos eleitoreiros e sem considerar a sustentabilidade como um valor essencial à construção de uma potência, não apenas econômica, mas também ambiental e que contemple a diversidade cultural da população.

Não há dúvidas que hoje ainda existem gargalos para a eficiência dos portos brasileiros e que a lei 12.825 de 05 de junho de 2013 (oriunda da discussão da MPdos Portos) veio para tentar diminuir lacunas e ampliar investimentos públicos e

privados modernizando o setor no país. Mesmo assim, ainda devem ser tomadas medidas para avançar na estrutura portuária garantindo maior participação da sociedade.

No entanto, sem ampliar e fortalecer a estrutura em termos de recursos humanos e financeiros no setor de licenciamento, fica impossível garantir aceleridade sem diminuir a qualidade dos processos. Para que o Brasil mantenha seu destaque no cenário internacional é fundamental respeitar as aptidões regionais e as vocações locais e pensar um projeto de Brasil moderno com a construção de marcos regulatórios que conciliem os objetivos de avanço econômico com a preservação ambiental e a equidade social. É preciso também criar mecanismos para conferir maior proteção, autonomia e participação social nos processos de licenciamentos, para que o rigor técnico e princípios de proteção e segurança não estejam reféns do corriqueiro tráfico de influência e interesses eleitoreiros.

Até o momento, não se nota entre as prioridades do governo a inclusão do valor sustentabilidade no que se refere à questão portuária, muito pelo contrário. O desenvolvimento sustentável e o planejamento estratégico parecem ser duas ferramentas praticamente inexistentes no setor. E o processo de licenciamento ambiental uma ferramenta meramente protocolar a serviço de projetos eleitoreiros. A maior prova disso é que existem áreas no litoral brasileiro que possuem aptidões naturais para a conservação ambiental e desenvolvimento de atividades ou negócios sustentáveis como a geração de emprego e renda e valorização das comunidades locais. Na ausência de um planejamento, essas características são desperdiçadas com construções portuárias, como é o caso do plano de construção do Porto Sul na Bahia, o Porto Açú no Rio de Janeiro, Porto de Pontal do Paraná, o Porto Mar Azul na Baía da Babitonga em Santa Catarina, Porto de Goiana em Pernambuco e as dezenas de portos pleiteados para o litoral do Espírito Santo, como é o caso do Porto Norte Capixaba, em Linhares. Para além dos planos de construção de novos portos, ainda seguem em tramitação processos controversos de ampliação como é o caso do Porto de São Sebastião, no litoral de São Paulo e o exemplo do Porto de Suape em Pernambuco.

Todas essas áreas são consideradas pelo próprio Ministério do Meio Ambiente no documento Avaliação de Áreas prioritárias para a Conservação (2007) como “importância muito alta” ou “extremamente alta para a conservação”. E é neste sentido, que reiteramos a importância de considerar os atributos naturais como fatores principais e com o destaque merecido nos processos de licenciamento.

Ressaltamos também que, para alguns desses projetos existem alternativas com orçamentos mais baixos, mas que requerem revisão de políticas em marcha, como é o caso do Porto Sul. Estudos apontam que a modernização dos portos já existentes, pode maximizar sua capacidade e diminuir seus impactos ambientais, possibilitando menor risco para o ecossistema e para as populações tradicionais que habitam em suas proximidades. **Contudo é preciso rediscutir o modelo de desenvolvimento, utilizando-se de planos estratégicos que reavaliem as matrizes industriais a partir de um diálogo amplo e aberto com a sociedade.** Sem participação social nas decisões estratégicas não avançaremos na consolidação da democracia e na construção de um país soberano e sustentável.

Uma grande potência como o Brasil não pode desperdiçar suas riquezas, sejam elas econômicas, sociais, culturais ou ambientais. É preciso saber aproveitar as oportunidades para se desenvolver, mas não a qualquer custo. Um país como o Brasil não pode mais ignorar os limites ecológicos, pois exaurindo os recursos naturais e destruindo ecossistemas importantes, não será possível garantir equidade social, desenvolvimento sustentável e muito menos prosperidade econômica.

É nesse sentido que as entidades abaixo-assinadas expressam preocupação com a ocupação costeira desordenada e com a manutenção dos serviços ambientais providos por essas regiões. Reconhecemos a necessidade de aprimoramento do setor portuário, mas o mesmo não será feito sem a construção de processos participativos e democráticos, modernos e eficientes, para promover um futuro ambientalmente sustentável e socialmente justo.

Contamos com especial atenção deste Ministério do Meio Ambiente e pedimos que formule, em conjunto com o CONAMA, procedimentos para a adoção da Avaliação Ambiental Estratégica e Integrada para projetos portuários e de demais

empreendimentos de relevância e impacto nacional. Também que promova mecanismos mais amplos de participação social como audiências públicas específicas, informadas e vinculadas para tratar deste tema, em nível nacional, bem como no âmbito dos estados. Respeitosamente, apresentamos nossos questionamentos e propostas e aguardamos o devido tratamento por parte deste ministério.

Fundação SOS Mata Atlântica

WWF-Brasil

Instituto Bioma Brasil

Associação Ambiental Voz da Natureza

Instituto Albatroz

Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Instituto Floresta Viva

Ilhabela.org

Instituto Gondwana

Associação Cunhambebe da Ilha Anchieta

RPPN Rizzieri

Instituto Eco-Solidário

Instituto Ambiental Ponto Azul

Instituto Educa Brasil

Instituto Ilhabela Sustentável

Instituto de Preservação Costeira

Instituto Bonete

Associação dos Amigos da Praia de Camburi –EX

Fórum Popular em Defesa de Vila Velha:

FAMOPES - Federação das Associações de Moradores e Movimentos Populares do Estado do ES.

AVIDA-PE

AMECA- Associação Movimento Ecológico Carijós - São Francisco do Sul – SC

Associação Global Garbage – Brasil

Coletivo Memórias do Mar

Conselho Pastoral dos Pescadores
Associação Amigos da Prainha do Canto Verde
Associação Civil Greenpeace
Coletivo Internacional de apoio a Pesca Artesanal - ICSF, Brasil
Instituto MARAMAR
Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC) / Projeto Pesquisa-Ação na Cadeia Produtiva da Pesca (PAPESCA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Movimento Nacional dos Pescadores – MONAPE
Associação Ação Ilhéus
Conservação Internacional
Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - IBASE
Mater Natura - Instituto de Estudos Ambientais
Grupo Ambientalista da Bahia – GAMBÁ
Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ
Instituto Nossa Ilhéus – INI
Instituto Arapyaú de Educação e Desenvolvimento Sustentável
Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental – SPVS
Rede Nacional Pró Unidades de Conservação – Rede Pro-UC
Associação Mar Brasil
Observatório de Conservação Costeira do Paraná - OC2

ANEXO 4

PORTARIA Nº 235-R, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2014.

Institui os Comitês Regionais de Educação Ambiental

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere a Lei nº 3.043/75, e CONSIDERANDO,

- As disposições constantes nos Artigos 205 e 225, § 1º, sessão VI da Constituição Federal, a Lei Federal nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e o Decreto Federal nº 4.281/2002, que a regulamenta;
- A Política Estadual de Educação Ambiental, Lei nº 9.265/2009;
- O Decreto nº 3181-R, de 20 de dezembro de 2012, que cria a Comissão Permanente do Órgão Gestor da Política Estadual de Educação Ambiental e a define, juntamente com a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Espírito Santo (CIEA/ES), como responsável por promover ações de implementação da Política Estadual de Educação Ambiental;
- As ações desempenhadas pela Comissão Organizadora Estadual das etapas estaduais da Conferência Nacional Infanto juvenil pelo Meio Ambiente - COE e as ações articuladas das Comissões Organizadoras Regionais - CORs no processo das Conferências;
- As manifestações E as contribuições provenientes da participação de representantes de organizações ambientalistas e governamentais, profissionais da educação, pesquisadores e de entidades da sociedade civil na implementação da Educação Ambiental,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir os Comitês Regionais de Educação Ambiental, que terão como objetivo principal planejar, coordenar, implementar e enraizar a Política Estadual de Educação Ambiental e as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental, em conformidade com a Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012.

§ 1º Os Comitês Regionais de Educação Ambiental serão constituídos a partir de cada Superintendência Regional de Educação, totalizando 11 Comitês aos quais caberá convidar as instituições, organizações e entidades localizadas sob a jurisdição da Superintendência Regional de Educação.

§ 2º A Coordenação dos Comitês Regionais ficará a cargo dos técnicos referência em Educação Ambiental das Superintendências Regionais de Educação.

§ 3º A coordenação dos Comitês Regionais da Superintendência Regional de Educação organizará o registro escrito e fotográfico das reuniões e direcionará os encaminhamentos.

Art. 2º A Coordenação Estadual dos Comitês Regionais de Educação Ambiental será exercida pela Assessoria de Apoio Curricular e Educação Ambiental - SEDU e sua competência é apoiar administrativamente o desenvolvimento das ações, o que consiste em acompanhar as reuniões dos Comitês, com tomadas de decisões cabíveis para o andamento das ações de implementação e consolidação da Política de Educação Ambiental.

Art. 3º Aos Comitês Regionais de Educação Ambiental compete:

I - Elaborar seu Plano de Ação Anual para debater, encaminhar propostas, promover estudos e pesquisas, produzir mapeamentos, dentre outras ações que possam contribuir para a consolidação do enraizamento da Educação Ambiental;

II - Realizar o monitoramento dos programas, projetos e ações de Educação Ambiental nos espaços escolares e não escolares;

III - Promover momentos formativos de Educação Ambiental nas regiões;

IV - Dar suporte técnico para as escolas no desenvolvimento de programas, projetos e ações de Educação Ambiental;

V - Participar de todo o processo de elaboração do Programa Estadual de Educação Ambiental e de sua implementação no território de atuação;

VI - Subsidiar a elaboração de políticas públicas para a Educação Ambiental por meio da Política Estruturante Articulada entre Estado e Municípios;

VII - Coordenar as etapas do processo de Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente;

VIII - Coordenar e monitorar as ações do PDDE Escolas Sustentáveis;

IX - Atender a outras atribuições que forem definidas após sua constituição.

Art. 4º Os Comitês Regionais de Educação Ambiental serão compostos por dois representantes, sendo um titular e um suplente, das seguintes instituições:

I - Superintendências Regionais de Educação - SRE/SEDU;

II - Secretaria Municipal de Educação;

III - Secretaria Municipal de Meio Ambiente;

IV - Secretaria Municipal de Agricultura;

V - Instituições governamentais e não governamentais dos municípios da jurisdição da SER que se interessam, estudam e desenvolvem ações de Educação Ambiental.

Parágrafo único. Os representantes, titulares e suplentes, serão indicados pelos dirigentes e de seus respectivos órgãos e entidades à Coordenação dos Comitês mediante ofício.

Art. 5º Os Comitês Regionais de Educação Ambiental reunir-se-ão, de forma ordinária, mensalmente, ou de forma extraordinária, por convocação de seu Coordenador, em locais e horários a serem definidos.

Art. 6º A atuação dos Comitês Regionais de Educação Ambiental nas ações de implementação e enraizamento da Educação Ambiental no Estado do Espírito Santo será considerada de relevante interesse público.

Parágrafo único. A participação nos Comitês Regionais de Educação Ambiental não será remunerada.

Art. 7º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Vitória, 29 de dezembro de 2014.

Fonte: Diário Oficial do Estado do Espírito Santo, em 02 de Janeiro de 2015, pag.29.